

Candidatos à Presidência da Câmara de Lisboa falam ao "DL"

Hoje Homem da APU diz o que quer



A seguir:

Entrevistas com Eduardo Pereira e Krus Abecasis

O «DL» publica hoje a primeira de três entrevistas com os candidatos da APU, do PS e da AD à presidência da Câmara de Lisboa. São eles, respectivamente, o tenente-coronel Alfredo Moura e os engenheiros Eduardo Pereira e Nuno Krus Abecasis.

O candidato da APU, cuja entrevista publicamos hoje, é um tenente-coronel na reserva que integra as listas daquela coligação como independente. A questão, para ele, é que não é o único. Os seus companheiros de lista são igualmente independentes em 51 por cento dos casos.

Alfredo Moura, um gestor por formação desde que começou a estudar nos Pupilos do Exército, atingiu o posto de tenente-coronel e passou à reserva. «Sou naturalmente discreto», diz, quando lhe recordamos que é quase geral o esquecimento de que foi ministro do V Governo Provisório.

Páginas 6 e 7



Pré-campanha das Autárquicas Comissão Nacional de Eleições “preocupada” com critérios da Televisão

A Comissão Nacional de Eleições deliberou ontem, por unanimidade, expressar preocupação pelo critério que a RTP tem assumido nos debates sobre as eleições autárquicas, «para que são convidados somente candidatos de algumas forças concorrentes».

A CNE deliberou ainda reafirmar «ser desejável que os órgãos de Comunicação Social estatizados assegurem a igualdade de tratamento de candidaturas, nesta fase anterior à campanha eleitoral».

A APU, por seu lado, reafirmou ontem o protesto por ter sido excluída do debate sobre as eleições autárquicas em Coimbra e reclamou, de novo, a sua participação nos anunciados debates sobre as eleições no Porto (marcado para amanhã) e em Lisboa (no próximo dia 25). Segundo a APU, a opção da televisão em convidar apenas duas forças políticas para participarem em debates de audiência nacional, excluindo-a de debates transmitidos pela RTP/1, representa uma «mistificação e falseamento do quadro político e eleitoral português, numa tentativa ilegítima de, em pleno período pré-eleitoral, condicionar a opinião e o voto dos cidadãos».

A APU salientou ainda que o facto de ter sido convidada, pela RTP, a participar em debates sobre as eleições em Évora e Montijo, a serem transmitidos no canal 2, significa uma «insistência num critério inaceitável, ilegal e reprovável». As outras forças políticas que em conjunto com a APU, participarão naqueles debates são, respectivamente, o PSD e o PS.

Gromiko-Huang Hua: “diálogo deve continuar”

O comunicado final ontem emitido em Moscovo depois de um encontro entre o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Andrei Gromiko, e o seu homólogo chinês Huang Hua, refere que o diálogo, há pouco rei-

niciado entre os dois países, deve continuar. Embora a agência soviética TASS o tenha classificado como «um curto encontro», fontes governamentais e observadores de Moscovo dão a maior importância a esta reu-

nião. Entretanto, em Pequim, o homem «forte» da China, Deng Xiaoping, ao receber uma delegação do Partido Socialista Japonês, mostrou-se favorável ao diálogo sino-soviético, reafirmando, contudo, as condições

do seu país: o fim da concentração de tropas soviéticas junto às fronteiras da China, a intervenção do Exército Vermelho no Afeganistão e o apoio ao Vietname no Kampuchea.

Pág. 12.

Na Conferência de Madrid PSOE aproxima-se das posições da NATO

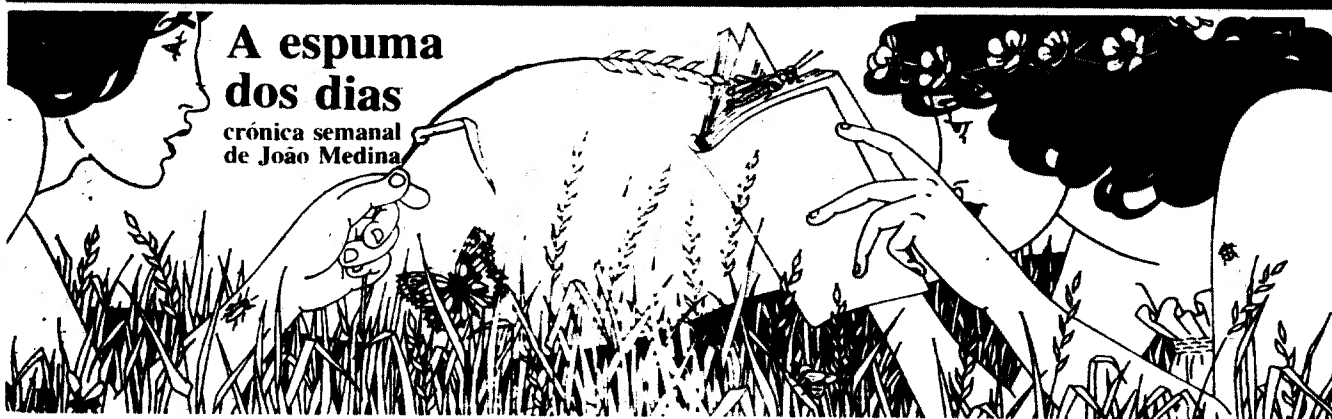
Págs. centrais

“Meia derrota” portuguesa na Comissão de Descolonização Drama de Timor-Leste não motiva a ONU

Pág. 4

**Libertado
pela UNITA
Bispo
de
Lubango
segue
para
Roma**

Págs. centrais



A espuma dos dias

crônica semanal
de João Medina

Andante lamentoso con molta amarezza

DEVIA dizer-se: «solitário como num dia de aniversário». Porque o dia de anos é o mais solitário do ano: estamos sós diante da nossa infinita e vácuca singularidade, diante da nossa própria aventura existencial, sozinhos, com a nossa amarga e grotesca finitude. Somos apenas esta coisa ridícula, excessiva e, afinal, sem importância nenhuma: nós mesmos, a nossa pequenina e irrisória solidão, mais o seu dia de anos próprio, só nosso, todo nosso, mesmo que outros tenham nascido, por acaso, no mesmo dia. Nada há de mais triste, uma vez passada a infância, do que termos de celebrar o nosso dia de aniversário. Repetir anualmente a comédia cada vez mais macabra de irmos envelhecendo, não propriamente em maturidade ou beleza, mas em progressiva e inelutável decrepitude, lentamente. Uma vez por ano, por mais que façamos, lá volta ele, o nosso marco individual, o nosso dia de anos. Cá está ela de novo, a data do nosso aniversário, o dia tantos de tal do mês tal, com um horóscopo particular em que ninguém acredita. E o dia de anos volta sempre, como uma espécie de mendigo fanático e implacável, que nos viesse bater à porta precisamente quando não temos um tostão no bolso para lhe dar.

UM mendigo perverso, o dia de anos. Bate-nos à porta, mas fá-lo sempre com escárnio e maldade. Ri-se de não termos nesse momento nada para lhe darmos, recorda o habitual «memento homo, pulvis es», despede-se até para o ano que vem, e afasta-se terminando a citação bíblica: «et in pulverem revertetur». Somos pó, e em pó nos havemos de tornar. Eis o calímburgo ritual do nosso dia de anos. Quero-lo afastar-se ao fim do dia, quando até o dia de anos se some no poço da eternidade. «Volte para o ano, paciência», dizemos-lhe com hipocrisia, esperançados em que ele talvez se esqueça e que talvez, assim, nunca mais precisemos de tornar a fazer anos, a soprar as velas dum bolo que, cada vez mais, lembra uma planície que a neve fosse soterrando. Uma planície que aumenta. Um deserto que cresce. Onde havia canieiros, as flores murcharam. Onde havia rios, as águas secaram. Onde havia crianças, estão agora velhos. Onde havia papoilas há agora cardos, escarvalho, abrolhos.

MAS o mendigo acaba por voltar, pontualmente, como fatalmente acontecerá

ainda por alguns anos, os que ainda sobejem na ampulheta dos dias. Lá volta ele, de novo presente no novo aniversário que reaparece como uma carta de jogar que julgávamos perdida, anulada. Cá está ele, triste e sarcástico como sempre, mas mais velho, mais grotesco, mais azedo. Os homens raramente amadurecem

imperioso quando nos estende a carta rotineira do destino: «Parabéns a você nesta data feliz...» Uma mensagem destas humilha. «Data feliz?» Porquê? Na infância, sim, tudo era feliz, sobretudo o dia de anos: era a vida inteira, mais o futuro todo, a esperança e a ingênua confiança nos outros que nos felicita-

quando ele voltar a bater-me à porta, em Novembro?

AGORA reparo que, durante a minha adolescência, julguei sempre que não ultrapassaria os trinta anos. Parecia-me cretino ultrapassar a trintena de anos de vida, pois faria tudo quanto tinha a fazer muito antes de chegar à projectada idade dos 30 anos!... Tudo — afinal o quê? Já esqueci — ou não ousou lembrar. Receio não ter feito quase nada do que, durante a adolescência, sonhava fazer. Um livro de poemas, por exemplo. Nunca o fiz. Ou melhor, fi-lo sim, mas não era genial, não valia um figo, ficou por aí, numa gaveta qualquer, à espera dum grande rebate de consciência que me faça deitá-lo ao fogo. E que mais? Não sei. Eu esperei tanto, que já não sei sequer o que esperava. Depois, dobrados os trinta anos, pensei que talvez Hoelderlin tivesse exprimido a verdade profunda da vida ao dizer que esta não passa dum grande êxtase — e o resto dos anos não passam da recordação desse momento supremo. Mas que momento supremo? Olho de novo para trás e não encontro verdadeiramente nada. Seria a própria juventude, o dilatado e efêmero momento de êxtase, a partir do qual tudo o mais não passa de mero recordar?

Eno entanto, tal como o mesmo Hoelderlin, ia pedindo aos Parcas mais um Verão, e mais outro, outro ainda, muitos mais, muitíssimos outros verões. Dobrei os quarenta. E aqui estou, com mais este aniversário — e umas quantas citações de poetas no espírito. Mas nada? Sim, mais alguma coisa: este mendigo que volta todos os anos pelo meu aniversário. E ao qual não tenho nada para dar. Nada, nada, mesmo nada. Absolutamente nada. Juro que não tenho nada para lhe dar. Mas peço-lhe que volte para o ano. Que não se esqueça de bater à minha porta em Novembro do ano que vem. Talvez me saia entretanto a sorte grande, talvez para o ano eu cubra o mendigo de ouro, talvez para o ano tudo seja grandioso, fabuloso, como na poesia ou na música. E enquanto ele não volta, posso descansar, esquecer a solidão do meu dia de anos. Sentar-me aqui, diante desta máquina de escrever, abrir um livro de poemas ao acaso e copiar dele estes versos que me saltam ao caminho:

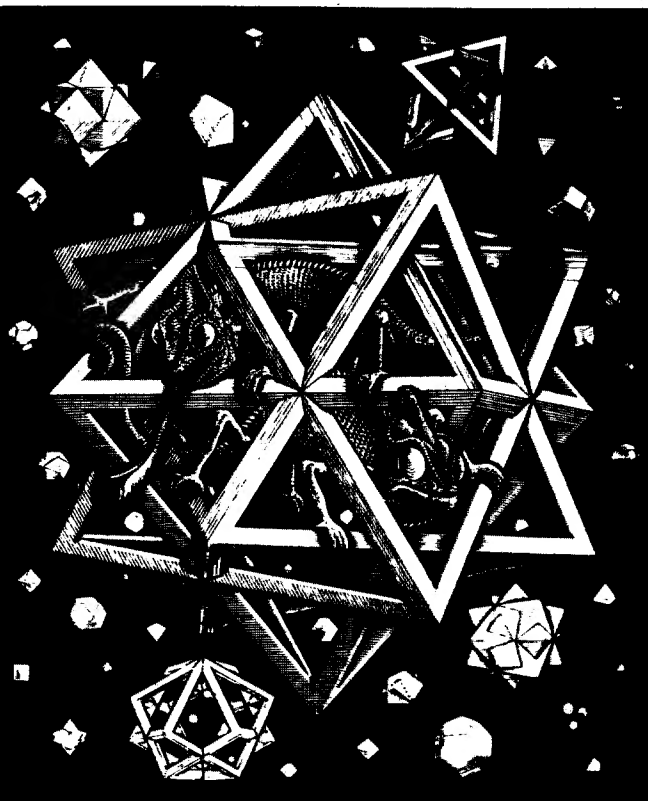
«I said to my soul, be still,
and wait without hope
For hope would be hope for
the wrong thing; wait without
love

For love would be love of the
wrong thing.» (T.S. Eliot, *Four Quartets*).

vam, dançavam em redor de nós, folgavam connosco, enchiam o nosso bolo de anos com quatro ou cinco velas, lá fora caía a neve de Joanesburgo, havia miúdos em casa, havia pais, havia um irmão ou uma irmã, havia família, havia tanta coisa — e ainda não tinha morrido ninguém (Fernando Pessoa: «Eu era feliz e ninguém estava morto»).

AGORA tudo isso sumiu: os miúdos, o bolo, a esperança, os alegres convidados da nossa festa, a própria festa, até a neve, a África. Mas o mendigo, esse não falta: lá está ele à espera, não limiar da minha casa. Que lhe hei-de dar? «Volte para o ano, que nessa altura...» Mas não termino a frase, pois já ele desce a escada, devagar, sardónico, sem uma palavra. E ele volta sempre, como acaba agora mesmo de voltar, neste dia... (aqui omito o dia exacto) de Novembro, o meu dia de anos, o meu solitário aniversário.

Para o ano, que hei-de fazer? Que lhe hei-de dar? Vou guardar na aljeira das calças uma moeda nova, de prata, obstinadamente, para ter a moeda brilhante logo à mão,



com os anos: encruam ou apodrecem.

BATEM à porta, vamos ver — e é ele. O nosso aniversário, o mendigo do destino. Mostra-nos os bolsos vazios, pede-nos sem abrir a boca que lhe demos uma esmola. Que lhe poderemos dar? Ele vem sempre no momento em que não temos um tostão no bolso, não está ninguém em casa, os bancos estão fechados, os vizinhos estão fora, a cidade está erma, só o deserto e a noite nos acompanham neste ritual todos os anos repetido: nós e ele, nós e o mendigo, cada solidão mais a sua zombeteira testemunha, a sua miserável testemunha, a sua fatal testemunha...

QUE é que lhe posso dar, uma vez que não tenho dinheiro comigo...? Alegrias? Quais? O meu passado? Que lhe interessa o meu passado: ele é o meu eterno presente, o meu eterno aniversário, o Meu Dia eternamente repetido, daqui para a Eternidade. Que promessas lhe posso fazer? Este mendigo não aceita promessas, este fiscal não admite delongas, este carteiro é

No centenário do nascimento de um colaborador do «DL» — o Professor José Eugénio Dias Ferreira

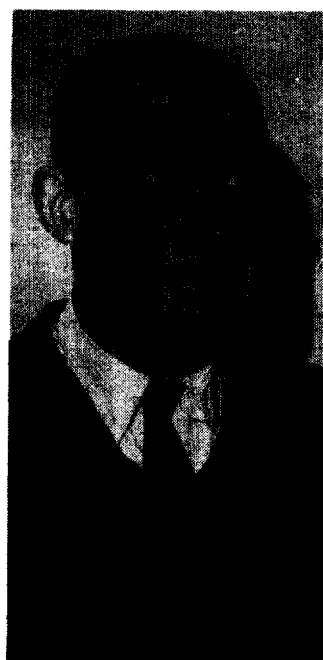
Nas palavras que escreveu de apresentação do volume «Para um Mundo Novo», colectânea de artigos do dr. José Eugénio Dias Ferreira, o dr. Joaquim Manso escreveu: «Na primeira página do *Diário de Lisboa* apareceram os artigos que formam este livro, em obediência a uma orientação doutrinal que se propunha reagir contra o torpor mental e moral em que se acomodavam as forças pensantes nacionais. Representam um esforço notável, o esforço do cabouqueiro que vai furando e martelando a pedra dura até cavar nela a fonte de água límpida que dessedentará os viajantes. Como facilmente se verá não carece de prefácio nem de autoridade que o abone. Fala por si muito claramente, sonoramente.»

Eram artigos publicados nos anos de 1937 a 1945, a sucessão dos acontecimentos constituindo «fio do... discurso» os que reuniram nesse volume «Para um Mundo Novo». Mas a sua colaboração no «*Diário de Lisboa*» vinha dos anos vinte. Foi um dedicado colaborador deste jornal. Neste mês de Novembro completaram-se cem anos sobre a data do nascimento do universitário ilustre, do comentador da realidade política, económica e financeira, de quem Joaquim Manso dissera: «Espírito superiormente educado, erudito sem excesso e curioso ao mesmo tempo do facto e da lei que o rege, estende as suas vistas sobre largos horizontes. Mesmo ao versar os pequenos assuntos, sabe arrancar-se ao canto da sua lareira e determinar os quatro pontos cardiais».

Nascido em Lisboa, em Novembro de 1882, o professor dr. José Eugénio Dias Ferreira, em Lisboa faleceu, com a idade de 70 anos, em Janeiro de 1953. Era filho de José Dias Ferreira, famoso estadista da Monarquia Constitucional do qual herdara — como então frisou o «*Diário de Lisboa*» — a grande vivacidade de espírito que o caracterizava e o amor pelo estudo dos grandes problemas nacionais. Tendo-se matriculado em Direito, na Universidade de Coimbra, fez um curso notável, formando-se com elevadas classificações. Ainda estudante, José Eugénio Dias Ferreira revelou-se um orador de excepcionais recursos, o que lhe permitiu granjear a maior popularidade, antes mesmo de concluir a formatura.

A sua estreia como advogado, em 1907, num julgamento em Chaves, constituiu um êxito que foi largamente celebrado pela imprensa.

Outro facto, porém, havia de contribuir mais decisivamente para a celebridade do jovem advogado. O dr. José Eugénio Dias Ferreira concluiu o seu curso de Direito, resolvera então prestar provas de doutoramento na Faculdade de Direito, de Coimbra. Foi-lhe todavia, recusada a concessão daquele grau e essa recusa deu origem a uma onda geral de indignação. Todos os sectores da Academia, onde o jovem licenciado gozava de prestígio, manifestaram a sua revolta, num largo movimento de protesto, que ficou conhecido pela «greve de 1907» e que, envolvendo algumas figuras que haviam de marcar o seu lugar na vida nacional, teve, sem dúvida, uma larga repercussão na política e na evolução das ideias da nossa terra.



Mas o dr. José Eugénio Dias Ferreira não ficaria definitivamente afastado do ensino, por essa atitude da Faculdade de Direito de Coimbra. Quando, mais tarde, se criou o Instituto Superior do Comércio, em Lisboa, ingressou no seu corpo docente. Nomeado professor extraordinário em 2 de Agosto de 1913, tomou a seu cargo a regência das cadeiras de Finanças e de Direito Internacional Público e Privado. Em 5 de Dezembro de 1927, foi nomeado catedrático do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

A sua especialização em problemas financeiros e o interesse que dedicou aos assuntos da administração levaram-no a acompanhar de perto a política do País, tendo tido por vezes participação activa em alguns acontecimentos políticos dos nossos dias.

A par da sua actividade pedagógica, o professor José Eugénio Dias Ferreira manifestou-se um infatigável escritor e comentador dos acontecimentos nacionais. Quer pela conferência quer pelo livro, quer ainda pelo artigo de jornal, desenvolvia uma notável obra de crítica e de vulgarização de ideias. Recordase a conferência que fez em Fevereiro de 1926, com o título de «Uma nova concepção da História» em que afirmou uma sólida erudição. Ficou também célebre uma outra conferência que fez em 1926, sobre questões político-sociais, como muitas das suas comunicações à Academia das Ciências, de cuja classe de Letras fez parte desde 1929. Era autor de trabalhos valiosos, dentre os quais se destacam o «Tratado de Direito Internacional Privado» e de um exaustivo «Tratado de Finanças Públicas».

Quando a morte o atingiu, em Janeiro de 1953, trabalhava na revisão de um volume intitulado «Síntese das Finanças Públicas», obra encomendada para o Brasil. A esse trabalho deviam seguir-se outros intitulados «Síntese de Direito Internacional Privado» e «Síntese de Economia», em que se referiria à situação económica portuguesa actual.

Da atitude crítica do Dr. José Eugénio Dias Ferreira estas obras seriam como os títulos indicam: sínteses expositivas. A morte não lhe permitiu concluí-las. A Universidade perdeu um mestre. O «*Diário de Lisboa*» um dedicado e ilustre colaborador.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

DA CRISE E DA SOBRECRIFE ECONÓMICAS PORTUGUESAS

II – O trabalho português em leilão internacional

Ulpiano Nascimento

1. Toda a política de Direita se destina a ludir os seus fins.

Se a produção nacional conseguisse dar uma resposta razoável às necessidades de consumo da população, por certo que actuaria beneficentemente sobre a Balança de Pagamentos, ou por via da limitação das importações ou pelo aumento das exportações e/ou por ambas simultaneamente.

Não se conseguiu isso, com efeito, porque desde logo a «Direita» atacou a produção da área da Reforma Agrária, porque inviabilizou as empresas nacionalizadas que foram obrigadas a reduzir a sua produção, não cuidou das pequenas e médias empresas, não estimulou o investimento, porque afogou o mercado com bens importados, etc. etc.

Tudo isto é muito mais que o propósito deste artigo não consente referir e muito menos desenvolver, tem sido praticado neste País pela «Direita», directa e indirectamente, em nome de uma enganadora política de «mudança», proclamada «nacional», e, «democrática», cuja obra está dramaticamente à vista.

Nestas condições, como se pode impedir o espanto e calar o protesto, quando estes governos se negam a dar explicações aos pedidos de inquérito — que outro qualquer se apossaria a fazê-lo — sobre, estas e aquelas operações e situações de lesa-pátria, indiferentes ao inalienável dever de prestar contas ao País?

Pelo contrário, estes governos esforçavam-se por encobrir ou ludir os casos de corrupção, de compadrio e negociações que, por exemplo, o comércio de importação e exportação facilitava; que certo crédito discriminado favorece; que a desvalorização do escudo e o contacto com o capital estrangeiro consolida; que a reprivatização das empresas nacionalizadas e a conquista de Administrações potencia.

Estes governos, assim, têm necessidade de confundir a Nação e, por isso, com notável vulgaridade praticam «o mal e a caramunha», avançando «intencionalmente» e «inventivamente», grosseiras provocações que não dignificam por forma alguma os seus promotores, utilizando para o efeito, abusivamente, a comunicação social, da qual tem praticamente o monopólio.

2. A preparação de condições de exploração do trabalho.

Aproveitando a perda de credibilidade do Partido Socialista em Portugal e a frustração resultante que invadiu a «Esquerda», e a debilidade desta em matéria eleitoral, a «Direita», à volta da qual se congregaram os saudosistas do antigamente, conseguiu mediante efeitos de alquimia política tomar conta do poder.

Na sua política carregada de cromossomas regressivos, para além de actuar na desestabilização do País e na divisão da «Esquerda», as medidas mais relevantes tomadas pela «Direita», dirigiram-se objectivamente para dar satisfação à sua clientela e preparar o seu eleitorado.

Com acções muito concretas de efeitos globais, mas visando certos extractos sociais, a «Direita» e os seus governos privilegiaram: a) — a burguesia mercantil, sobretudo os grandes comerciantes, fazendo soltar os preços ao mesmo tempo que minimizava a fls alização do mercado; b) — os grandes e médios proprietários (rurais e urbanos), mutilando a Reforma Agrária, reembolsando os velhos acionistas (indemnizações), distinguindo generosamente o capital lucrativo e especulativo em desfavor do capital produtivo, discriminando a restrição ao crédito e fazendo subir até às nuvens a taxa de juro; c) — o capital monopolista nacional e internacional (empresas transnacionais), foram contempladas principalmente através da des-nacionalização das empresas públicas rentáveis, da contenção da contatção laboral e do congelamento de salários.

O fenómeno inflação, por outro lado, irrompeu aparentemente sem causa, apolítico e fatalista, e foi utilizado pela «Direita» e pelos governos AD até à saciedade contra os trabalhadores, a fim de consumarem a sua mais cara política de classe: extrair do trabalho a preciosa mais valia do trabalhador, mediante a qual nutrem o seu poder económico e político sem que esse processo possa mostrar a face de quem ganha.

Esse fenómeno, por isso, constitui a mais potente medida de redistribuição dos rendimentos, contribuindo para a formação acelerada de poupanças, que se acumulam nos nossos bancos estimuladas por aquelas altas taxas de juro.

3. Medidas que favorecem a inflação e prejudicam salários

E se este processo inflacionário de que a «Direita» tem total consciência dos seus resulta-

dos, não chegasse para satisfazer a sua gula, aquela, ainda não satisfeita, lançou mão de outras medidas destinadas a reforçar a inflação, centradas na desvalorização do escudo, na dívida pública, emissão de moeda, concessão de certo crédito para o consumo.

Pode-se imaginar agora as grandes fortunas que se acumularam, entretanto, desde 1976, e que se continuarão a acumular neste processo, solto, inerente à economia que se pratica em Portugal, resultante da diferença de velocidade de crescimento entre preços e salários. Fenómeno que favorece nitidamente os primeiros, e que os mecanismos de «marketing», tornam-o imparável.

A rapina e a corrupção é estimulada a bem de «uma certa iniciativa privada» e de «liberdade de escolha», tudo gerando intensa actividade no âmbito comercial, creditício e financeiro, que só a modesta dimensão do mercado português condicionada pela mediocridade do poder de compra do cidadão em geral limita. Por outro lado, a falta de fiscalização das instituições que supervisionam a oferta e a procura e os preços, torna o abastecimento à maioria das famílias portuguesas um verdadeiro inferno.

Tudo isto é a negação da austeridade e da justiça social a todos os títulos recomendável nestes tempos de crise, em que as dificuldades, os trabalhos e os encargos recaem sobre os extractos sociais mais débeis (o mundo que trabalha, reformados e pensionistas, etc., e as facilidades, a segurança e os lucros se encaminham para uma miniclasse dominante.

O sistema que favorece a formação de grandes lucros e a acumulação acelerada do capital só pode ter sido engendrada por aqueles que detêm o poder político e económico e vice-versa. Situação esta também criada para propiciar a entrada do investimento estrangeiro em Portugal, o qual necessariamente, não resiste à tentação dos baixos salários que se lhes oferece e ao fraco poder de compra do escudo, o qual em relação ao dólar se desvalorizou em seis anos à volta de 60 %, o que é, logo à partida, aliciente para o capitalista estrangeiro.

Para dar uma ideia desta situação a que nos conduziu a política AD, basta referir que se chegou ao ponto de que a relação entre os salários médios espanhol e grego com o dos portugueses, é de 2:1. Esta relação é

muito mais gravosa para nós se tivermos em conta o nível dos salários médios dos países que formam o Mercado Comum, e neste caso é de 5:1; e, mais ainda, em relação aos salários médios norte-americanos e canadianos que se estima de 7:1.

O trabalho é, pois, em Portugal, a mercadoria mais lucrativa e que oferece melhores incentivos ao capital estrangeiro, embora isso signifique muitas privações e baixo nível de vida em geral, e para os trabalhadores portugueses em especial.

5. A sobre-crise económica é culpa da direita e dos governos AD.

Os governos AD, alheados dos grandes problemas nacionais, pelas absorventes motivações de classe a que estão dependentes, e porque nem estão verdadeiramente tocados pela graça patriótica, divorciados do povo e contra o povo, optaram pelo caminho mais fácil e de acordo com as suas vocações de classe, fazendo atrair e aliar-se ao capital estrangeiro para, em conjunto explorar aquela rica e barata mercadoria que é o trabalho português.

Com tais ofertas procura a «Direita» consolidar os seus antigos privilégios, que o 25 de Abril lhes retirou, colmatar as suas debilidades ideológicas, inserir-se em blocos que se possam sobrepor à sua impopularidade no País, para evitar outro 25 de Abril.

É claro de que esta política dita de «mudança» implica a desnacionalização da decisão e das actividades internas, sacrifica os interesses e os problemas nacionais aos negócios impulsivos do exterior, envolvendo nisso, obviamente, o trabalho e o capital portugueses.

Esta política contra Abril econtra Portugal, lançada pela «Direita» desde o princípio da Revolução no quadro envolvente da crise económica do capitalismo, implicou, o aproveitamento desta, à custa dos interesses nacionais e das reivindicações dos trabalhadores, criando inescrupulosamente, uma autêntica sobre-crise, a qual se pode medir, embora sem rigor, pelo que o excede, por exemplo, em relação ao nível de desemprego europeu; ao grau de inflação que grassa na Europa; ao nível de indigência europeu; ao desequilíbrio das balanças comercial e de pagamentos; à grandeza da desvalorização da moeda nacional de qualquer outra moeda europeia, etc., etc.

cúmplice do assassinio de um príncipe depois de ter lançado a sotaína às urtigas. Tanto nas suas metamorfoses como no uso íntimo dos fingimentos necessários às grandes ambições, ele sentia desprezo absoluto pelos homens e não se espantava com coisa nenhuma.

No entanto, no segredo do seu coração, «este céptico tão profundo e aparentemente tão completo, preocupava-se, e com ansiedade quase pueril, com aquilo que dele pensaria a posteridade», segundo o seu contemporâneo Louis Blanc, tão deploravelmente esquecido. A segunda Restauração cedo limi-

Continua na pág. 11

● O Dia Internacional do Estudante é hoje comemorado em mais de cem países.

Este dia foi assinalado pela primeira vez em 1941 para comemorar as manifestações registadas na Checoslováquia (ocupada pelos nazis), enquanto do enterro do estudante Jan Opletal, morto pelas tropas alemãs a 17 de Novembro de 1939.

O dia foi retomado pela União Internacional dos Estudantes (UIE), criada a 18 de Agosto de 1946, em Praga.

A UIE congrega actualmente 109 associações estudantis nacionais de mais de cem países. Nela estão federados cerca de 75 por cento de todos os estudantes do mundo.

A luta pela paz no mundo tem estado dominando as mais recentes reuniões do movimento estudantil internacional, nomeadamente, Varsóvia (1976), Budapeste (1978) e Helsínquia (1981).

No Décimo Nono Encontro europeu de estudantes realizado em Agosto, em Minsk, o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, apelou aos estudantes para a sua participação «na construção de um mundo justo e pacífico a que tanto aspiramos».

● O Presidente Ramalho Eanes

presidiu ontem nas Caldas da Rainha, à abertura do ano lectivo da Escola de Sargentos do Exército.

Presentes também, para além do Presidente da República, o vice-primeiro-ministro e titular da pasta da Defesa, Freitas do Amaral, os chefes do Estado-Maior-General das Forças Armadas (interino), general Lemos Ferreira e do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos.

Na sessão de abertura, discursou o comandante da Escola de Sargentos do Exército, coronel Tomé Falcão. Seguiu-se a lição inaugural, a cargo do major Picão de Abreu.



● O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão presidirá sexta-feira, na Régua, a um colóquio sobre agricultura, integrado nas comemorações dos 50 anos da Casa do Douro — soube hoje à ANOP junto da instituição.

Pinto Balsemão será acompanhado pelo ministro da Agricultura, Basílio Horta, e pelo secretário de Estado do Comércio, Escalva Gonçalves.

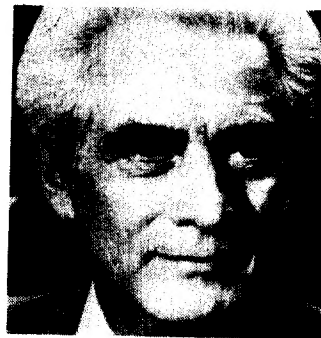
O programa das comemorações, que se iniciam quinta-feira, inclui uma missa de sufrágio pelos funcionários da Casa do Douro já falecidos e um almoço de confraternização.



● O secretário de Estado de Turismo Nandim de Carvalho está em Tóquio, para inaugurar a Delegação de Turismo de Portugal nesta capital.

O secretário de Estado concederá após a cerimónia uma conferência de imprensa aos principais jornais e meios da Comunicação Social japoneses.

Nandim de Carvalho referirá as oportunidades de investimento estrangeiros em Portugal, na área do Turismo.



● Uma delegação do PCP, dirigida pelo seu secretário-geral, Álvaro Cunhal, partiu ontem para França a convite do Comité Central do Partido Comunista Francês.

O regresso da delegação, que integra também Albano Nunes, membro do Comité Central do PCP, está previsto para amanhã.

● A convite do Comité Central do Partido Comunista Português, visitou Portugal de 1 a 5 de Novembro uma delegação de estudo do Partido Comunista Búlgaro, sobre «questões de organização», composta por Giorgi Grigirov, membro do CC do PCB e chefe do Departamento de Organização e Nicolai Koshev, membro suplente do CC e membro da Comissão Distrital de Staragosa do PCB.

Também a convite do PCP visitou Portugal de 5 a 12 de Novembro uma delegação de estudo do Partido Comunista da Checoslováquia no domínio do «Poder Local» composta por Daniel Futej, chefe da Secção de Organização de Massas do Partido Comunista da Eslováquia, Loubomir Houska, vice-chefe da Secção de Organização de Massas do Partido Comunista da Checoslováquia, Norbert Jidek da Secção Internacional do Partido Comunista da Checoslováquia.



● O secretário de Estado português da Cooperação e Desenvolvimento, Luís Fontoura, seguiu ontem, ao princípio da tarde para Luanda.

A partida esteve marcada para segunda-feira à noite, mas não se pode realizar porque não estava assegurado o alojamento em Luanda de todos os membros da comitiva de Fontoura, que depois de três dias em Angola se dirige a São Tomé e Príncipe.

Em Luanda o secretário de Estado será recebido pelos ministros da Indústria, Bento Ribeiro, e da Energia, Pedro Van-Dunen.

● O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas Portuguesas, general Melo Egídio, foi segunda-feira condecorado com a Legião de Mérito dos Estados Unidos.

A viagem do CEMGA, essencialmente militar, não prevê a realização de «quaisquer conversações» sobre o novo acordo bilateral da Base das Lajes, nos Açores e actualmente em fase de negociação entre os governos dos dois países, disse o porta-voz do Estado-Maior.

O regresso de Talleyrand

As soberbas “memórias” de um batoteiro

Gilbert Comte

— Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»

«Ladrão! Você é um ladrão! Você é um cobarde, um homem sem fé, você não acredita em Deus; você faltou a uma vida inteira aos seus deveres; enganou, traiu toda a gente. Para si nada é sagrado, seria capaz de vender o seu próprio pai. Cobri-o de benesses e não há nada que não seja capaz de fazer contra mim... Que quer o senhor? De que está à espera? Ouse dizê-lo. Você merecia que eu o quebrassem como se fosse vidro. Posso fazê-lo mas desprezo-o demais para me dar a esse trabalho. Olhe, você é merda metida numa meia de seda.»

TAIS ultrajes lançados em voz estentórea por um Napoleão lívido, perante a Corte reunida nas Tulherias no Inverno de 1809, que perito em dissimulação podia recebê-los sem perder durante

um segundo que fosse o seu mais perfeito sangue-frio? Claro que Talleyrand, o antigo padre femeeiro, outrora cliente das casas de má nota do Palais Royal; o prelado que atraíu a sua igreja; o grande aristocrata



ONU deixa cair ocupação de Timor?

Derrota de Portugal no Comité de Descolonização

A votação da questão de Timor no Comité de Descolonização da ONU representa para Portugal apenas uma *meia derrota*, já que baixou o número de países que apoiaram a moção portuguesa, apesar de ela ser bastante mais moderada do que a apresentada no ano passado.

A afirmação é de Paulo Marques, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, que ontem afirmou que a *meia vitória* poderá ser encontrada na próxima segunda-feira, quando a Assembleia Geral da ONU aprovar a proposta portuguesa, permitindo assim que o assunto volte a ser colocado na Assembleia Geral do próximo ano.

De qualquer maneira, pelo menos a campanha lançada pelo Governo junto dos países da CEE, para os fazer modifi-

car a sua posição quanto à ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, teve um êxito muito próximo do falhanço — apenas se conseguiu modificar o sentido de voto da Irlanda, confirmou Paulo Marques.

Os Estados Unidos, aliados de Portugal na NATO, votaram a favor da Indonésia, tal como sempre têm feito, depois de em 1975 terem autorizado explicitamente a invasão da recém formada República Democrática de Timor-Leste pelas tropas à ordem do general Suharto.

A votação do Comité de Descolonização foi de 48 votos a favor, 54 abstenções e 42 contra, enquanto que o ano passado o escrutínio tinha apurado 58 votos favoráveis às posições portuguesas, 42 abstenções e 40 votos contra.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros ainda não tomou

nenhuma posição oficial quanto a estes números, já que o respectivo titular, embaixador Futscher Pereira, se encontra ausente do País (deslocou-se a Moscovo para assistir às exéquias do presidente Brejnev).

Recorde-se que há poucos meses, quando se tornou evidente aquilo de que se suspeitava, ou seja, a diminuição dos votos favoráveis à posição portuguesa e à autodeterminação do povo maubere, Portugal, perante insistências da FRETILIN e apoiado pelos países africanos de expressão portuguesa, lançou uma grande campanha diplomática no sentido de evitar que o tema da ocupação de Timor fosse afastado da agenda da Assembleia Geral da ONU.

O Presidente da República e o Governo estiveram empe-

nhados nestas diligências, que incluíram o envio a diversos países de missões extraordinárias que tinham por objectivo conquistar apoios contra a Indonésia.

As autoridades do regime de Suharto estão, no entanto, esperançadas em que a votação que se realiza dentro de oito dias na Assembleia Geral lhes seja favorável. Com efeito, já no ano passado se verificou que, enquanto o projecto de resolução sobre Timor transitou do Comité de Descolonização para a Assembleia Geral, quatro países alteraram o sentido do seu voto. Idêntico movimento que se produzisse este ano traria como imediata consequência a derrota das pretensões portuguesas, já que 46 países votariam contra a moção e apenas 44 a favor.

Soares insiste nas eleições antecipadas

«Chegou o momento de refrescar a legitimidade democrática recorrendo a novas eleições» — afirmou ontem, no Porto, o secretário-geral do Partido Socialista, Mário Soares. Falando numa conferência subordinada ao tema «Portugal, a Europa e o Futuro», o dirigente socialista interrogou-se: «Que outra forma democrática haverá para deter a corrida para o abismo em que nos encontramos, para inverter a marcha e mudar o rumo, para renovar a esperança colectiva?»

Depois de defender o «regresso a um discurso de Estado, a um falar ao povo com a linguagem da verdade e do rigor», Mário Soares debruçou-se sobre a situação que Portugal atravessa.

Para o líder socialista, «Portugal tem recursos inaproveitados e o seu povo força intrínseca para vencer a crise, mas importa recuperar o Norte e prosseguir com determinação e coragem política um trabalho de esforço colectivo», frisou.

Mário Soares disse ainda que Portugal «encontra-se num impasse tremendo pois consome-se muito mais do que se produz, os défices acumulados da Balança Comercial pesam enormemente nas contas públicas e a dívida externa atinge hoje uma cifra recorde de 12 biliões de dólares».

«São necessárias, a curto prazo, medidas realistas de grande austeridade, mas é necessário saber qual a credibilidade que é possível conferir-lhes e quais as contrapartidas de carácter social que podem ser oferecidas às classes menos favorecidas para minorar a sua sorte» — acrescentou.

O secretário-geral do PS, defendeu ainda como solução para a crise «uma obra comum de todos os portugueses sem excepções» e enquadrou a crise nacional numa «pane generalizada internacional» que «por formas diferenciadas afecta os mundos capitalista e comunista».

«Portugal como muitos outros países do mundo encontra-se à beira da bancarrota. Porém, como tantas vezes tem sucedido ao longo da História, é das grandes rupturas que têm surgido os movimentos mais fecundos de renascença e esperança», frisou o líder socialista.

Soares, referiu-se também à integração na CEE e afirmou que a comunidade «tem de compreender que a adesão tem de ser feita mais em termos políticos que mercantis».

«É necessário que a CEE esteja disposta a pagar o preço que proporcione um plano global de auxílio e que facilite a integração e o desenvolvimento acelerado dos países da Europa do Sul várias décadas em atraso em relação aos seus homólogos do Centro e do Norte» — disse.

Quanto a Portugal, Soares observou que a integração «não se faz sem custos e vai representar um choque tremendo e um desafio à modernização e transformação do nosso país no quadro democrático».

Criticou ainda os Governos que o sucederam por «não consciencializarem as populações quanto aos efeitos negativos e positivos da integração».

«As negociações têm sido promovidas nas costas dos interessados o que tem valido reparos de algumas instâncias da comunidade» — afirmou Soares.

Soares na Reboleira

Mário Soares participa hoje na Reboleira (Amadora) numa reunião com empresários deste concelho sobre a situação política e económica do País.

Uma nota do PS refere que o objectivo do encontro é «proporcionar uma troca de ideias sobre a situação do País, numa altura em que se acentuam os efeitos do lançamento de alguma legislação inadequada no tocante à questão das rendas comerciais e ao corte da concessão de crédito à habitação».

Além do secretário-geral socialista, intervêm Eduardo Pereira, Almeida Santos e Walter Rosa, da Comissão Permanente.

Ministro da República nos Açores desmente

CEMGFA não negoceia Lajes

O Gabinete do ministro da República para os Açores desmentiu que o Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas trataria na visita que efectua aos Estados Unidos de assuntos relacionados com o novo acordo das Lajes.

Numa nota distribuída segunda-feira, o Gabinete do general Conceição Silva afirmou que as negociações para a renovação do acordo, que concede facilidades às Forças Armadas norte-americanas na utilização da Base das Lajes, ilha Terceira, não integram a agenda do general Melo Egídio.

A declaração surgiu na sequência de uma mensagem do presidente do Governo Regional, Mota Amaral, ao ministro da República, na qual solicitava informações acerca do processo em que as autoridades açorianas reclamam participar.

Portugal negoceia actualmente os termos de um acordo a estabelecer com os norte-americanos, para a concessão de facilidades naquela unidade militar, onde as Forças Armadas dos Estados Unidos dispõem já de um destacamento da Força Aérea e da Marinha.

«Preparação cuidada» — sugere Monjardino

Entretanto, o presidente do Parlamento açoriano, Álvaro Monjardino, defendeu «uma

mais cuidada preparação da delegação portuguesa» encarregada de negociar com os Estados Unidos o citado acordo de utilização da Base das Lajes.

Em declarações prestadas à ANOP em Angra do Heroísmo, Monjardino opinou que devem existir reuniões prévias internas, envolvendo as partes ligadas ao assunto, visando a obtenção de uma posição comum.

Escusou-se, no entanto, a comentar notícias indicando que o Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, estaria nos Estados Unidos a negociar o novo acordo.

Solicitado a pronunciar-se sobre o andamento do processo no que diz respeito à Região Autónoma dos Açores, Álvaro Monjardino limitou-se a responder

que é necessário ultrapassar alguns atrasos.

No entanto, em documento a enviar ao plenário da Assembleia Regional a Comissão Parlamentar de Assuntos Internacionais, presidida por Álvaro Monjardino, manifesta a sua preocupação pelo facto de o Executivo Regional não ter sido ainda chamado a participar nas negociações.

O documento, a que a ANOP teve acesso, salienta também a crescente importância da Base das Lajes como «se depreende das pretensões norte-americanas em modificar as suas estruturas» — disse Monjardino.

O actual acordo entre Portugal e os Estados Unidos sobre a Base das Lajes expira a 3 de Fevereiro de 1983.

Grupo parlamentar do CDS continua sem direcção

Ninguém quer assumir o encargo de dirigir a bancada do CDS na Assembleia da República, depois de Azevedo Coutinho se ter recusado a apresentar a sua candidatura.

Terminou ontem às vinte horas, sem que nenhuma lista fosse proposta, o prazo para a apresentação de candidaturas para as eleições no grupo parlamentar, que estavam programadas para amanhã e que, por isso, foram adiadas provavelmente para a próxima segunda-feira.

A semana passada essas eleições tinham-se realizado e o antigo ministro da Defesa, Azevedo Coutinho foi o mais votado. Mas a escassa margem que recolheu levou-o a recusar-se a tomar posse, permanecendo assim vago o lugar que Rui Póena abandonou recentemente e no qual Amaro da Costa granjeou enorme prestígio político. Azevedo Coutinho decidiu «irrevogavelmente» não voltar a candidatar-se.

Entretanto, hoje, termina o prazo para apresentação, na Assembleia da República, de candidaturas para as eleições de juizes

do Tribunal Constitucional. Barbosa de Melo, que era dado como certo na lista apoiada pela AD, recusou à última hora aceitar o lugar de juiz do TC. Indisponibilidade de tempo foi o motivo alegado por aquele professor. O que levará as listas da maioria AD incluir os nomes de Marques Guedes, Messias Bento, Costa Arosa e Cardoso da Costa.

Amanhã, a sessão parlamentar vai ser dedicada às respostas por parte do Governo, de perguntas feitas pelos partidos. Motivo de especial interesse será a participação do ministro da Administração Interna, cuja presença foi reclamada pelo PCP.

Os deputados comunistas querem questionar Ângelo Correia sobre «a escandalosa sonegação do relatório sobre os acontecimentos do Primeiro de Maio no Porto».

Um outro ministro que terá de enfrentar a oposição é Luís Barbosa, interpelado pela polémica reintrodução das taxas moderadoras depois de estas serem declaradas inconstitucionais pela Comissão Constitucional.



Durante o debate sobre a despenalização do aborto

Jornal do Vaticano satisfeito com rejeição do aborto em Portugal

O jornal «Osservatore Romano», manifestou «satisfação pelo facto de o Parlamento português ter rejeitado a proposta comunista de despenalização do aborto».

O jornal do Vaticano observa em editorial da edição de ontem que na Europa, só têm hoje legislação anti-aborto «três nações de antigas e nobres tradições católicas» — Portugal, a Espanha e a Irlanda.

«A nossa satisfação — escreve o editorialista — não é motivada por razões políticas, senão morais: por princípio e por experiência. A defesa do ser humano e dos seus direitos é uma tarefa tão fundamental para todas as consciências, nomeadamente, que se não fosse a Igreja a tomá-la, seriam as pedras a fazê-lo, segundo a pitoresca imagem evangélica».

A experiência indica — prosse-

que — que a liberalização não elimina, antes aumenta enormemente o aborto clandestino e o número global dos abortos.

«A estabelecer-se o princípio da distinção entre homicídio legal e homicídio ilegal, cria-se uma terrível confusão nas consciências entre legalidade moral e legitimidade legal e, sobretudo, admite-se que a criança, antes de nascer, não tem qualquer direito em relação a ninguém e ainda menos em relação à sua mãe» — acrescenta o articulista.

«Esperamos que Portugal confirme no futuro a prova de firme coerência que acab de oferecer ao mundo e que outros países e outras comunidades cristãs saiam ler e compreender esta lição» — conclui o jornal, que omite as razões e números (a quase totalidade) de países que defende a despenalização do aborto.

Assinado o protocolo sobre exportação

«Um passo importante para as exportações portuguesas» considerou, ontem, o ministro da Indústria, o protocolo assinado pela Associação Industrial Portuguesa e o Instituto do Comércio

Externo.

O documento deverá acabar, segundo o ministro, com a confusão entre o que compete fazer à administração pública e à iniciativa privada.

Um dos últimos diplomas do CR...

Proibida nas Forças Armadas actividade política e sindical

Um diploma elaborado pelo extinto Conselho da Revolução a publicado em suplemento do «Diário da República» de 29 de Outubro, ontem distribuído, proíbe a actividade política e sindical no seio das Forças Armadas.

No preâmbulo do documento, considera-se «de grande complexidade e demorada elaboração» o estatuto da condição militar, pelo que, de momento, se torna conveniente «regulamentar o exercício da liberdade sindical pelos militares, na estrita medida em que os interesses superiores das Forças Armadas o impõem», e ter em atenção «o princípio do apartidarismo político» das mesmas.

Assim, o decreto-lei expressa que «o serviço das Forças Armadas não é acumulável com o desempenho de cargos políticos electivos ou de nomeação, e com actividades políticas de carácter partidário ou sindicais».

Por isso, os militares, durante o período de exercício daqueles cargos ou actividades e também durante o período de candidatura, quando o haja, «suspendem obrigatoriamente as suas actividades militares».

Consideram-se cargos políticos electivos os dos titulares dos órgãos de soberania, da Assembleia ou do Governo das regiões autónomas, e do poder local, obtidos por sufrágio directo, secreto e periódico nos termos constitucionais.

Candidatos à Presidência

A actividade política de carácter partidário é definida no diploma como «toda a participação directa e activa em actos ou funções da vida política nacional ou internacional, organizados ou patrocinados pelos partidos políticos nacionais ou organizações políticas estrangeiras».

A actividade sindical que é vedada às Forças Armadas corresponde ao «desempenho de cargos electivos ou de nomeação, em sindicatos ou organizações de classe, visando protecção de interesses profissionais estranhos à instituição militar», exceptuando-se a possibilidade de filiação e do exercício do voto sindical.

Para se candidatarem a cargos políticos electivos, os militares terão de entrar de licença especial, até à data da publicação no «Diário da República» dos resultados eleitorais, tempo que conta, para todos os efeitos e direitos.

No caso de um militar ser eleito Presidente da República,

mantém-se no activo se for militar do quadro permanente, ou transita para o activo se, à data da sua investidura, se encontrar na reserva ou reforma, passando em qualquer dos casos a comissão especial.

Este preceito fundamenta-se,

no facto de, nos termos constitucionais, o Presidente da República desempenhar, por inerência, as funções de comandante supremo das Forças Armadas.

Findo o mandato presidencial, regressa à anterior situação, a não ser que se trate de militar em regime de contrato, que lhe é rescindido à data da sua investidura no cargo de Presidente da República.

O papel do CEMGFA e dos CEM's

Os militares eleitos para os parlamentos passam à situação de licença ilimitada ou de reserva (quadro permanente no activo), são licenciados (quando na reserva do quadro permanente), é-lhes rescindido o contrato (quando militares nesta situação), ou é-lhes adiado ou interrompido o serviço militar obrigatório (quando for esse o caso).

Idênticos mecanismos estão previstos para os titulares dos órgãos de poder local, e para os que passam a desempenhar cargos políticos de nomeação, ou exercem actividades políticas, com ou sem carácter partidário, estando vedado esse exercício aos militares em serviço obrigatório.

O decreto regulamenta o exercício de actividades sindicais em termos idênticos, e quanto às

culturais, cívicas ou recreativas, fora das horas do tempo de serviço, os militares «não têm outros limites ou condicionamentos, além dos relativos à generalidade dos cidadãos».

Os casos omissos serão resolvidos por despacho conjunto do CEMGFA e dos CEM's dos ramos e os militares já no exercício de cargos políticos electivos e de nomeação manterão até ao final o seu mandato.



FORD CARGO

PARA COMBATER OS AUMENTOS DE CUSTO!

No vasto mundo dos transportes, o combate aos aumentos de custo é um objectivo prioritário. A Ford contribui eficazmente para este objectivo com os camiões Ford Cargo equipados com os novos motores Ford 90-150!

Colhendo os benefícios da longa experiência Ford, os motores dos camiões Ford Cargo associam tecnologia avançada a características inovadoras de invulgar concepção. Os resultados são surpreendentes!

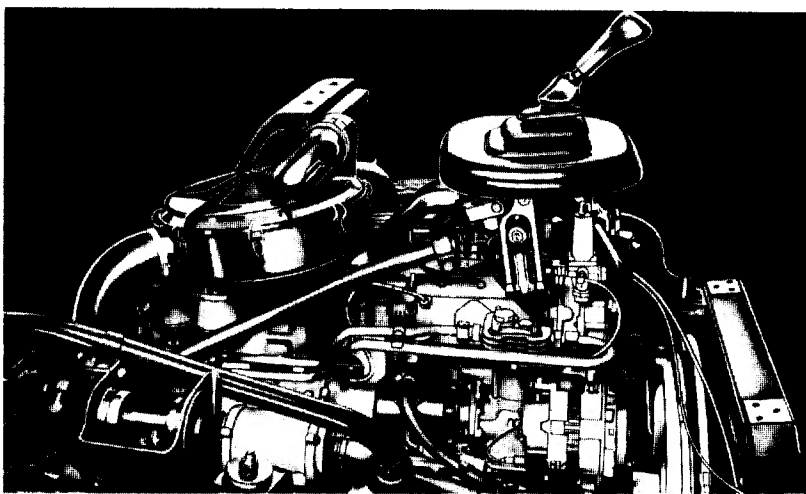
42% MAIS RESISTENTES

Os componentes dos motores foram concebidos tendo em vista máxima lubrificação para mínimo desgaste. Resultado: a resistência é aumentada em 42%!

Isto significa alta produtividade.

10% MAIS POTENTES

Também na potência se alcançaram melhores resultados — um aumento de 10%. O que proporciona maior poder de aceleração e viagens mais curtas.



4% MAIS ECONÓMICOS EM COMBUSTÍVEL

A economia de combustível tem sido sempre uma das grandes vantagens dos camiões Ford. Mas, até no consumo de combustível os resultados registam um avanço — uma economia de 4%!

52% MAIS DURÁVEIS

Tudo foi exaustivamente testado. Em mais de 100.000 horas no banco de ensaio e na estrada. De novo, os resultados ultrapassam as expectativas — 52% de acréscimo na duração dos novos motores!

24% MAIS ECONÓMICOS EM MANUTENÇÃO

O preço dum camião novo é apenas uma fracção do que custa mantê-lo durante toda a sua vida. Por isso, os custos de manutenção têm uma importância decisiva. Os motores Ford 90-150 reduzem esses custos em 24%! Mais um resultado significativo.

FORD DÁ-LHE MAIS

Mas há mais, muito mais! Conheça tudo sobre o excepcional valor de investimento e eficiência que os Ford Cargo lhe garantem. Contacte já o seu Concessionário Ford!

FORD CARGO



O CAMIÃO DO ANO 1982

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



HÁ BEBER E HÁ VIVER

— As bebidas alcoólicas fazem diminuir o tempo de reacção. Numa situação imprevista, o motorista que tenha bebido álcool em excesso só demasiado tarde estará em condições de efectuar a manobra correcta.

HÁ BEBER E HÁ VIVER

Beber ou conduzir — há que decidir!

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro

entrevista

Em duas palavras

«Ribeiro dos Santos» CML preocupada

A Câmara Municipal de Lisboa está preocupada com a ameaça de despejo do infante popular «Ribeiro dos Santos», na Rua Júlio Andrade (ao Campo dos Mártires da Pátria), propriedade da Juventude de Galicia. Krus Abecasis — até porque as eleições estão à porta — visitou-o ontem, prometendo interceder junto da proprietária do imóvel. Avançou também a ideia de doar terrenos para construção de novas instalações para as 160 crianças que, por capricho, a Juventude de Galicia quer pôr na rua.

Adriano C. Oliveira rua em Camarate

A população do Bairro de Angola, em Camarate, decidiu dar o nome de Adriano Correia de Oliveira à Rua do Galvão. A Comissão de Moradores comunicou o facto à Assembleia de Freguesia e à Assembleia Municipal de Loures, no sentido de votar favoravelmente esta iniciativa. A Rua Adriano Correia de Oliveira é uma das principais artérias do Bairro de Angola.

Moradores da Graça ameaça de perigo

Os moradores da «Vila Berta», ao Bairro da Graça, vivem em situação de ameaça que amanhã denunciaram, publicamente, numa reunião com a Comunicação Social, no salão do Grupo Civil do Monte (Rua da Verónica). Os habitantes da «Vila Berta» estão ameaçados por um reservatório de quatro toneladas de gás armazenado. Apesar das queixas feitas junto das autoridades, ainda não viram afastado o risco de uma tragédia.

Torrão tem mais água

A vila de Torrão resolveu mais um dos seus graves problemas. A partir de agora passa a ter água do sector de abastecimento de Alcácer do Sal, podendo encerrar as típicas situações de seca de Verão, que lhe negam qualquer possibilidade de abastecimento. Uma conduta de 15 436 metros foi a solução, que ficou por 30 mil contos.

Candidatos da UDP vão reunir

Os jovens candidatos das listas da UDP para as autárquicas vão reunir, no próximo domingo, na sede nacional do partido, à Rua Poço dos Negros, por convocatória dos Conselhos Regionais da UDP e da UJCR, tratando das reivindicações específicas da juventude.

Autárquicas reúnem PS's açorianos

O Secretariado Regional do PS dos Açores reúne no próximo fim-de-semana para analisar questões relacionadas com as autárquicas. A situação política regional e nacional e a forma de articulação do Executivo regional do PS com o GP da AR açoriana são alguns dos temas em debate.

Alfredo Moura, 45 anos, lisboeta, candidato APU à Câmara de Lisboa



Alfredo Moura a uma das janelas sobre Lisboa e o rio: «Esta é uma das cidades mais bonitas da Europa»

“Numa sede partidária

Um dia, quando um jornal anunciou a sua candidatura à presidência da Câmara de Lisboa, foi convidado para um almoço na Embaixada da Suécia, na Guiné-Bissau, onde se encontrava.

A recomendação que lhe foi feita pela sua anfitriã desse almoço é-nos agora contada numa casa da Graça, com vista para o Tejo e parte da cidade. Pedia-lhe a representante sueca que não fizesse, se fosse eleito, os mesmos erros que foram cometidos no seu país.

A justificação é simples. Logo depois da guerra, a tendência foi para começar a demolir todas as casas velhas que predominavam. No seu lugar, erguiam-se blocos de cimento, vidro e alumínio. Vieram a arrepender-se pelos vistos.

O tenente-coronel **Alfredo António Cândido Moura**, de 45 anos, ministro da Administração Interna, no V Governo Provisório, o de Vasco Gonçalves, evoca a história da Guiné para nos dizer quantas preocupações lhe vão no espírito a respeito de Lisboa.

A conversa que travamos é lenta e longa, na sua casa, onde nos recebeu, depois de recusar o encontro para um centro de trabalho do PCP. Perguntamos-lhe a razão que o levou a procurar um local diferente para dar a primeira entrevista como candidato às próximas eleições.

«Achei que deveria ser no meu escritório ou aqui porque me quero mostrar como sou», responde-nos. «Numa sede de um dos partidos da APU, poderia aparecer como mais um dos que ali trabalham».

A explicação foi dada com uma nota prévia. Para Alfredo Moura, «não há dúvida, de que a força mais importante da APU é o Partido Comunista Português». Mas, contrapõe, «ninguém ainda me pôs a mínima restrição ou influência, nem precisei de qualquer questão». PCP e APU, diz, clarificaram desde o início que o aceitam como é.

Um homem do MFA

Mas quem é, afinal, este candidato da APU à presidência da Câmara Municipal de Lisboa, ex-ministro de quem raramente alguém se lembra? Pomos-lhe a questão desse apagamento na memória colectiva e ele não parece melindrar-se.

«Sou naturalmente discreto», explica. Além disso, considera, «ser ministro, é uma actividade como outra qualquer».

Uma curiosidade, talvez reflexo da sua discrição. Ao fim da entrevista, duas horas e meia de

conversa tinham-lhe sabido a pouco. «Penso que sou mais combativo do que lhe terei parecido».

A sua biografia passou com relativo pormenor por uma sala «lisa», com um ligeiro afluente político: um cinzeiro com a foice e o martelo. Mais tarde deu conta, sem lho pedirem, da proveniência: fora-lhe oferecido alguns.

O começo da vida de Alfredo Moura quase se pode seguir da janela que abre ao Montijo. Nascido na Vila Cândida, a sua infância foi cumprida no típico bairro lisboeta da Graça. A sua mãe ainda vive na casa onde nasceu, deixada aos inquilinos no período quente de 74/75. «Certamente o senhorio teve medo. E tudo aquilo precisava de obras», diz Alfredo Moura.

A carreira militar começou em Angola, nos prelúdios da luta pela independência. A carreira terá sido igual a tantas outras, com comissões em Timor, e, por mais duas vezes, de novo em Angola.

Um pormenor que assinala, fazendo questão em salientar diferenças. Entre a primeira e a segunda comissões fez um curso de educação física, em que teve como instrutores Soares Carneiro, Santos e Castro, Almeida Bruno e Leal de Almeida. Viria ele próprio, a ser instrutor. Os cursos que todos ministraram depois foram o suporte da educação física indispensável à criação do corpo de «Comandos».

O 25 de Abril encontrou-o, à quarta comissão em Angola. Veio a integrar o MFA naquela Região Militar e no princípio de 75 chegava a Lisboa. Era o regresso à sua terra, à administração militar e a entrada nos Servi-

ços de Apoio do Conselho da Revolução.

Esta Lisboa que eu amo...

Os planos para Lisboa, que vai mostrar ao eleitorado, são naturalmente ditados por uma perspectiva de fundo. No caso, trata-se de um lisboeta nascido num bairro típico da cidade, onde o cimento e a especulação também irrompem à mínima oportunidade.

«Esta é uma das cidades mais bonitas da Europa. É um património também europeu, um dos que temos de preservar» — caracteriza. «E até há organismos internacionais que se prestam a dar apoio. Veja Veneza e veja Évora, que é em Portugal...»

A descrição do seu programa para a capital é feito sem pormenores, a nosso pedido. Guiamo-nos pelas linhas mestras das necessidades, do ponto de vista da coligação e dos candidatos.

A certa altura interrompe-se para dar nota de «um aspecto que para mim é dos mais importantes» — como diz. «Não sei se tem a mesma importância, para a APU mas tem-na para mim, é a minha sensibilidade».

A obra que considera importante «é para enterrar». Trata-se, afinal, do grande sector de esgotos. No fundo, é o Tejo que importa, nos seus aspectos de beleza natural de Lisboa e até como possível fonte de doenças, caudal de poluição pela certa.

O rio, de que fala com visível apreço, move-lhe ainda outras preocupações. «É preciso criar acessos ao rio, há-os muito poucos». Sabe que será preciso negociar com partes interessadas na área do rio, como é o caso da AGPL.

«É um programa a começar mas que durará 15 anos» — prevê. Trata-se de despoluir o rio, depois criar-lhe «entradas», rodeá-lo de zonas verdes, levar actividades culturais às suas margens, desportivas às suas águas.

Uma Lisboa que Alfredo Moura ama e que quer levar a todos os habitantes. Uma cidade que recorda e por aí tem um plano pontual. Está-lhe nos olhos a imagem da «fonte luminosa», na Alameda, que motivava escapadelas dos miúdos da Graça em fins de tarde estivais. «A fonte não dá sinais de vida

desde há anos. Ninguém providencia o seu regresso às noites de Verão dos lisboetas. E nem seria caro, diz Alfredo Moura, já fez as contas. Pouco mais de mil contos bastariam.

E precisa:

«Bastam 1275 contos»

Crianças, uma preocupação. Pai de seis filhos no total de dois casamentos, o candidato da APU tem respostas no programa, como é natural, para todas as áreas de grande preocupação do lisboeta comum. A uma delas se mostraria particularmente atento: as crianças.

A segurança que é necessária à frequência das escolas leva-o a pensar na necessidade de implementar medidas de segurança em colaboração com a polícia. Não esquecendo, claro, os problemas que a população em geral vive.

As crianças estão ainda presentes noutros passos do programa que expõe por consulta de um «dossier» e de memória. É o caso da necessidade de construir 200 salas de aula e recuperar, preservando, muitas outras que estão em plena degradação.

E, ainda no mesmo campo, o plano que a APU até já tornou público de colaborar na abertura de uma creche, em plena «baixa», no Centro Social dos Trabalhadores do Comércio.

As necessidades da população, neste e noutros domínios, foram tema de um levantamento feito pela APU por todas as freguesias do concelho. Com base nisso o candidato também cita a urgência de fazer creches, jardins de infância e centros para a terceira idade em determinadas zonas da cidade. É o caso de áreas muito degradadas ou de outras que se encontram completamente desfalcadas de equipamento social: Benfica, Ajuda, Ameixoeira, Olivais, para citar algumas.

O levantamento das más condições de vida da população justifica ainda um curioso ponto do programa da APU: levar água, esgotos e electricidade aos bairros de barracas.

«Não se trata de planejar a perpetuação dessas barracas. Queremos, sim, melhorar alguma coisa, até que seja possível dar uma casa a quantos aí moram» — diz Alfredo Moura.

Abriu portas ao público

«A nível da gestão da Câmara é preciso criar serviços de aten-

dimento do público, directamente ligados à presidência» — considera Alfredo Moura entre as tarefas prioritárias de um município, como o «seu» se ganhasse as eleições, querendo abrir as portas à população.

O que é preciso criar ou dinamizar, eis outro tema: os serviços culturais, agora quase reduzidos a zero, e que deverão dedicar-se ao apoio do desporto, da juventude, das colectividades, do património cultural, do turismo. Mas falta completamente um Gabinete de Planeamento Integrado «para evitar que a Câmara ande a fazer coisas dispersas ao sabor dos humores de cada dia» — diz com um sorriso de ironia.

Um organismo de coordenação para as obras, será outra necessidade, segundo este candidato. O objectivo é coordenar os esforços de várias empresas «que fazem buracos», muitas vezes em dias consecutivos, até com prejuízos para instalações já feitas.

Um exemplo está à vista, actualmente, em Lisboa. A principal conduta de água da capital tem de ser desviada para permitir a passagem de um colectador de esgotos. É ali na Alameda das Linhas de Torres.

E como vamos de finanças?

«Mas também se impõe o levantamento da situação financeira da Câmara. Sabe-se que está endividada mas não se conhece a que valor monta» — belisca-se Alfredo Moura.

As questões de dinheiro, de resto, já lhas suscitámos e repetimos, sempre que se falava de projectos de grandes dimensões. O caso do grande sector de esgotos: posta a questão, pode responder-nos imediatamente que custará três milhões e meio de contos.

As contas de Alfredo Moura e da APU em que se integra são resposta pronta: ele acha que é possível encontrar aquela verba. «Um projecto destes é de âmbito nacional, não favorece só Lisboa» — começa por lembrar. «É o caso da Costa do Sol, onde qualquer dia não se pode tomar banho».

«Por isso, o Governo terá de participar» — acrescenta.

«E há os recursos que têm sido delapidados na cidade» — recorda, agora virado para as

54 45 45



centro S.O.S.
voz amiga

As eleições autárquicas de 12 de Dezembro



Na habitação há a considerar os incentivos à iniciativa privada. «Tenho de explicar bem...»

Um gestor que veio da "tropa"

O que faz um tenente-coronel de 40 anos pedir a passagem à reserva, depois de, no Exército, ter feito uma carreira de gestor? A resposta é fácil, para Alfredo Moura: «A minha vida profissional no Exército orientou-se para os aspectos de organização e gestão».

«Fiz cursos de «management», análise de sistemas, etc., e comecei a sentir-me limitado quanto à minha realização profissional» — prossegue.

A vida de gestor do candidato da APU começaria logo nos Pupilos do Exército, onde fez o curso de contabilidade. Insistiu no «ramo», já na Academia Militar, fazendo o curso de Administração.

A folha de serviços que nos «desdobra» paulatinamente tem por entre comissões e promoções os pontos necessários de uma carreira no domínio da gestão, no caso militar. Em 66/68, por exemplo, segundo nos assinala, começou a desviar para a área da gestão. Foi, então, director do Depósito Base de Intendência, em Luanda.

O seu regresso dessa comissão em Angola foi para o Departamento de Gestão Financeira do Exército, onde esteve durante cinco anos. Aproveitaria para aprofundar a sua formação com programação de computadores, análise de sistemas e frequência do Instituto Superior de Economia.

Já depois do 25 de Abril, regressou à administração militar e as suas funções nos Serviços de Apoio do Conselho da Revolução incidiam particularmente sobre essa área.

A sua empresa de consultores manteve-o no mesmo domínio, essencialmente virado a África, como nos assinala. «Fui o primeiro português a voltar a Angola depois da independência» — relata.

A mesma actividade particular levou-o, desde então, a Moçambique, Cabo Verde (director-geral da Empresa Pública de Abastecimentos). Na altura do anúncio da sua candidatura à Câmara de Lisboa estava na Guiné-Bissau como consultor das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

podia parecer mais um...

verbas próprias da Câmara. «A Câmara de Lisboa alienou neste mandato três milhões e 500 mil metros quadrados de solo urbano. A um preço médio de 10 contos, seriam 35 milhões de contos...»

«No Alto do Lumiar, os terrenos foram alienados a preços entre 500 e 1700 escudos. São 3 milhões de contos. Trata-se, afinal, de um recurso, se o solo urbano for gerido de modo diferente» — remata.

A capacidade de Alfredo Moura para entrar nestes domínios nem será de estranhar. Na sua folha de serviços constam habilitações e serviços no âmbito da gestão. Agora, desde que passou à reserva é sócio de uma empresa de consultoria, virada a África.

Abecasis não sabe...

A conversa no domínio dos dinheiros, verbas, orçamentos e rendimentos, levar-nos-ia a pedir um comentário sobre as ideias do actual presidente da Câmara. Diz Abecasis que se distingue dos seus antecessores por fazer uma gestão patrimonial contra a gestão orçamental.

«Faço um comentário a isso» — prontifica-se o candidato da APU. «O engenheiro Abecasis não sabe o que é a monetarização da economia. O instrumento de troca e avaliação é a moeda.»

«Ele está a voltar ao princípio da troca directa, a economia de subsistência que já não se pratica em Portugal desde há centenas de anos. A não ser nas aldeias mais recônditas.»

O actual presidente da Câmara não estaria, depois de tudo, muito na conversa que travámos. Recordo-me que ele surgiu a determinada altura, por se ter tocado num local desagradável como é o Bairro do Relógio. E então Alfredo Moura disse:

«Sabe que o autor do projecto daquele bairro é o eng.º Abecasis?». E com um sorriso leve: «Se calhar foi por isso que ele já disse que casou com a miséria de Lisboa».

A música virá à rua

Os espaços de Lisboa, sejam na zona mais característica ou em casos como o de Monsanto, estão nas preocupações do candidato. A música, por exemplo, é conteúdo apropriado. Uma

das medidas que poderia ser dinamizada nos primeiros seis meses (o próximo Verão) seriam os festivais de música da juventude, na Alameda de D. Afonso Henriques.

Queremos saber se pensa em termos de «rock». Pronuncia-se pela afirmativa, «eles é que sabem o que havemos de pôr», completa logo depois.

«A par» — prossegue em termos de programa — «é preciso utilizar outros espaços ao ar livre, como o Terreiro do Paço, o Parque Eduardo VII, embora para outros fins. Veja a Praça da Figueira. Podiam pôr-se aí bons artistas, trazer a música à rua».

Mudando um pouco de tema, porque se trata de outro ponto do programa, Alfredo Moura põe o dedo na questão dos balneários em determinados bairros de Lisboa: «Não lhe sei concretizar, de momento, sei que há vários balneários prontos por aí, mas estão fechados».

A questão põe-se-lhe como as várias bocas do Metro que se encontravam prontas há bastante tempo mas cuja inauguração, com presidente e secretário de Estado, foi guardada para os preparatórios da campanha eleitoral.

Circular mais facilmente

Não há candidato à Câmara de Lisboa que seja indiferente ao problema dos transportes. A começar, por exemplo no Terreiro do Paço que deveria ter outra utilização, não deixando que continue a ser um grande parque de estacionamento.

Uma das soluções defendidas por Alfredo Moura é a criação de um corredor para transportes públicos, ligando a Praça de Espanha à Fontes Pereira de Melo.

A facilitação dos transportes implicaria ainda a variação de 200 novos alvarás de táxi na capital.

As dificuldades actuais resultam, segundo explica, do facto de nada ter melhorado nestes três últimos anos. Pelo contrário, «tudo se agravou».

«A solução de fundo está nos transportes públicos, desincentivando os privados, por se revelarem desnecessários» — prevê. Assim, «o Metro deve aumentar a sua capacidade de transporte, a linha de Sintra tem de ser prolongada até Braço de Prata, a implantação da rede de electri-

cos rápidos tem de ser acelerada».

Um outro objectivo central é «retirar o trânsito Norte-Sul de dentro de Lisboa» — prossegue, consultando os seus elementos. A solução tem-na ali: prolonga-se a Avenida de Ceuta até à 2.ª Circular.

Os nós tradicionalmente complicados, onde se perdem horas, estão igualmente agendados. São os casos, entre outros, das rotundas de Alcântara e do Aeroporto, como o Cais do Sodré.

A par de tudo isto, o peão iria conquistando a cidade. A Rua das Portas de Santo Antão, o Largo da Anunciada, as ruas do Carmo e 1.º de Dezembro transformar-se-iam em passagem exclusiva dos pedestres.

E Alfredo Moura acrescenta que não pode deixar de falar no caso do Martim Moniz. «A decisão quanto às alterações a produzir foram tomadas exclusivamente pelo presidente da câmara» — diz.

«É preciso chamar o processo à vereação, à Assembleia Municipal, ouvir a população» — preconiza. **Fazer e recuperar casas.**

A habitação, claro. Talvez o maior problema da capital, como do País, não podia faltar num programa de actividades. «É preciso assegurar 3000 casas por ano» — segundo Alfredo Moura.

«É preciso, antes de tudo, fazer reviver o Gabinete de Planeamento Urbano que foi extinto por este executivo. E também actualizar o Plano Director da Cidade» — entende.

O total de novas casas deverá desde logo ter uma reserva de 10 por cento para jovens casais, nos termos do programa da coligação. A quantidade e qualidade das casas será ainda reforçada com a recuperação, no mínimo de 1300 fogos por ano.

A recuperação de casas, no balanço de Alfredo Moura, foi totalmente abandonada, nestes três últimos anos. O facto é constataável até pela leitura dos jornais. Qualquer pequena tempestade faz ruir um número crescente de prédios, quase sempre habitados.

O Programa de Recuperação de Imóveis Degradados, PRID em sigla, ainda existe, curiosamente. Mas... «veja o orçamento para casas degradadas. Para o ano corrente, a actual Câmara



orçamentou a bonita soma de quatro contos».

Alfredo Moura ironiza: «Só se for para as capas do próprio orçamento...»

A resolução dos problemas habitacionais deverá ainda passar, segundo este plano e o candidato, pelos «incentivos à iniciativa privada». Mas faz questão de explicar bem: «Esta Câmara não vendeu um único lote para construção a pequenos industriais, na cidade de Lisboa».

«Não houve hastas públicas para eles. As coisas que apareceram foram todas para os grandes». E, dito isto, o tenente-coronel na reserva apresta-se para entrar num mundo de pequenas coisas, todas importantes.

Das Juntas ao grande mercado.

«Além do mais, é preciso descentralizar verbas e competências para as Juntas de Freguesia» — eis como que uma resposta às reivindicações nesse sentido que têm sido feitas. Inutilmente, até agora.

Uma outra intervenção relevada por Alfredo Moura é o estudo e construção de um grande mercado abastecedor de Lisboa. «Ninguém sabe o que é feito do processo».

«Há uma grande área reservada, em Beirólas, para esse efeito» — acrescenta. «E toda a gente, todos os técnicos, dizem que o local é bom».

Uma das vantagens, além de resolver um problema candente no sector dos abastecimentos, era o de eliminar a complicação

crescente que resulta do actual mercado abastecedor situado junto ao Cais do Sodré.

E há ainda, nas páginas que folheia, ou em ideias que subitamente afloram, lugar para outros pontos: a captação de águas subterrâneas em jardins para regas e lavagens; a defesa e valorização de todos os parques («Se Monsanto for frequentado deixa de ser perigoso» — exemplifica); estudar um novo palácio dos desportos, que o Pavilhão já «deixa muito a desejar».

O que é exequível em tudo isto? As verbas necessárias conhece-as, promete ir buscá-las, como vimos. «A nossa diferença é que ao dizermos isto, é para fazer».

E compara: «A AD em 179 medidas anunciadas nas últimas eleições concretizou 18.»

O quê, a Polónia?

Anuncio, a certa altura, que lhe vou fazer uma espécie de «prova de fogo». Levanta a cabeça com um ar interrogativo perante algumas palavras explicativas.

«Vai fazer-me perguntas sobre a Polónia?» — pergunta. Dizemos que não, fomos só por Lisboa. Quase desafia, o candidato. «Mas posso falar, tenho opinião. Não tenho medo de dizer...»

Mas optamos por lhe perguntar se Lisboa tem poucos ou muitos cemitérios. Não tem dúvidas. Confessa logo, logo, que não sabe. «Estive dois anos fora, não sei mesmo...».

A questão também não irá muito longe na prática. Este candidato propõe o trabalho de

equipa contra a imagem do presidente. «Se a APU vencer as eleições, a gestão será comum a todas as forças». E haverá os serviços técnicos, «não quero fazer tudo sozinho».

Uma outra pergunta lhe pomos: quem cozinhou o programa que vai ser divulgado? «Foram os oito ou dez primeiros candidatos da lista, técnicos camarários e de empresas que têm grande importância na vida de Lisboa» — garante.

E porquê um independente sucedendo a um homem do PCP, Silva Graça, até conhecido e com prestígio?

«Não é o eu ser independente. São 51 por cento de independentes nas listas da APU» — diz imediatamente. E depois explicita: «há um descontentamento muito grande de pessoas que, até aqui, não se têm sentido representadas por ninguém».

«Como apareço nisto?» — repete a uma pergunta nossa. «O Anselmo Aníbal, que já é vereador, foi meu secretário de Estado. O Silva Graça é amigo de pequeno, em Moçambique, da minha mulher. Foi por isso que me telefonaram para a Guiné.»

O bicho do militar

Mas há uma razão de fundo que o leva a aceitar de imediato. «É a situação catastrófica do país, que ninguém nega» — repete, de memória, de uma sua «proclamação» a Lisboa.

E há uma ferida em aberto, dentro dele, que o acompanhou pela vida fora: «O meu pai esteve no Tarrafal» — intronete a certa altura.

A 25 de Abril de 1974, não estava virgem em matéria de movimentações contra o salazarismo. Ele, então cadete, já estava metido na «revolta da Sé».

«E há o bicho do militar que quando vê o país a entrar no descalabro sente necessidade de se empenhar. Será o patriotismo dos militares, sem se tratar de um exclusivo, claro» — prossegue, a propósito desta aceitação, em 1982.

Mas, lembramos-lhe, trata-se apenas de se candidatar à possível resolução de problemas em Lisboa. «Sim, diz-nos, não tenho a pretensão de resolver os problemas do País. Começo e espero acabar por aqui.»

Texto: Rogério Vidigal
Fotos: Rui Pacheco

As autárquicas de 12 de Dezembro

Sérgio Ribeiro: queremos "trabalho e competência"

No concelho de Ourém, onde se situa o santuário de Fátima, a APU vai concorrer este ano, pela primeira vez, a todas as freguesias e a todos os mandatos.

«Esse era o nosso primeiro objectivo e foi totalmente conseguido» — disse ao «DL» o economista Sérgio Ribeiro, candidato da APU à presidência da Câmara e o grande entusiasta, no concelho, daquela lista.

Conhecedor profundo das realidades do concelho que o viu nascer — há 46 anos, no Zambujal, Atouguia — Sérgio Ribeiro sabe das dificuldades que vai encontrar. Mas nem por isso o seu entusiasmo diminui. E foi com serenidade que nos afirmou:

«Não concorremos com o fim imediato e imediatista de ganhar umas eleições. Não temos a ilusão de poder levar por diante, a curto prazo, a política que defendemos e a gestão que todos nós queremos. E sabemos até que haverá quem pense que não vale a pena, que vai ficar tudo na mesma, que serão os mesmos a ganhar. Pois bem: recusamos esse fatalismo. Já tudo é diferente só pelo facto de concorrermos. E seremos mais do que uma simples presença».

Em 76 a APU concorreu, em Ourém, a 10 mandatos, apresentando 10 candidatos; em 79 já disputou 147 mandatos com 90 candidatos; este ano concorre a 303 mandatos com 247 candidatos, suplentes incluídos. E duma coisa têm a certeza os elementos do Povo Unido: vão aumentar significativamente a sua votação e o número de eleitos que desde 79 são três: um na Assembleia Municipal e dois nas freguesias.

Para se ter uma ideia do que é, politicamente, o concelho de Vila Nova de Ourém, basta lembrar a composição da vereação saída das eleições de 79: dois vereadores do PSD (um é o presidente da Câmara), dois do CDS, dois do PDC (ainda se recordam os leitores do significado desta sigla?) e um do PS. Com a agravante de todas as decisões do executivo terem sido tomadas por unanimidade.

«Na verdade é inconcebível que o vereador do PS, que é o comandante dos bombeiros, não tivesse ao longo destes anos, levantado a sua voz para denunciar a gestão calamitosa da AD reforçada pelo PDC. A única voz que se ouviu no concelho para denunciar o que se tem passado foi a do representante da APU na Assembleia Municipal, que aí fez sentir a importância de haver uma presença que sirva para denunciar e travar a incompetência, o desinteresse, o desleixo, o compadrio, as traficâncias» — lembrou Sérgio Ribeiro.

Tudo nos passa ao lado

De acordo com o nosso entrevistado, «por duas vezes em Vila Nova de Ourém — em 76 e em 79 — a votação entregou os destinos da Câmara nas mãos de quem não nos serve». A prova — sublinhou — «está no que foram os dois períodos de três anos, no que foi a evolução da nossa terra».

Ourém, quarto concelho em população em todo o distrito de Santarém, tem visto aumentar o atraso que tem em relação à região em que se integra. «Essa situação, que já em 76 denunciávamos no programa da então FEPU, agravou-se no sindicado de que não se tomou nenhuma medida do desenvolvimento, como o consumo de energia e a contribuição para o Produto Interno» — adiantou, antes de acrescentar:

«Os cerca de 40 mil habitantes do concelho que somos (eram mais de 47 mil no censo de 1960!) merecem melhor que este passado próximo e melhor que as perspectivas que se abrem».

De facto, e segundo documentos oficiais que Sérgio Ribeiro nos facultou, o concelho de Vila Nova de Ourém aparece sempre anexo ou como apêndice de um triângulo imaginário com vértices em Tomar, Torres Novas e Abrantes, na chamada «zona de influência de Tomar» ou no eventual «agrupamento de municípios de Tomar».

Tudo nos passa ao lado — desabafa o candidato da APU. As estradas e a pouxada. Por onde vai passar a auto-estrada do Norte? Que dizer da estrada internacional que deverá ter um nó de ligação com a auto-estrada de Alcanena e atravessará toda a sub-região ao sul do nosso concelho? Que dizer da «Pousada de Ourém» de que se falava no Boletim Municipal n.º 2 (Dezembro de 80) como de breve realidade? Aparecerá agora, como promessa, junto de tantas outras ainda em «carteira»? Como o hospital, por exemplo? E Sérgio Ribeiro, falando com mágoa do muito que, quer o PSD, quer o CDS prometeram ao povo da região sem nada cumprirem, sublinhou que o pouco que temos (serrações de madeira e mobiliário de madeira, por exemplo) corre o risco de estagnar e de se perder em vez de ser o germe de um desenvolvimento integrado numa sub-região.

Os salta-pocinhas partidários

Antes de voltar à APU: o que se passa no concelho de Vila Nova de Ourém em termos de «fórfocas» partidárias é engraçadíssimo. O presidente da Câmara em 76 pertencia ao CDS. Depois zangou-se e passou-se para o PDC que em 79, à custa dessa «defecção», conseguiu dois vereadores. Mas as zangas não são eternas e os milagres — ainda muito mais por aquela zona — não são para admirar. Esquecem-se coisas que se dizem e se fazem, e, zás, eis que de novo o médico Teixeira volta este ano às hostes do CDS que pensa arrebatá-lo à Câmara ao PSD. E este é apenas um dos muitos exemplos que vos poderia contar, depois de uma rápida estadia por aquelas bandas.

A questão das promessas feitas a esmo nas campanhas eleitorais e depois não cumpridas é, sem dúvida, das mais significativas no concelho de Ourém (de resto, e infelizmente, como em muitos outros concelhos). E por isso registamos o que nos disse, a propósito, Sérgio Ribeiro:

Não concorremos para promover piscinas, biblioteca municipal, ou a construção de cine-teatro, como foi feito em 79 sem que até agora algo se tenha visto. O nosso programa é a afirmação de que queremos honestidade, trabalho, dinamismo, competência nos órgãos autárquicos. Queremos que os problemas sejam resolvidos participadamente, queremos que o povo tenha voz. É necessária, é indispensável, uma acção muito determinada e mobilizadora que corrija a evolução negativa do concelho, que não se deve aceitar como fatalidade. O programa da lista que encabeço não pode fazer outra promessa que não seja a de muito trabalho no sentido de tornar Vila Nova de Ourém um concelho com uma dinâmica bem diferente da que resulta de tudo lhe ser exterior.

Ribeiro Cardoso

Candidatos AD à presidência das Câmaras

Dos 127 nomes apresentados oitenta são do PSD

A Aliança Democrática concorre à presidência de 127 Câmaras Municipais nas eleições de 12 de Dezembro sendo 80 dos candidatos do PSD, 24 independentes e 23 do CDS. Do conjunto dos presidentes, propostos pela AD, 125 são homens e dois

mulheres, tendo uma média de idades de 43,6 anos.

No que respeita a profissões são os engenheiros que detêm a maioria (18) seguidos pelos funcionários públicos (13), pelos advogados (9), pelos comerciantes, empregados bancários e

professores primários (oito de cada) e pelos médicos (sete). Professores do ensino secundário são cinco. O mesmo número de reformados e quatro industriais, quatro economistas e outros tantos agricultores. Há ainda, nas listas da AD às presi-

dências das Câmaras, dois funcionários dos CTT, um da EDP, um técnico de contas, um notário, dois gerentes de empresas, um solicitador, um geólogo, três oficiais do Exército na reserva e um construtor civil.

APU mostra a Lisboa "que é" e a que "deve ser"

O cemitério da Lobeira (ou de como um cavalo "ajuda" a cidade)

O cemitério da Lobeira estava previsto para os limites da cidade de Lisboa, desde 1972. Ficaria junto à Musgueira Sul, onde a cidade acaba e o concelho de Loures começa.

A certa altura começa a circular a história do cavalo da Lobeira. Simples como água: um cavalo que ali fora enterrado permanecia intacto ao fim de muito tempo. Milagre não era, claro. A única hipótese plausível era que o terreno não digerira a matéria orgânica.

O cemitério, obviamente, tinha local deficientemente escolhido e teria que ir para outro lugar. Alguns cidadãos interessados nestas coisas resolveram averiguar. Os serviços da Câmara afirmaram que as análises previamente feitas mostravam o contrário. A terra era tão boa para nos comer a carne como a do Alto de S. João, Prazeres ou Benfica.

A verdade é que o projecto do cemitério foi travado e agora ao que parece definitivamente posto de lado. Parada ficou igualmente a construção de dezenas de fogos, na Musgueira Sul, para alojamento de famílias das barracas que caracterizam o bairro. A ordem foi dada pelo actual executivo municipal.

A área em que estas duas histórias nos chegam à mão foi ontem visitada por jornalistas, levados por candidatos da APU à Câmara de Lisboa. Aqueles terrenos fazem parte do lugar destinado por Krus Abecassis à «sua» cidade do Alto do Lumiar, como ele diz, para albergar cem mil pessoas.

O projecto é contestado por gregos e troianos, leia-se PS e APU. Mas os terrenos já foram passados a uma firma de construção, com preços que ficam quase a um décimo do seu valor normal numa zona como aquela.

A visita ontem concretizada, a convite dos candidatos da APU, ocupou uma manhã e acabou por ser curta. Mas deu para revelar a quantos a integraram um conjunto de problemas, erros e possibilidades. No fundo, transparecia um conjunto de concepções diferentes aos do actual executivo quanto ao que deve ser uma cidade «cómoda, segura e atraente», como rematária, após o almoço, um dos candidatos, o arquitecto Silva Dias.

Cerzir a cidade

O mesmo candidato citava a certa altura do percurso um seu colega de profissão, o arquitecto Nuno Portas: «O que é preciso é cerzir Lisboa».

O que ele, Silva Dias, queria significar era que a par de algumas intervenções de «grande cirurgia», Lisboa tem de ser melhorada dentro das características que tem como cidade secular, das mais belas, características.

«Cerzir», é, por exemplo, uma grande parte do percurso: em vez de demolir como actualmente se faz logo ao início da Avenida da Liberdade, recuperar, e manter o que restava do antigo «passoio



Bairro 2 de Maio: há oito anos que espera um mínimo de equipamento social. Nos três últimos anos, tudo o que estava planeado parou

público»; limpar o Terreiro do Paço de todos aqueles automóveis e restituí-lo aos cidadãos. Ainda assim, recordaria Silva Graça, o Terreiro do Paço ficará separado do rio por seis faixas de rodagem. Uma situação também ultrapassável.

Continuemos o «passoio»: Cais do Sodré, entupido várias vezes ao dia. Um novo mercado abastecedor, substituindo o da 24 de Julho seria achega considerável para ultrapassar a situação. Edifício da Standar Eléctrica: uma casa da cultura, no verdadeiro sentido do termo, e não um mero Museu do Azulejo, como o actual executivo camarário decidiu.

A antiga «central Tejo» é um local a preservar, como exemplo típico de arqueologia industrial. Onde se fez a abarracada Feira de Belém, outra iniciativa Abecassis, deverá ser instalada um jardim. Há jardim à esquerda e à direita...

Mais acima, um jardim infantil no Largo da Boa Hora, feito pela Comissão de Moradores, aguarda que a Câmara faça os arranjos. Como os anos passam... O Bairro 2 de Maio, ocupado em 74 por se encontrar vazio, continua sem equipamento social.

Atravessamos Monsanto: continua a ser um perigo. «Podemos desenvolver aqui actividades que não colidam com os verdes. Assim, se houver gente, deixará de haver perigo...» — lembram os ciclistas, de que também fazem parte Zita Seabra e Luís Azevedo, candidatos à Assembleia Municipal de Lisboa.

Passáramos Alcântara a precisar de uma solução para os engarrafamentos diários. Ao longo da Avenida de Ceuta, os homens da APU reivindicam a necessidade de um prolongamento até à 2.ª Circular. «Custará muito dinheiro, mas desviará o trânsito do Terreiro do Paço aproximando-o do rio» — diz Silva Dias.

Exigir o jardim previsto...

E há uma exigência de que seja cumprido um acordo. A construção de algumas torres na antiga garagem da Carris, às Amoreiras, teria a contrapartida contratual de um jardim no Arco do Cego, em terrenos da mesma empresa, com um silo subterrâneo. As obras das Amoreiras arrancaram, as outras nem sinal.

Logo depois, mais «arqueologia industrial ameaçada»: é a fábrica de Cerâmica Lusitânia, ao lado do Campo Pequeno. Passámos pelo começo do Campo Grande. Os candidatos manifestam-se, no autocarro, contra um viaduto a ligar as avenidas das Forças Armadas e a dos Estados Unidos. «Já aqui há uma passagem desnivelada e noutras zonas o viaduto seria mais urgente» — diz um dos acompanhantes.

«Além disso, trata-se de mais uma troca de serviços por terrenos camarários» — acrescentam. «Estas coisas parece que são feitas por propostas directas dos empreiteiros ao presidente da

Câmara» — é outro comentário.

A Alameda das Linhas de Torres está cortada. Obras inopertunas, segundo os candidatos da APU. Calvanas prossegue por mais uma troca de «valiosos terrenos na Quinta do Lambert».

O bairro das Calvanas está ali, com aviões que aterram e descolam. Tudo clandestino. A APU entende que deveria levar o mínimo de equipamentos. A Musgueira Sul continua a ser de barracas. Tem uma esquadra de pedra e cal.

Aproxima-se a Rotunda do Relógio. Um caso prioritário, ao contrário de Entrecampos ou Calvanas. E já está Chelas, à vista, como exemplo de que a Câmara pode «fazer» casas dentro dos mais modernos padrões, para alojar centenas, milhares de famílias. São projectos anteriores a Abecassis.

Terminámos, sinteticamente, na Curraleira. Almoçamos numa cooperativa de habitação, a Belo Horizonte. Como todas as outras tem mais uma promessa de dinheiro em carteira, para acabar casas que se degradam. Os potenciais moradores esperam em mais barracas.

«Lisboa tem hoje menos uma creche do que há três anos» — lembra Zita Seabra. E também recorda que, contra os milhares de casas prometidas, só cerca de sete centenas de famílias foram alojadas pela Câmara.

Rogério Paulo, à beira da Standard: «Poucas cidades terão tantos espaços para fazer cultura. Não há política cultural...»

Habitação económica

Cerca de sete mil fogos aguardam financiamento

Um projecto de lei alternativo aos decretos governamentais sobre cooperativas de habitação económica será elaborado, na assembleia geral da Federação Nacional das Cooperativas de Habitação Económica (FENACHE), que se realizará nos dias 18 e 19 de Dezembro, em Braga: uma «pedrada no charco», no entender de um elemento da direcção da FENACHE, que provará ser possível o que hoje é tornado inviável pelo Governo.

Cerca de três mil habitações construídas por cooperativas não puderam ainda ser habitadas devido a não ter sido concretizada a comparticipação do Governo na implantação de infraestruturas, segundo foi denunciado, em conferência de Imprensa, pela FENACHE. Existem, por outro lado, sete a oito mil fogos com projectos concluídos a aguardar financiamento, em muitos casos há mais de dois anos.

Segundo a FENACHE, foi durante a vigência do II Governo da AD, era então Luís Barbosa ministro da Habitação, que se começaram a criar sérios entraves aos programas de construção de

habitações económicas. Data dessa altura a suspensão de financiamento a esses programas, justificada pelo ministro com a inadequação da legislação em vigor à crise económica que o país atravessava.

Em Janeiro de 1982, o ministro Viana Baptista, em reunião com a FENACHE, anunciou que estaria para breve a publicação da nova legislação sobre financiamento, garantindo às cooperativas que poderiam lançar, em Março do presente ano, concursos para construção. A legislação sobre financiamento só veio a sair, no entanto, em Julho. Mas, ainda no mês de Maio, o Governo, através de uma reso-

lução publicada no «Diário da República», anunciou o financiamento, para 1982, de 3 mil fogos. Em Novembro, não foi ainda financiado nenhum projecto.

Os principais problemas que hoje se põem às cooperativas de habitação económica centram-se nas dificuldades de obtenção e legalização de terrenos, na falta de financiamentos iniciais e de reforços de verba que se tornam necessários devido ao grande aumento dos preços de construção e o atraso na implantação de infraestruturas, em que, legalmente, o Estado deve participar.

Assim, e devido a esses problemas, no Algarve esperam financiamento 2073 fogos dos quais 762 aguardam desde 1980 e 1311 desde 1981. Em Portimão, 230 fogos já concluídos não podem ser habitados devido à não implantação de infraestruturas. No distrito de Setúbal, 700 fogos esperam também por financiamento, 659 estão concluí-

dos mas sem infraestruturas e, em 341, as obras estão em perigo de pararem, por não ter sido ainda atribuído o reforço de financiamento. Na zona do Grande Porto 1200 habitações esperam por financiamento. No norte são 1621 as que estão nas mesmas circunstâncias e 1507 as que não dispõem de infraestruturas.

A existência de uma portaria que estabelece como crédito máximo, por habitação económica, 1400 contos estará também na base, segundo a FENACHE, da impossibilidade de construção. «Desafiamos — afirmou um elemento da direcção da Federação — qualquer membro do Governo a construir uma casa, com um mínimo de condições, por 1400 contos.»

As cooperativas de habitação económica construíram, entre 1976 e 1980, cerca de 15 mil fogos e tinham terrenos e projectos preparados que permitiam a construção de 5 mil fogos por ano.

Pela reabilitação da imagem da Administração Pública

Carta-aberta reclama intervenção do Presidente da República

Os crescentes ataques à administração pública, a receptividade com que por vezes são acolhidos por membros do Governo e o agravamento geral das condições de trabalho naquele sector, levaram um grupo de cidadãos, subscritores de uma carta-aberta dirigida ao Presidente da República, a reclamar a intervenção deste órgão de soberania, «no sentido de se encontrarem soluções que ponham termo a uma actuação manifestamente indigna».

Os signatários consideram existir uma «campanha concertada tendente a obter uma restrição do sector público» procurando-se, inclusivamente, «justificar o abandono de algumas incumbências, acusando a administração pública de estar transformada numa burocracia esclerosada, de excessivamente dimensionada e de falta de iniciativa».

Mas as estatísticas da OCDE, sublinham, «provam que Portugal não é de todo um país com excesso de funcionários públicos, e o êxito com que tantas

vezes funcionários públicos que abandonam a administração se integram no sector privado, claramente desfazem o sofisma de tais acusações».

Depois de considerarem que a administração pública poderá ser melhorada, tomada mais operacional e eficaz, com a adesão dos trabalhadores, «desde que o Governo assumia as suas responsabilidades, se definam de forma clara objectivos a atingir, e se atribua a necessária autonomia para o efeito», os subscritores da carta-aberta sustentam que «o problema crucial é a incapacidade do Governo em programar e acautelar o bem comum».

As situações que tem vindo a conhecer um agravamento ao nível da administração são tipificadas no referido documento, sob a forma de paralisações e desmantelamentos de serviços essenciais, institucionalização de organismos sem audição de funcionários directamente interessados, restrições da actividade administrativa orientadora e disciplinadora, privatização de

funções de interesse público, marginalização de serviços operativos, bloqueamento de iniciativas novas, nepotismo, reinante em inúmeros sectores, marginalização de quadros competentes, indiferença e desinteresse perante denúncias de corrupções, e cedência sem quaisquer critérios de bens e equipamentos.

Finalmente, no que respeita às condições em que são exercidas as funções, é sublinhada a depauperização salarial, a ausência de esquemas de valorização profissional, o controlo político das promoções, a ausência de orientações de política e planos de actividade, a instalação em lugares de topo de indivíduos sem «curriculum» na administração e os insultos repetidos aos trabalhadores da Função Pública.

«Estes factos, concluem os signatários da carta-aberta ao Presidente da República, têm conduzido à desmobilização e fuga de conceituados quadros, que contribuem para o empobrecimento qualitativo da actividade da administração e para a

corrosão do seu espírito anímico e imagem pública, e demonstram noutros aspectos a mesma incapacidade e incompetência para o desempenho das altas funções em que foram investidos os actuais governantes».

Este documento, que se encontra presentemente a circular em todas as estruturas da administração, de modo a recolher a adesão de todos os que com ele se identifiquem, foi já subscrito por António Brotas, António Cruz, António Godinho, Aurora Murteira, Aurora Soares Louro, Beja Santos, Carlos Moraes, Daniel Ribeiro da Cruz, Feliciano David, Frias de Barros, Frederico de Carvalho, Fátima Furtado Fernandes, Guilherme Oliveira Martins, Ivo Pinho, João Bau, Joaquim Correia, Joaquim Penha, Luís Pombo Cardoso, Margarida Gonçalves Pereira, Margarida Marques, Maria Bento, Maria do Rosário Sobral, Mendes Vistor, Miranda Ferreira, Pedro Arsénio Nunes, Pegado Liz, Rogério Fernandes, Ulpiano Nascimento e Vilhena de Carvalho.

Por decisão da Ordem dos Médicos

Radiografias pela Previdência suspensas na Região Norte

Numa situação que, a breve prazo, segundo o «DL» apurou, se poderá alargar ao resto do país, os 47 médicos radiologistas da Região Norte (40 do concelho do Porto e os restantes de Braga, Lamego, Santo Tirso, Viana do Castelo e Vila Real) suspenderam a marcação de novas radiografias aos beneficiários da Previdência, ao que afirmam devido ao não cumprimento, por parte do Ministério dos Assuntos Sociais da convenção assinada entre os Serviços Médico-Sociais e a Ordem dos Médicos».

Simultaneamente, o Conselho Regional da Ordem dos Médicos, que já convocou para esta noite uma assembleia geral extraordinária, a realizar no Pavilhão das Antas, com o objectivo de «votar uma greve da classe» emitiu um comunicado no qual a referida assembleia é marcada de exames radiológicos aos utentes dos Serviços Médico-Sociais fiquem suspensas, con-

tinuar-se-ão a realizar os exames marcados». Por outro lado, prossegue o documento, ficará suspensa a partir do próximo dia 2 de Novembro a realização de qualquer exame radiográfico a não ser que seja previamente pago pelo utente ao valor actual. E, depois de 1 de Janeiro, o valor de exame radiográfico será o definido pela tabela de honorários da Ordem dos Médicos».

Considerando que a suspensão agora decretada ficou a dever-se ao não cumprimento pelo Ministério dos Assuntos Sociais da convenção e as sucessivas quebras de compromisso por parte do titular da pasta, o Conselho Regional da Ordem dos Médicos responsabiliza Luís Barbosa «pelas consequências nefastas que para as populações necessariamente decorrem desta situação por ele próprio criada».

Desprezo pela classe médica

Na assembleia desta noite será apresentada uma proposta apontada para o início de uma greve da classe com início às nove horas do próximo dia 23

fundamentado na «falta de cumprimento da maioria dos compromissos assumidos pelo ministro dos Assuntos Sociais e o constante desprezo pelas justas aspirações da classe médica».

Outra proposta será votada na altura recomendando «a imediata suspensão» de quaisquer contactos com Luís Barbosa e o secretário de Estado da Saúde, Paulo Mendro, «até ao seu afastamento destes lugares». Preconizando também que sejam tomadas «todas as medidas legais» consideradas necessárias «para que a demissão dos actuais titulares do Ministério dos Assuntos Sociais e da Secretaria de Estado da Saúde se concretize rápida e inexoravelmente».

de ontem para hoje

Caçadores disparam sobre GNR

Cinco caçadores que utilizavam furões irão ser processados sob a acusação de terem alvejado, ao ser surpreendidos, uma patrulha da GNR, nas proximidades de Idanha-a-Nova. A sua identificação fornecida pelas autoridades é a seguinte: José dos Santos Trigueiros, de 36 anos, solteiro, técnico auxiliar de sanidade, e o seus irmãos António dos Santos Trigueiros, de 31, casado, bancário e José dos Santos Trigueiros, de 33 casado, professor (que já estava proibido de caçar); António Trigueiros Pereira, de 57, casado, empregado comercial e António Manuel Mendes Trigueiros, ambos primos dos primeiros.

«Tarita» ainda continua a monte

A Polícia Judiciária continua a ignorar o paradeiro do cadáver de Joaquim Sargento Baptista, o «Tarita» — foto — suspeito de ter assassinado André Caeiro Lampreia, por aliciamento do amante da mulher deste, o ferroviário de Serpa, José Ramos Alfiante. De acordo com os investigadores André Lampreia, que apareceu enterrado numa vala nas proximidades de Coina, apresentava múltiplas fracturas na cabeça, nomeadamente ao nível dos maxilares, tudo indicando que tenha sido agredido com o auxílio de um pau. Registe-se que José Ramos Alfiante sofreu «forte comoção» ao assistir à exumação do cadáver, pelo que teve de ser internado de urgência no Hospital de S. José.



Incêndio no Quartel de Beja

As autoridades militares investigam as causas do incêndio que, no passado dia 31 de Outubro, deflagrou no Regimento de Infantaria de Beja, na arrecadação onde estava guardada lenha para a cozinha. O sinistro, que foi combatido pelos bombeiros locais, poderá ter tido origem criminoso.

Armada socorre navegador francês

Um navegador solitário, de nacionalidade francesa, foi socorrido ao largo dos Açores após ter lançado um apelo, no qual afirmava encontrar-se com um «ataque de apendicite». De identidade ainda não conhecida, o navegador do iate «Pantechop» recebeu os primeiros socorros do médico que seguiu a bordo da corveta da Armada para o local.

Floresta destruída em Manteigas

Mais de 500 hectares de florestas foram destruídas na área de Manteigas, no distrito da Guarda, por incêndios ocorridos nos meses de Agosto e Setembro, segundo revelaram ontem os Bombeiros de Manteigas. Neste período foram utilizados pela corporação mais de 200 homens e despendidas mais de 50 horas de combate às chamas.

Uma carta à mulher que amava

Deixando uma carta dirigida, ao que se supõe, à mulher que namorava, Ricardo Abrantes Silva, de 27 anos, trabalhador-estudante e director da Associação de Motoristas de Sacavém, foi encontrado morto com um tiro na cabeça, no andar que habitava sozinho no Catujal. Junto ao cadáver encontrava-se uma pistola e a botija de gás estava aberta. A PJ aguarda os resultados da autópsia, embora tudo aponte para a tese de suicídio.

Estudante trucidada pelo «Foguete»

Uma estudante de 14 anos, Maria de Lurdes Mendes, foi trucidada na estação de Santa Iria da Azoia, pelo comboio «Foguete» que saíra de Santa Apolónia, com destino ao Porto. A jovem, ao que dizem testemunhas oculares do acidente, desceu inadvertidamente de uma composição proveniente de Vila Franca de Xira, localidade onde frequentava a Escola Secundária.

O atropelamento de dois atletas

Quase dois meses decorridos continua em liberdade António Cavaco, autor do atropelamento mortal de dois jovens atletas, ocorrido em Beja, na noite de 28 de Setembro último. As vítimas, Horácio Ulfrázio Candeias e Fernando Agostinho Rodrigues Cheira dedicavam-se à prática do atletismo na altura do acidente. António Cavaco, que não tem carta de condução nem possuía o veículo no seguro, desapareceu do local do sinistro, deixando os dois jovens prostrados no solo e sem vida. Segundo se pode ler no «Diário do Alentejo», que se publica naquela cidade, «não está posta de parte a hipótese de ter havido homicídio voluntário».

Chicharro apreendido em Espanha

Dois barcos portugueses foram apreendidos pelas autoridades espanholas sob a acusação de estarem a pescar ilegalmente chicharro e de terem destruído redes ao largo do porto de El Cudillero. O «Tritão» e o «Mar Ártico», respectivamente das praças de Aveiro e Leixões, chegaram ontem à tarde a Gijón, tendo-lhes sido apreendidos cerca de 1600 quilos de pescado. A bordo dos dois pesqueiros encontram-se 26 tripulantes.

Comissão Europeia quer Portugal já associado às reformas da CEE

A Comissão Europeia entende que Portugal e a Espanha devem, desde já, ser associados às suas reformas e à sua política de reconversão nos sectores sensíveis, e que a CEE deve propor-lhes uma data de adesão.

Esta recomendação consta duma carta dirigida nestes últimos dias aos Chefes de Estado da CEE pela Comissão. Não foi divulgado o conteúdo do inventário das dificuldades ligadas ao alargamento, que fora pedido na sua última cimeira, em Junho, pelos Chefes de Estado e de Governo. Mas, de fontes comunitárias indica-se que o documento esboça orientações para o prosseguimento das negociações com os dois países ibéricos e para a solução dos problemas no interior da CEE.

Segundo o documento, Portugal e a Espanha devem adaptar-se desde já às políticas de limitação da produção definidas pelos Dez nos sectores sensíveis (aço, têxteis), e orientarem-se para uma redução das capacidades de produção. Os dois países candidatos poderiam beneficiar dum maior auxílio financeiro da CEE antes da sua adesão, para essas reconversões necessárias, no âmbito das «disponibilidades actuais».

Quanto aos produtos mediterrânicos (azeite, fruta, legumes), também é preciso iniciar um diálogo com Lisboa e Madrid quanto à política a seguir em matéria de excedentes e de organização dos mercados. A Comissão não exclui o recurso a uma taxa sobre as matérias gordas vegetais importadas dos «países terceiros», para encorajar o con-

sumo de azeite na CEE, mas não o propõe formalmente. O documento indica em substância que não se deve porém pedir um tal esforço a Portugal e à Espanha sem associar os dois países à definição destas políticas e sem lhes fixar um prazo para a adesão.

Por outro lado, a Comissão entende que é preciso prever um sistema de «transição por etapas» após a adesão, que se traduziria por períodos de derrogação às regras comunitárias mais ou menos longos, segundo o

em conta os problemas dos países da bacia mediterrânica cujas trocas privilegiadas com os «Dez» serão afectadas pela adesão de Portugal e da Espanha.

O alargamento da CEE para 12 membros, provocará um aumento das despesas de 4 a 6 por cento segundo um cálculo estimativo baseado numa projecção do orçamento de 1981. As despesas passarão de 850 para 1.400 milhões de «ECUS» e a percentagem da TVA dos Países membros destinada ao Orça-

Exige-se, no entanto, e desde já, reduções da produção nos sectores sensíveis dos têxteis e do aço

grau de dificuldades encontradas nos sectores em questão.

Em relação à Espanha, a Comissão pretende que se iniciem sem demora negociações relativamente aos «dossiers» que ainda não foram abordados, designadamente a pesca e a agricultura, sectores em que a CEE não definiu ainda uma posição comum.

A Comissão europeia recomenda também que a CEE tenha

mento oscilaria entre 0,964 e 1,044. Esta projecção não tem em conta modificações das políticas em curso na CEE, nomeadamente no sector dos produtos mediterrânicos, que ocasionarão custos suplementares.

A concluir, a Comissão pensa que se deve rever o sistema de tomada de decisão na Comunidade e deplora o recurso abusivo, a seu ver, da regra da unanimidade.

Em sete meses Degradação do comércio externo aumentou 12,7 por cento

O Comércio externo deteriorou-se ainda mais nos sete primeiros meses deste ano, aumentando em consequência o défice da balança comercial de Janeiro a Julho para 212 milhões de contos.

O agravamento corresponde a 12,7 por cento relativamente a idêntico período do ano passado, segundo informação prestada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

O valor das importações feitas por Portugal de Janeiro a Julho deste ano foi de 416,7 milhões de contos, enquanto as exportações atingiram 177,5 milhões.

Verificou-se, em comparação com o período homólogo do ano passado, um aumento de 15,6 por cento no valor das importações (360,4 mil milhões em 1981) e um acréscimo de 20 por cento nas exportações (148,1 mil milhões em 1981). A desvalorização do escudo agravou as coisas.

As exportações no período em análise atingiram o seu máximo em Julho com 30,9 milhões de escudos, ou seja, uma subida de 26,4 por cento relativamente à média dos valores do primeiro semestre.

A taxa de cobertura, que nos primeiros sete meses de 1981 fora de 41,1 por cento, subiu para 42,6 mas ficou ainda bastante aquém da taxa em igual período de 1980, que chegou aos 50,6 por cento.

CEE principal parceiro

A CEE continua a ser o principal bloco económico a que se destinam as exportações portuguesas e também aquele que fornece o volume principal das compras portuguesas no estrangeiro. Os países da Comunidade absorvem 39,7

por cento das exportações portuguesas e fornecem 57,5 por cento das nossas importações. A diferença negativa entre o que Portugal compra e vende à CEE foi de 63 milhões de contos nos meses de Janeiro a Julho deste ano, mais três milhões do que em 1981.

O principal país beneficiário dos défices do comércio externo português é os Estados Unidos já que o saldo negativo português atingiu quase 35 milhões de contos em sete meses resultante sobretudo da venda de cereais cujos fornecimentos totalizaram 44,7 milhões de contos.

O primeiro comprador de bens e serviços portugueses no período considerado foi o Reino Unido, na linha aliás do tempo. Portugal exportou para a Grã-Bretanha 26 milhões de contos e o défice comercial entre os dois países foi apenas de 3,3 milhões de contos.

As importações portuguesas dos países da antiga zona do escudo, com 1,7 mil milhões de escudos registaram um ligeiro acréscimo de 200 milhões de escudos relativamente ao período de Janeiro a Julho de 1981, mas as exportações desceram acentuadamente de 13 para 6,4 mil milhões de escudos.

A quebra verificada nos fornecimentos portugueses aqueles países ficou a dever-se ao expressivo decréscimo das exportações para Angola que passaram de 9,9 para 2,3 mil milhões de escudos.

A descida nas vendas portuguesas a Angola foi devida fundamentalmente à baixa das cotações do petróleo, o que determinou uma rigorosa contenção das compras angolanas.

Negócios com a África do Sul

O grupo de empresários sul-africanos que chegou domingo a Portugal tem em perspectiva negócios num total de cinco milhões de dólares (450 milhões de contos) — anunciou ontem a Câmara Luso-Sul Africana de Comércio.

A delegação procura que a África do Sul exporte para Portugal bens de equipamento e tecnologia, ajudando simultaneamente a criar novas indústrias portuguesas — esclareceu aquela Câmara, que adiantou pretenderem também os empresários sul-africanos utilizar Portugal como plataforma para a Comunidade Económica Europeia (CEE).

Durante uma reunião efectuada nas instalações da Câmara Luso-Sul Africana, em Lisboa, Sousa Costa, chefe do grupo de empresários visitantes, declarou que a África do Sul gostaria de incrementar as suas exportações de matérias-primas e de produtos alimentares básicos para Portugal.

Considerou «pouco agressivos» os exportadores portugueses, recordou a existência na África do Sul de mais de 600 mil portugueses e disse que eles constituem um mercado potencial que não deve ser esquecido.

O grupo de empresários em que se integram alguns portugueses que vivem na África do Sul, segue hoje para a Madeira e deslocar-se posteriormente ao Porto, a fim de estabelecer contactos e estudar oportunidades de investimento.

pessoas & factos



Aspectos do interior do «Ricardus» e, à direita, Knud Clement, D. Yeta Cerqueira e o dr. Henrique Cerqueira, durante a inauguração

Ricardus
Restaurante piano-bar

Entre a Rua Alexandre Herculano e a Rua do Salitre, mais ou menos no prolongamento da Rua Braamcamp, há uma pequena rua, chamada do Vale do Pereiro, onde o leitor encontrará, numa bela casa pombalina que foi da família Riccardi e tem o n.º 9, o «Ricardus» — Restaurante, Piano-Bar e Tea-Room. Iniciativa da «Sulurbe» (isto é Yeta Cer-

queira e filhos), decoração belíssima de Carlos Neves, valorizada por tapeçaria e quadros de Carlos Botelho, o novo restaurante é dirigido por Knud Clement (responsável pelo «catering» da SAS para uma boa parte do mundo), e tem como chefe de mesa o sr. Pestana, antigo chefe do «Faz-Figura». Na cozinha, e vindo do Restaurante do Tamariz, o chefe Afonso, enquanto no Tea-Room, a responsabilidade cabe a Margarida Campelo.

Há ainda uma sala, com jardim privado, reservada para banquetes e cocktails. Quanto ao carro, pode estacioná-lo no Parque do Salitre. Reservas pelo telefone 655896; almoços das 12 às 15, chá das 16.15 às 19, e jantares das 19 às 23 horas; Piano-Bar até às 2 da manhã.

NOVO SISTEMA VERANDA



Durante alguns dias esteve em exibição no Hotel Penta a última realização da Technal Portuguesa, a VERANDA TECHNICAL. Trata-se de um sistema simples e completa de perfis e acessórios específicos em alumínio anodizado para a construção de vitrais, piscinas cobertas, estufas, guarda-ventos, claustros, marquises, jardins de Inverno, coberturas de terraços, solários, varandas, etc. Todos os perfis do sistema pertencem à gama Technal, havendo uma série de perfis complementares, para cobertura, que se adaptam a qualquer tipo de instalação pré-escolhida.

A foto dá uma ideia de algumas das infinitas possibilidades do sistema VERANDA que, para além de uma grande facilidade de montagem, proporcionará economias de energia da ordem dos 15%, pois se comporta como um acumulador de calor. Informações pelo telefone 2514366 ou, se quiser catálogos, planos ou orçamentos, escrevendo para a Rua da Guiné, 33 — Prior Velho — 2685 Sacavém.

Nova Nórdica

Associada à conhecida editora brasileira Nórdica, do jornalista português (a viver no Rio de Janeiro) Jaime Bernardes, uma nova editora dá os

primeiros passos. Chama-se «Nova Nórdica» e o primeiro livro tem o nome da sua primeira colecção: é o best-seller de Marina Colasanti de título «Nova Mulher», no qual estão reunidas crónicas daquela escritora e jornalista publicadas na revista «Nova». A editora será dirigida pela sua fundadora, Marise de Oliveira, e nesta sua primeira colecção «Nova Mulher» será editada a seguir a obra «Mutações» de Liv Ullmann, e logo depois «História de uma Vida», autobiografia da recentemente falecida Ingrid Bergman. «Nova Mulher» estará já nos escaparates na primeira semana de Dezembro.

BANQUE FRANCO-PORTUGAISE EM LISBOA

E, a fechar, a notícia de que Miguel Quina, presidente do Conselho de Administração de «Banque Franco-Portugaise», celebrou na passada segunda-feira, com um muito fre-

quentado cocktail, a inauguração do escritório deste banco em Lisboa. O banco terá o seu escritório no n.º 9 (8.º andar) da Avenida da Liberdade.

comunicação social

Afirma o CI

Comandante-geral da PSP censura "Direito de Informar"

O comandante-geral da PSP, brigadeiro Almeida Bruno, foi acusado pelo Conselho de Imprensa de «imposições censórias» relativamente a uma publicação do próprio CI intitulada «O direito de informar: porquê e para quê».

Esclarece o CI que a referida edição teve como principal objectivo «contribuir para que ao público não faltasse a informação livre a que tem direito».

Na publicação foram reunidos os principais dispositivos legais que regulam o direito de acesso às fontes de informação, assinalando-se em nota introdutória que «nos últimos meses as ocorrências que violam a lei e os direitos dos jornalistas aumentaram preocupantemente de frequência, nelas cabendo pesadas responsabilidades, designadamente a graduados da PSP e GNR».

O CI decidiu distribuir exemplares da publicação pelas corporações policiais, «no que foi bem sucedido relativamente à GNR e à Guarda Fiscal, cujos comandantes aceitaram a brochura, comprometendo-se a proceder à sua distribuição pelo respectivo pessoal».

O mesmo não aconteceu, porém, em relação à PSP, «cujo comandante-geral, em carta dirigida ao Conselho de Imprensa, começou por condicionar a distribuição à supressão da nota introdutória, acabando, em posteriores diligências do CI por fazer depender a distribuição da eliminação do período acima transcrito».

O CI, depois de referir não poder aceitar «estas imposições censórias», revela que promoveu diligências junto do ministro da Administração Interna, «que acabaria por dar cobertura à posição do comandante-geral da PSP».

José Alfaia: CI denuncia ilegalidade

O Conselho de Imprensa decidiu, por outro lado, pedir ao secretário de Estado para a Comunicação Social que esclareça a sua posição sobre subsídio de papel e controlo de tiragens e vendas dos jornais.

O pedido de esclarecimento relaciona-se com recentes declarações de José Alfaia sobre a questão, em entrevista recente-

mente concedida ao «Diário de Notícias».

No seu comunicado, o CI refere que, nessa entrevista, o secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro para a Comunicação Social afirmou ter solicitado às associações de Imprensa que tomassem a iniciativa de criarem um mecanismo de controlo de vendas, o que ao

prensa», no qual se regulamentam os termos em que se deverá exercer tal controlo.

RDP: quem tem medo do Poder Local...?

O presidente da Câmara Municipal da Régua, Renato Aguiar, enviou ao secretário de Estado da Comunicação Social, José Alfaia, um telegrama onde manifesta preocupação pela suspensão do programa «Regiões», da RDP.

Renato Aguiar afirma-se solidário com os autores e responsáveis do programa, «que têm demonstrado ao longo do tempo isenção e interesse em colaborar na solução dos numerosos problemas que afectam as au-

Vitor Cunha Rego

Vitor Cunha Rego substituiu Pacheco de Andrade no Conselho de Imprensa, após votação realizada na Associação de Imprensa Diária.

Pacheco de Andrade, director do «Diário Popular», pediu a demissão do cargo «por motivos de ordem pessoal».

A eleição do director do jornal «A Tarde» foi feita na presença de apenas cinco directores de jornais. Cunha Rego obteve cinco dos sete votos possíveis, cabendo os dois restantes a Sousa Tavares, de «A Capital», e a Mário Mesquita, do «Diário de Notícias».

«Amiga»: nova revista feminina

Dirigida por Ana Maria Lucas, e tendo como assessora Maria Leonor, aparece amanhã nas bancas (e nas bancas aparecerá todas a quintas-feiras), uma nova revista feminina. Título: «Amiga». Editor: Duarte Ramos.

Trata-se (dizem os responsáveis) de uma revista feminina de características populares sem ser «popular-rucha».

Algumas características: 68 páginas, 20 das quais são a cores, impressas em «off-set» e rotogravura. A tiragem do primeiro número é de 30 mil exemplares.

O preço é de vinte escudos.

«Norte Popular»

Um novo semanário a ser editado no Porto, intitulado «Norte Popular», estará à venda no próximo dia 25 do corrente.

Propriedade da Cooperativa Editorial Terra, «Norte Popular» é dirigido por Adriano Teixeira de Sousa e propõe-se «analisar e divulgar os grandes problemas locais e regionais, nomeadamente os da cidade do Porto» — referiu um porta-voz à ANOP.

O novo semanário pretende ainda debater assuntos de âmbito nacional, «a partir da realidade social, económica e política que caracteriza as regiões».

Contra aumento

proposto pelo Governo

Função Pública manifesta-se ao fim da tarde

Os trabalhadores da Função Pública (TFP's), manifestam-se hoje em frente à sede do Conselho de Ministros, contra os 16 por cento de aumento salarial propostos pelo Governo. Os TFP's concentram-se às 18 e 30 no Largo do Rato, de onde seguirão para a Rua Gomes Teixeira. Os professores concentram-se na Praça Marquês de Pombal, de onde desfilarão para o mesmo local.

Os trabalhadores da Função Pública rejeitam a proposta governamental de apenas 16 por cento de aumentos a partir de Janeiro, reivindicando um acréscimo de 27,6 por cento.

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa afirma que se a posição do Governo viesse a concretizar-se, ela significaria, para mais de 380 mil trabalhadores, uma perda importante do seu poder de compra «a juntar aos 10 por cento já perdidos em 1981».

A comissão negociadora sindical (CNS) da Frente Comum de sindicatos, por seu turno, considera que a proposta do Governo «não assenta em qualquer base fundamentada». Trata-se, sublinha, de uma percentagem que «tem como única ambição conter os défices orçamentais à custa do empobrecimento dos trabalhadores».

A CNS afirma que a sua proposta de aumento de 26,7 por cento custaria 23 milhões de contos. Mas o Governo, pelo seu

lado, assegura que a sua proposta de 16 por cento (muito inferior, custaria 22 milhões).

A Frente Comum é de opinião que o Orçamento do Estado para 1983, contém verbas suficientes para satisfazer o essencial das reivindicações dos TFP's e por isso afirma que «vale a pena lutar pelo aumento de 26,7 por cento, porque ele é justo e realista».

Os TFP's que acusam o Governo de pretender protelar as negociações, de forma a que as medidas impopulares que pretende impor sejam conhecidas apenas depois das eleições autárquicas, estão decididos a lutar pelas suas reivindicações. Além da manifestação de hoje, estão em preparação outras acções, entre as quais a entrega de abaixo-assinados de trabalhadores de Lisboa aos vários ministros.

Os abaixo-assinados serão entregues ainda hoje aos ministros do Comércio, Agricultura e Pescas e da Cultura e Coordenação Científica (às 15 horas), ao ministro de Estado e da Qualidade de Vida (às 16 e 30) e também ao ministro dos Assuntos Sociais, às 17 horas).

Os dirigentes sindicais da Frente Comum estiveram ontem reunidos em plenário, tendo analisado a situação resultante da actualização do Governo, devendo esta tarde divulgar, durante a manifestação, as conclusões a que chegaram.

SJ inaugura Auditório com escritores

A primeira de uma série de conferências relacionada com o I Congresso dos Jornalistas Portugueses efectua-se amanhã à noite no Auditório do Sindicato — segundo apurou a ANOP junto da Comissão Organizadora.

«O escritor e o jornalista» é o tema da conferência a cargo, entre outros de Baptista Bastos, Fernando Dacosta e Torquato da Luz.

A série compreenderá provavelmente cinco sessões e incluirá temas como «a história do jornalismo», tendo já sido convidados vários autores de trabalhos sobre a história da profissão, entre os quais Artur Anselmo, José Manuel Tengarrinha e Raul Rego.

São reuniões abertas ao público — e a de amanhã inaugura o Auditório construído na sede do Sindicato dos Jornalistas.

Conselho de Imprensa «suscita estranheza e mesmo o seu protesto, pelo desconhecimento que revela em relação ao que está disposto na Lei de Imprensa».

O CI considera tal afirmação um «incitamento à violação da referida lei» — e diz não entender como pode o secretário de Estado desconhecer tal função legal quando «de há muito se encontra pendente na sua Secretaria de Estado um projecto de decreto-lei, elaborado com o concurso do Conselho de Im-

tarquias e as diferentes regiões do País».

«Se a razão é a proximidade das eleições — prossegue o presidente da edilidade da Régua — só nos parece que alguém tem medo de que se conheçam as realidades de muitas e graves situações existentes no País por culpa, muitas vezes, da inoperância do Poder Central».

O presidente da Câmara da Régua acentua ainda ser «preocupante que se queira calar mais uma vez um dos poucos espaços radiofónicos onde as autarquias têm acesso». E termina o seu telegrama a Alfaia perguntando: «Final quem tem medo do Poder Local?»

Continuação da pág. 3

tou a cargos honoríficos o equívoco servidor herdado do Império, tão preocupado com as recordações que deixaria depois da morte. Ele utilizou então o seu retiro no sumptuoso palácio de Valençay para as escrever, como se se tratasse de uma defesa, nas suas volumosas Memórias concebidas para tornar exemplar uma existência duvidosa. Como conciliar esta nova mentira com o desejo de fabricar para si próprio uma reputação intocável? A incoerência viria provavelmente de uma «destas bizarras do espírito humano que é sempre bom ter em conta», como aconselha um dos mil aforismos perspicazes de que o livro está justamente semeado.

Quase inteiramente desaparecida das livrarias desde a primeira edição publicada no fim do século XIX pelo duque de Broglie, a obra surge agora completada por documentos da época, documentos esses do maior interesse, graças aos cuidados atentos de Jean-Paul Couchoud.

Por uma feliz coincidência, Michel Poniatowski traz um complemento a esta publicação, com um estudo aprofundado das relações entre Talleyrand e o Directório.

Na sua brutal mas interessante biografia de Talleyrand — acessível aos ocidentais em francês desde 1958 e não só na tradução alemã publicada há treze anos depois, como o julga M. Couchoud, o historiador soviético Eugénio Tárle censura muito justamente as Memórias o facto de «silenciarem todos os casos em que ele não podia

mentir». Apesar da sua consideração por este mestre velhaco, outro dos seus grandes biógrafos, Jean Orieux tem aproximadamente a mesma opinião. Claro! Claro! Mas ponham-se no seu lugar e depois esforcem-se por agir com mais habilidade!

A sua prodigiosa carreira causa antes de mais espanto pela sua duração visto que começou em 1780 no reinado de Luis XVI e no tempo da muito oficial Agência do clero e surge depois com Mirabeau, Danton, Barras, Bonaparte, Luis XVIII, Luis Filipe e outros ao longo de tantos anos como os que decorreram entre a instalação de Hitler no poder e os nossos dias. Para situar este espantoso percurso de meio século, segundo algumas comparações contemporâneas, imaginemos que um jovem radical em quem Edouard Herriot reparou em 1932, está hoje no Conselho Constitucional de François Mitterrand, isto depois de uma eleição triunfal na Câmara da Frente Popular em 1936, de ter ocupado um secretariado de Estado durante o governo de Vichy, funções ministeriais notáveis nos governos da IV República, uma aliança espectacular a de Gaulle em 1958, depois serviços importantes feitos aos presidentes Pompidou e Giscard d'Estaing, antes de aterrar em beleza entre os socialistas no ano da graça de 1981. Um camaleão desta envergadura causaria estupefacção ao mundo com a sua trajetória. Mas, no momento em que ele se dispõe a narrar as suas passagens por encruzilhadas perigosas, como não haveremos de compreender que a omissão seja

o único refúgio possível?

O mutismo absoluto ou relativo de Talleyrand acerca da sua actividade na confissão dos bens da Igreja, na Constituição civil do clero, nas suas escorregadelas no assassinio do duque d'Enghien, nas responsabilidades que teria tido na catastrófica guerra de Espanha, ilustram antes de mais o seu génio pessoal para confundir as pistas. A fim de melhor triunfar, aproveitou-se mesmo de duas invasões estrangeiras, em 1814 e 1815, para fazer destruir os arquivos comprometedores, tal como o diz Michel Poniatowski. O leitor consciente consultará portanto com muita prudência estas recordações truncadas mas tão interessantes como um tratado de escamoteação. Tomada esta precaução terá o prazer um pouco perverso que contra vontade dá um batoteiro quando deixa ver os seus golpes aos transeuntes debruçados sobre o seu ombro.

Primeira entorse, e colossal, à verdade: o antigo bispo de Autun nunca fala, por assim dizer, de dinheiro, excepto numa breve e amável confissão em que declara que as finanças e a economia foram para ele, na juventude, uma matéria de estudo «cheia de encanto». No entanto, nenhum mestre dominou mais despoticamente a sua vida e ele sacrificou-lhe, sem hesitar, todos os outros. «Repáre, aconselhava ele um dia ao virtuoso Vitrolles, nunca se deve ser um pobre diabo. Eu, sempre fui rico.» Cheio de rendimentos devido aos seus cargos, prebendas e doações variadas, negociava por sua conta pessoal os acordos

diplomáticos e comerciais, concluídos ou não em nome da França, junto de soberanos ou ministros estrangeiros.

Michel Poniatowski conta detalhadamente como ele tentou extorquir aos americanos uma comissão substancial. Arrancou milhões em ouro à Áustria, à Prússia, à Espanha, tirou a sua parte na venda da Louisiana aos Estados Unidos, sem por isso esquecer a bolsa dos turcos nem o tesouro dos persas. Quando Napoleão modificou as fronteiras do Santo Império germânico, fez uma pressão impiedosa nos seus príncipes. Em 1817 vendeu à corte de Viena por 500 000 francos em ouro, peças diplomáticas sub-repticiamente retiradas dos arquivos dos negócios estrangeiros. Tomadas estas precauções, numa época em que qualquer pobre diabo podia ser mandado para as galés, nada faltava ao untuoso e insubstituível cortesão da fortuna vagabunda.

Se o interesse das Memórias se reduzisse àquilo que elas artisticamente escondem, o leitor depressa se sentiria fatigado, porque a mentira distrai às vezes, por inadvertência, mas acaba sempre por cansar. Curiosamente a dor de uma infância difícil sangrou até ao fim da sua existência no coração gelado do impiedoso oportunista, e dá às suas recordações uma humanidade espantosa. Abandonado aos criados desde muito pequeno, ainda não conhecia o pai aos oito anos de idade, e só viveu com ele menos de uma semana. Este abandono deixou-lhe uma amargura lúcida. «A maneira como passamos os pri-

meiros anos influi em toda a nossa vida», escreve ele já quase no fim da sua. A psicologia moderna constrói-se mais tarde nesta evidência.

Em casa da avó, a boa princesa de Chalais, assiste aos cuidados médicos caridosamente prodigalizados por ela aos camponeses, depois da missa, e retira do espectáculo uma dessas conclusões simples mas penetrantes que apresenta como leis gerais, sem por isso pretender ser um teórico. «O homem é composto por uma alma e por um corpo, e é a primeira que governa o segundo. Os feridos em cujas chagas foram colocadas consolações, os doentes a quem se mostrou a esperança, estão dispostos à cura... Nada é tão eficaz como a confiança. E ela está em toda a sua plenitude quando emanados cuidados de uma senhora nobre em volta da qual se reúnem todas as ideias de poder e de protecção.» O diplomata mais retorcido do seu tempo transforma-se aqui em precursor do famoso meio ambiente hospitalar, tão caro à medicina psicossomática.

As reflexões judiciosas sobre assuntos inesperados, formigam sob a sua pena e dão a certas páginas das Memórias a sedução irresistível que uma inteligência superior exerce sempre em volta. De uma breve estadia na América de George Washington tira das relações entre a Europa e o Novo Mundo algumas conclusões que ainda têm actualidade.

Notavelmente dotado para o estudo sociológico e a introspecção individual, Talleyrand con-

uma responsabilidade tanto mais terrível em cada uma das suas traíções quanto via tão claramente em si próprio como nos outros. Mas «a arte de só mostrar uma parte da vida, do pensamento, dos sentimentos, das impressões... era, aos seus olhos, a primeira de todas as qualidades», e ele confiava numa conversa em família: «Tanto em política como fora dela não se deve empenhar o coração, não se deve amar demasiado. Isso confunde, prejudica a clareza dos pontos de vista e nem sempre é bem visto.»

Esta moral de abutre acirrou contra ele o grande desprezo das belas almas do seu século. «O homem de França que tem o espírito mais vivo e as paixões mais vis», dizia dele Stendhal.

Chateaubriand, Louis Blanc também mostraram por Talleyrand um nojo digno das imprecações napoleónicas. No entanto, por volta de 1825, alguns jovens ambiciosos iam à sua residência da Rua Saint Florentin obter algumas receitas sobre os modos de triunfar. Entre eles alguém que ele muito apreciava, o jovem marseilhês Adolphe Thiers. Sempre que se encontravam era como se os séculos apertassem a mão, visto que um deles conhecia Luis XVI e o outro ia encontrar Clemenceau. Através dessa aproximação vertiginosa, as Memórias recordam como Talleyrand continua a ser, para nós, um contemporâneo testável e próximo.

(*) Mémoires de Talleyrand, coleção «Les mémorables», Plon.

(*) Talleyrand et le Directoire, de Michel Poniatowski, Librairie Académique Perrin.

Gromiko encontrou-se com Huang Hua

Diálogo sino-soviético deve continuar

— afirma comunicado final

O diálogo recentemente reiniciado, entre a República Popular da China e a União Soviética, irá prosseguir. Pelo menos são essas as intenções expressas pelas autoridades de Pequim e Moscovo, após um encontro ontem, de Andrei Gromiko com Huang Hua.

O encontro entre os ministros dos Negócios Estrangeiros, dos dois países o primeiro desde 1969, data em que se reuniram os primeiros ministros Kossyguin e Chu en Lai, em Pequim, terminou com um comunicado que salienta que «o diálogo deve continuar».

Aparentemente foi um encontro curto, já que a agência soviética TASS fala, num despacho de Moscovo, de uma «breve troca de pontos de vista sobre questões interessando a ambas as partes». Mas, segundo a mesma agência, os «dirigentes soviéticos atribuem a maior importância à normalização das relações com a República Popular da China».

Por seu lado, a parte chinesa, fez votos para que «através de esforços comuns, as relações entre os dois países se normalizem».

A agência «Nova China», referindo-se a encontro de ontem, indicou que a reunião decorreu

«numa atmosfera franca mas pacífica».

Observadores notaram em devido tempo, a rapidez inusitada com que, a agência oficial chinesa, se referiu à morte de Leonid Brejnev e à eleição para o cargo de secretário geral do Partido Comunista da União Soviética, de Yuri Andropov. Por fim, à partida de Pequim, para Moscovo, para assistir ao funeral de Brejnev, Huang referiu-se concretamente à aproximação sino-soviética.

Esta vontade de reatar os contactos com Moscovo, foi ontem defendida pelo homem forte da China, Deng Xiaoping, que convidou a nova direcção soviética a fazer um «gesto» em direcção à China.

Ao receber uma delegação do Partido Socialista Japonês, o dirigente chinês tomou uma posição que, segundo os observadores, é uma das mais conciliatórias ja-

mais assumidas por Pequim. No entanto, Deng Xiaoping, reiterou a posição chinesa segundo a qual há três obstáculos fundamentais para a melhoria das relações: a concentração de forças soviéticas junto das fronteiras chinesas, a intervenção do exército vermelho no Afeganistão e o apoio dado por Moscovo, ao Vietname no Kampuchea.

Contudo, observadores bem colocados em Moscovo, consideram que Andropov terá tranquilizado Pequim, expressando igualmente a vontade de restabelecer o diálogo entre os dois países.

Segundo as mesmas fontes, o secretário geral do PCUS parece ter sido sensível ao gesto do governo chinês. O demorado aperto de mão trocado entre Andropov e Huang Hua, na recepção às delegações estrangeiras, após o funeral de Leonid Brejnev, não passou despercebido aos jornalistas.

No entanto, tratar-se-á de um processo de reaproximação longo, não sendo de esperar, para breve, acontecimentos espectaculares.

Cimeira da OUA

Problema do Chade bloqueia reunião preparatória

A recusa de alguns países africanos em aceitarem que a delegação de N' Djamena participe no conselho dos ministros da OUA, reunido em Trípoli, bloqueia a preparação da cimeira, que se deve iniciar no dia 23 de Novembro.

Desde ontem de manhã, os ministros, reunidos à porta fechada, tentaram em vão encontrar uma solução para o problema, tendo havido consultas na noite passada.

Chegaram a Trípoli duas delegações chadianas reivindicando o lugar do Chade, que continua vago: a de Hissene Habre e a do antigo presidente Gukuni Weddeye, que criou um «Governo de Salvação Nacional» em Bardai, no norte do Chade.

Esboçaram-se duas grandes tendências. A primeira considera que o convite para a conferência foi enviado às autoridades de N' Djamena e que, portanto, deve ser esta a participar nos trabalhos. Esta tendência é representada, designadamente, pelo grupo dos «moderados» francófonos que, juntamente com outros países presentes em Trípoli, reconheceram Hissene Habre como presidente legítimo do Chade na cimeira franco-africana de Kinschasa.

A outra tendência, representada particularmente pela Etiópia e pela Líbia, preconiza que o lugar do Chade fique vago até à cimeira, já que foi uma cimeira que legitimou o «GUNT» (Governo de União Nacional de Transição) presidido por Gukuni Weddeye.

Pertence portanto aos chefes de Estado africanos pronunciar-se.

Perez de Cuellar participa na Cimeira

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, participará na abertura da cimeira da Organização de Unidade Africana (OUA), no dia 23 de Novembro, em Trípoli, a convite da OUA, anunciou ontem o seu porta-voz.

Perez de Cuellar deixará Nova Iorque no sábado, a caminho da capital líbia. O secretário-geral da ONU desloca-se tradicionalmente às cimeiras da OUA, pronunciando aí um discurso.

Na ONU, espera-se que o coronel Kadhafi, chefe da revolução líbia, vá por seu turno à sede da organização em Nova Iorque, durante o mês de Dezembro, quando tiver sido eleito presidente em exercício da OUA. O coronel Kadhafi pronunciara perante a Assembleia geral um discurso em que deverá lançar um novo apelo a favor da supressão do direito de veto no Conselho de Segurança.

Conferência de Madrid

Espanha vai alinhar mais pelas teses da NATO

O representante da Espanha junto da Conferência de Madrid sobre Segurança e Cooperação Europeia, Juan Luis Pan de Soralouca, recebeu ontem instruções do seu governo, que o levaram a cancelar a anunciada comunicação. Segundo o jornalista, Jesus Carlos Redondo, da EFE, em telegrama transmitido pela ANOP, anteriormente as teses da NATO na Conferência deveriam ser apoiadas por «mera cortesia». MAS o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros fez chegar ontem a Pan De Soralouca instruções no sentido de este doravante alinhar mais firmemente pelas posições e pelas teses da Aliança Atlântica.

Ainda segundo a mesma fonte, até agora o governo espanhol

não tencionava aprovar as emendas introduzidas.

Enquanto isto, parece existir entre as 35 delegações presentes na conferência um sentimento misto de receio de não chegar a nada de concreto e de esperança num acordo que permita a redacção do documento final. O entendimento geral vai no sentido de que a proposta redigida pelos países neutrais e não-alinhados é um documento-base suficiente para atingir um acordo. No entanto, teme-se que as tensões Leste-Oeste não permitam atingir tais resultados. Afirma-se ainda que nenhum dos países participantes quer fechar as portas a este processo, considerado por todos um meio insubstituível de contacto entre as posições dos

campos ocidental e socialista.

A libertação de Lech Walesa foi bem aceite por todas as delegações. Contudo os observadores salientam que este facto não foi sequer referido pela delegação do Vaticano, a qual endureceu nitidamente a sua posição. Decerto o Vaticano entende claramente o real significado da libertação de Walesa.

A delegação Alemã Federal, num momento em que o chanceler de Bona, Helmut Kohl, assinava em Washington um comunicado defendendo a melhoria das relações Leste-Oeste, também se apresentou em posição de endurecimento, escolhendo não o caso polaco, mas o do Afeganistão.

Ontem numa floresta de Francforte

Detido o principal dirigente "Fracção do Exército Vermelho"

O inimigo público «número um» das autoridades da República Federal da Alemanha, Christian Klar, dirigente da «Fracção do Exército Vermelho» (RAF), foi preso ontem à tarde perto de Hamburgo, quando se dirigia a um depósito de armas. Klar é procurado por nove assassinatos, e a sua prisão, bem como as recentes detenções de outros dirigentes da organização, parecem traduzir o fim das actividades da RAF.

Ao melhor estilo dos filmes de acção, a polícia da RFA manteve uma apertada vigilância ao esconderijo. Alguns agentes das forças especiais antiterroristas, disfarçados de transeuntes, ou fingindo apanhar cogumelos, estiveram alerta durante três semanas.

Até que ontem à tarde, o inimigo público «número um», cujo rosto aparece em cartazes por toda a Alemanha, um antigo estudante, agora com 30 anos, foi cercado pela polícia e capturado à entrada do esconderijo da «Fracção do Exército Vermelho».

A detenção de Klar, segue-se à de outras duas figuras de proa da RAF, Brigitte Monhaupt e Adelheid Schultz, presas na passada quinta-feira numa floresta próxima de Francoforte, e foi possível graças a informações fornecidas por antigos cúmplices, atraídos pelo prémio de 100 mil marcos por cabeça oferecido pelas autoridades judiciais da RFA.

O trio de dirigentes da RAF agora detidos eram procurados por uma série de assassinatos, nomeadamente do procurador geral, Siegfried Buback, do ban-

queiro Juergen Ponto e do Presidente do patronato alemão, Hans Martin Schleyer. São também suspeitos de participação, em Agosto de 1981, no atentado à granada cometido contra o comandante-chefe das forças americanas na Europa, general Kroesen.

De acordo com os arquivos policiais, a única dirigente da «Fracção do Exército Vermelho» em liberdade é Inge Viett, acompanhada, ainda segundo as mesmas fontes, por outros quinze militantes, pertencentes à terceira geração da RAF.

Entretanto, Adelheid Schultz, afirma ter sido maltratada pela polícia durante os interrogatórios, segundo indicou o seu advogado, Hannfried Matthies, numa carta ontem dirigida à Imprensa.

O advogado acusa a polícia de ter «puxado para trás os braços e as pernas da sua cliente, de ter batido com a sua cabeça contra uma mesa e de lhe ter passado sob as unhas um objecto idêntico a um fio de ferro».

O advogado acrescenta que Adelheid Schultz «se encontra

isolada todo o dia na prisão de Stammheim» e que «reivindica que a juntem aos seus camaradas presos».

O dr. Matthies indica ainda que a sua cliente e a sua companheira, Brigitte Monhaupt, quando foram detidas, «se atiraram deliberadamente para o chão porque a intenção de matar do comando da polícia era evidente».

Um porta-voz do departamento criminal federal recusou-se a comentar as acusações do advogado, limitando-se a observar que «acusações deste tipo eram habituais depois de todas as detenções».

Em declínio desde 1977

A morte de Andreas Baader e dos seus companheiros mais chegados na prisão de Stuttgart-Stammheim, no dia 18 de Outubro de 1977, marcou o início do declínio do movimento terrorista alemão federal, até à detenção, realizada ontem, do mais destacado dos «sobreviventes»: Christian Klar.

A «Fracção do Exército Vermelho» (RAF), as «Células Revolucionárias» e o «Movimento de 2 de Junho», sofreram golpes sucessivos com detenções, em trocas de tiros, com a Polícia.

Quatro assassinios num dia

Espiral de violência volta à Irlanda do Norte

Quatro assassinatos num dia: a Irlanda do Norte conheceu ontem uma nova escalada da violência, que eleva para 17 o número de mortos em atentados durante as últimas quatro semanas.

Com o assassinio de dois polícias, de um dirigente de uma organização extremista para militar protestante e de um comerciante católico, o dia de ontem foi um dos mais mortíferos que a província conhece desde há muito tempo.

A espiral de violência esboçada em fins de Outubro, depois da eleição de uma assembleia regional, em que os católicos recusam participar, não parece ir parar, já que o assassinato, ontem à noite, em Belfast, de Lennie Murphy, 29 anos, dirigente de um grupo paramilitar

protestante extremista, poderá dar origem a uma série de acções de represálias.

Lennie Murphy, abatido quando se encontrava dentro de um automóvel, próximo da sua casa, passava por ser o chefe de um grupo denominado «Os Carrascos de Shankill» (do nome de um bairro protestante), responsável, nos anos 70, pela morte de uma vintena de católicos, apanhados ao acaso e encontrados com a garganta cortada.

Onze dos «Carrascos de Shankill» foram encarcerados depois de terem sido condena-

dos a mais de 900 anos de prisão, mas a Polícia nunca conseguiu acusações suficientes contra Lennie Murphy.

Este último tinha sido novamente interrogado pela Polícia, por duas vezes, em fins de Outubro, depois de um grupo extremista protestante ter raptado e assassinado, Joe Donegan, um católico de 54 anos pai de 6 filhos.

Pouco antes do assassinato de Lennie Murphy, tinham sido mortos dois polícias no Sul da província, no condado de Armagh, em Markethill. Os dois agentes asseguravam uma baragem rodoviária quando foram atingidos por tiros disparados a partir de um automóvel.

Um grupo extremista republi-

Governo de unidade nacional pode estar na forja em It

O presidente italiano Sandro Pertini, encarregou ontem o democrata-cristão Amintore Fanfani de formar Governo, incumbência que o presidente do Senado aceitou «com reservas», o que significa que vai auscultar os partidos políticos.

Fanfani, de 74 anos, e um dos veteranos mais destacados da democracia-cristã e era considerado o candidato favorito desde a abertura da crise. Por outro lado, a sua indignação tinha sido solicitada pelo grupo de senadores democratas-cristãos e por am-

plos sectores do partido, o maior da Itália.

Pertini tinha-o convocado ontem à tarde ao Quirinal, a sua residência oficial, e a notícia da sua designação foi anunciada após um diálogo de 20 minutos.

O secretário geral da democracia-cristã, Ciriaco De Mita, havia pronunciado uma frase que prenunciava a indignação de Fanfani: «Os móveis devem ser novos ou antigos, mas não velhos».

De acordo com a tese pessoal de Fanfani, sobre a crise que a Itália atravessa, a situação é tão grave que requer o concurso de

todos os partidos para se encontrar uma solução válida. Pouco depois de se confirmar a demissão de Giovanni Spadolini, no sábado, o presidente do Senado, convidou todos os partidos sem excepção a sentarem-se «a uma mesa para discutir a crise».

Para alguns observadores, o convite traduz o interesse da democracia-cristã em formar um «Governo de excepção», objectivo que em Itália só se pode entender politicamente como um Governo com participação ou apoio comunista.

Fanfani é considerado nos



ente da rmelho”

acidentes de estrada, suicídios e deserções.

Desde o apogeu do terrorismo em 1977, foram abatidas uma dezena de pessoas pela Polícia e quarenta foram presas. Nesse ano a Fracção do Exército Armado Vermelho assassinou sucessivamente o procurador federal, Siegfried Buback, o banqueiro Juergen Ponto e o presidente do patronato alemão ocidental Hans-Martin Schleyer.

Mas não conseguiu a libertação dos seus dirigentes históricos presos, Andreas Baader, Gudrun Ensslin e Jan-Carl Raspe, quando se apressaram dum avião das linhas domésticas «Lufthansa». Os três dirigentes viriam a suicidar-se nas suas celas, como um ano antes a teórica da RAF, Ulrike Meinhof.

Perpetraram ainda vários atentados principalmente dirigidos contra instalações ou militares americanos.

Mas essas acções não mascararam o seu isolamento crescente na cena alemã, onde um movimento de massa pacifista ocupou o lugar das «minorias actantes», que perderam toda a audiência.

Desde o Outono de 1981, que não se regista na RFA qualquer grande atentado.

Paralelamente, a acção da justiça levou ao julgamento de cerca de quarenta terroristas, tendo uma dezena sido condenados a prisão perpétua.

Dois dias após as eleições

Brasil: apenas se confirma o duelo Governo-PMDB

A morosidade das operações da contagem dos votos continua a tornar aleatório qualquer prognóstico categórico quanto aos resultados finais das eleições gerais realizadas anteontem no Brasil. A importância destas eleições reside, em grande parte, na perspectiva da eleição, em 1985, por um Colégio Eleitoral, do sucessor do presidente da República, general João Figueiredo. A interrogação que se põe é sobre se a oposição conseguirá o número suficiente de votos para se impor nesse Colégio Eleitoral.

Todavia, torna-se evidente desde já que a consulta de segunda-feira se traduz essencialmente num duelo entre o PDS (governamental) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, considerando os observadores que as duas outras principais formações concorren-

tes — o Partido dos Trabalhadores, do dirigente sindical «Lula», e o Partido Trabalhista Brasileiro, do antigo presidente Jânio Quadros — se encontram já fora da corrida.

Após as primeiras doze horas de contagens, apenas um por cento dos votos emitidos estavam escrutinados, numa lentidão de que se queixavam os próprios responsáveis eleitorais.

No Estado do Rio de Janeiro, onde algumas assembleias de voto começaram a contar os seus votos só na tarde de ontem, mantinha-se na liderança, como candidato a governador, Leonel Brizola, do Partido Democrático Trabalhista, seguido por Moreira Franco, do PDS, no poder, e Miro Teixeira do PMDB na oposição.

O PDS comanda nos Estados de Acre, Alagoas, Baía, Paraíba,

Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sergipe, enquanto o PMDB está à frente em São Paulo, Amazonas, Ceará, Góias, Paraná e Pará.

O melhor resultado para o PMDB, até ao momento, é no Estado de São Paulo, onde o senador Franco Montoro desfruta de confortável vantagem sobre o seu rival do PDS, ambos muito destacados em relação a Luis Inácio da Silva «Lula». A derrota de «Lula» em São Paulo e a (tida como virtual) vitória de Brizola, do Partido Democrático Trabalhista, no Rio de Janeiro são, até agora, os dados mais surpreendentes nestas eleições.

Surpreendeu também toda a gente a súbita partida de Jânio Quadros para Miami (EUA), antes de terminar a contagem dos votos.

De missão parcialmente gorada

Columbia regressou sem novidade

Com um atraso de sete minutos sobre a hora prevista o Vaivém espacial Columbia regressou ontem à Terra, pousando na pista de asfalto da base aérea de Edwards, na Califórnia, após uma viagem de mais de cinco dias. Apesar de tudo ter corrido bem, um incidente com os fatos espaciais dos dois especialistas de voo, Lenoir e Allen, não permitiu realizar o programado passeio no Espaço.

Allen teve problemas com o sistema de ventilação do fato e Lenoir com o sistema de pressurização. No entanto, este último propôs-se sair da nave, e dar um «passeio», ainda que «mais cur-

to», mas os responsáveis da Nasa negaram-se a dar autorização, apenas lhe permitindo prosseguir com os testes na câmara de pressão intermédia.

Observadores assinalaram que, apesar de a Nasa não ter mostrado o seu desgosto pela suspensão do passeio espacial, o facto de não ter sido possível experimentar diferentes ferramentas e possibilidades reais de trabalho dos astronautas no exterior levou a que não fosse atingido um dos objectivos desta missão da Columbia.

Este objectivo prendia-se com a possibilidade de explorar mais o aspecto «comercial» dos voos da

nave: a recuperação e reparação de satélites avariados.

Este é um dos suportes económicos que adoptam os partidários da rentabilidade do Vaivém, para lá dos 18 milhões de dólares que rendeu já o quinto voo, com o lançamento de dois satélites de comunicações: um norte-americano e outro canadiano.

Embora este voo tenha sido feito sob a capa comercial, em Circuitos dos Estados Unidos existe a convicção de que o Vaivém irá beneficiar os que defendem a militarização do Espaço. Tais círculos vêm no problema dos fatos espaciais um reforço da sua argumentação.

Soldados hondurenhos morrem em El Salvador

Forças guerrilheiras e do Exército continuam a defrontar-se em vários pontos de El Salvador, principalmente nas províncias de Chalatenango, Morazan e Usulután — afirmaram ontem fontes militares.

A rádio clandestina «Venceremos» disse que durante as últimas operações militares em Chalatenango, 75 quilómetros a Norte de São Salvador, os guerrilheiros mataram sete soldados hondurenhos e feriram vários outros.

A emissora rebelde acrescentou que as tropas hondurenhas penetraram em território de El Salvador, onde se juntaram às respectivas Forças Armadas.

Entretanto, Tegucigalpa informou que dois mil soldados hondurenhos redobram a vigilância na fronteira com El Salvador, para evitar que guerrilheiros da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) fujam para território hondurenho.

Os rebeldes mantêm uma ofensiva alargada desde 10 de Outubro contra as Forças Armadas de El Salvador.

Treze membros das forças governamentais caíram numa emboscada armada na estrada que liga a capital ao Departamento de Chalatenango e a FMLN anunciou a morte de outros dezasseis soldados noutra emboscada em que caíram três veículos militares na localidade de El

Caserio, 18 km a Norte da capital.

Segundo um balanço da Rádio «Venceremos» morreram ou ficaram feridos cinquenta e quatro soldados em recontros com os guerrilheiros em Guazapa (Centro do país).

Uma fonte oficial confirmou que se travaram violentos combates.

Estes combates confirmariam, segundo os observadores, a forte resistência das forças da FMLN à contra-ofensiva de aproximadamente 7000 soldados das forças governamentais, apoiados pela aviação, lançada na semana passada contra as posições dos guerrilheiros.

“Compromisso histórico” em marcha na Polónia

«A Igreja não possui táticas nem estratégia. A sua única estratégia é o Evangelho. Ela, não pode, portanto, ser implicada num combate, num jogo político. Ela não pode permitir-se a ser um parceiro.»
Monsenhor Jozef Glomp, Prímaz da Igreja Católica na Polónia.

A libertação de Lech Walesa e a marcação, para o próximo dia 18 de Junho de 1983 da visita do Papa João Paulo II à Polónia, parecem indicar que a Igreja e o Estado polacos chegaram ao «compromisso histórico». Os termos do acordo ainda não são conhecidos, nem talvez nunca o sejam. Os seus efeitos práticos, no entanto, já se fazem sentir.

Aparentemente não relacionáveis, distintos no tempo, entre os dois factos existe um profundo elo de ligação, uma vontade comum de, pela negociação, estabelecer as bases de uma Paz Social.

Os proveitos desta operação são também mútuos. A Igreja, sem dúvida uma das mais poderosas forças da Polónia, converte-se em parceiro, em interlocutor reconhecido e necessário.

Para as autoridades de Varsóvia trata-se de, numa difícil situação, dissipar receios, derrubar barreiras e encontrar um interlocutor forte e credível que garanta um diálogo, que inviabilize os radicalismos internos e externos.

Neste contexto, o futuro papel do «Solidariedade» aparece como discreto.

Do ponto de vista político-institucional, com a aprovação da nova lei sindical, o sindicato de Lech Walesa entrou num período de clandestinidade. O falhanço da greve do passado dia 10, é uma clara indicação das crescentes dificuldades que o «Solidariedade» vem defrontando nos terrenos da clandestinidade. A desarticulação das estruturas clandestinas-emissores de rádio, tipografias — e as prisões de membros da direcção clandestina, tem sido, para as autoridades de Varsóvia, uma questão de tempo, paciência e investigação.

Do ponto de vista social, a questão adquire outro sentido.

Na Polónia, os problemas económicos são muitos. A tradição de luta dos sindicatos ligados ao aparelho do Partido Operário Unificado Polaco (POUP) nunca correspondeu às necessidades das massas trabalhadoras. Foram sempre movimentos independentes da estrutura partidária que, em greves e manifestações de desacordo, evidenciaram a existência de muitos problemas e exigiram a sua rectificação. A história contém suficientes exemplos da apatia dos sindicatos ligados ao POUP, para que este facto possa ser desmentido. A burocracia, o afastamento das realidades operárias, dos problemas das massas trabalhadoras, geraram sempre a agudização dos conflitos.

Hoje, na Polónia, esta questão está ainda bem viva. A proposta de criação de novos sindicatos, nasce da constatação dos anteriores falhanços e do sucesso alcançado pelo «Solidariedade».

Neste domínio, o acordo estabelecido poderá conter dados importantes. A moderação das primeiras declarações públicas, de Walesa depois de ter abandonado a residência onde esteve «internado» em Arłamow, é significativa. Tanto ou mais o são algumas afirmações proferidas pelo dirigente sindical polaco: «de futuro serei corajoso, mas razoável» ou, referindo-se aos novos sindicatos, «todos podem aderir ou não, mas impedir a sua formação seria ir contra os acordos firmados» (acordos de Gdansk).

O espírito do «Solidariedade» de Gdansk, do diálogo, reaparece contraposto ao espírito do «Solidariedade» pós último Congresso, do radicalismo em que se questionava, pela primeira vez, a natureza do Poder político polaco.

A prudência e ponderação das palavras de Walesa seguem as pisadas da ponderação exigida pela Igreja Católica, antes do 13 de Dezembro, ao «Solidariedade» e ao Governo.

Em nome dessa ponderação, o primaz da Igreja polaca, Monsenhor Josef Glomp, distanciou-se da greve convocada para dia 10 do corrente, afirmando que a Igreja não era parceiro do jogo político.

Hoje, podemos afirmar, que a Igreja não era parceiro daquele jogo político, que procurava no diálogo com o Poder a salvaguarda da sua posição, condição necessária para o reforço da sua intervenção.

A libertação de Walesa e dos restantes «internados», o fim do estado de sítio, serão, possivelmente, parte desse compromisso.

Resta saber se o «Solidariedade» é contemplado pelo acordo estabelecido.

Nuno Ribeiro

Arcebispo de Lubango segue para Roma

Concluída a troca de prisioneiros entre Angola, África do Sul e UNITA

A Cruz Vermelha Internacional confirmou ontem oficialmente ter sido concluída em Lusaca uma «importante operação» de troca de mais de cem prisioneiros de diversas nacionalidades.

Os prisioneiros foram entregues a representantes dos respectivos países depois de negociações que se prolongaram por mais de um ano e em que participaram Estados Unidos e União Soviética, bem como Cuba, Angola, África do Sul, Zâmbia e UNITA.

Os norte-americanos receberam ontem três cidadãos seus que se encontravam detidos na

República da África do Sul por actos de mercenarismo e a União Soviética recebeu um militar que estava detido na África do Sul e dois em poder da UNITA, além de quatro cadáveres.

Cuba recebeu um preso vindo da África do Sul e um cadáver. Angola resgatou 94 elementos que estavam na África do Sul e entregou por seu turno os cadáveres de dois sul-africanos.

Para a concretização das transferências a partir de Luanda e da África do Sul para a capital zambiana, a Cruz Vermelha Internacional utilizou dois aviões «Tuin

Otter» de sua propriedade e um «Hércules» fretado às Linhas Aereas do Botswana.

Eram 20 horas tmG (hora de Lisboa) quando a operação culminou, com a chegada ao aeroporto de Lusaca dos angolanos, dos soviéticos e dos cubanos vindos de Pretória.

Os prisioneiros norte-americanos e soviéticos foram entregues ao cuidado das respectivas embaixadas na Zâmbia.

Pouco depois descolou para Luanda o aparelho «Hércules» em que seguem de regresso ao seu país os 94 angolanos liberta-

dos pela República da África do Sul — disseram à ANOP em Genebra fontes da Cruz Vermelha Internacional.

Arcebispo de Lubango segue para Roma

O arcebispo de Lubango, D. Alexandre do Nascimento, encontra-se na África do Sul e segue hoje para Roma — anunciou ontem fontes da Cruz Vermelha Internacional, em Genebra. O prelado angolano, libertado esta semana pela UNITA, que o raptara em Outubro, vai ficar al-

gum tempo no Vaticano, depois do que seguirá viagem para Luanda — indicou aquele organismo, que participou nas negociações para a sua libertação.

Juntamente com D. Alexandre chegaram à África do Sul uma religiosa francesa e um sacerdote holandês que também estavam em poder da UNITA.



Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!



Expresso

LISBOA - PORTO - LISBOA

SERVIÇO DIRECTO DIÁRIO COM TEMPO TOTAL DE VIAGEM DE 5 HORAS

Autocarros de grande turismo com ar condicionado, bancos reclináveis, música gravada seleccionada e refeição a bordo. Paragem no aeroporto Internacional de Lisboa (no sentido Norte-Sul) para passageiros com ligações a transporte aéreo.

HORÁRIO

LISBOA	PORTO	PORTO	LISBOA
Partidas	Chegadas	Partidas	Chegadas
7.45	12.45	7.45	12.45
18.30	23.30	18.30	23.30

Partidas de Lisboa — Av. Casal Ribeiro, 18

Partidas do Porto — Rua Alexandre Herculano, 366 à Batalha

Informações e Vendas

RN Av. Casal Ribeiro, 18 — LISBOA

RN Rua Alexandre Herculano, 366 — à Batalha — PORTO

RN Praça Filipe de Lencastre, 178 — PORTO

e ainda na

RN TOURS — Av. Fontes Pereira de Melo, 33 Lisboa

RN TOURS — Av. Infante D. Henrique, 109 — PORTO

Com serviço complementar de marcação de hotéis e de aluguer de automóveis sem condutor ou qualquer outro serviço de Agência de Viagem.



Para mais informações telefones: 54 00 79 - 54 01 29
(dias úteis das 8.30 às 19 horas)

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

MARIA HENRIQUETA OLIVEIRA MADEIRA NAZARÉ AJUDANTE DESTA
CARTÓRIO
CERTIFICADO

para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e nove de Outubro de mil novecentos e oitenta e dois, lavrada de folhas cento e onze a cento e onze vintaseis, do livro de notas Cento e Setenta e Sete do Cartório, foi constituído entre D. Maria Paula Nunes Mendes Ribeiro Pereira e D. Maria Rosa de Sousa uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada REARE — Centro de Reabilitação de Benfita, Limitada, com sede nesta cidade, a qual se rege pelo estatuto da presente fotocópia e está conforme ao original.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, três de Novembro de mil novecentos e oitenta e dois.

A. Almeida,
(Sócio)

Princípio

— Um. A sociedade adopta a denominação REARE — Centro de Reabilitação de Benfita, Limitada, e tem a sua sede e estabelecimento nesta cidade, na Rua Lucília Simões, dez-A e dez-C.

— Dois. A sua duração é por tempo indeterminado e conta o seu início a partir de hoje.

Segundo

O seu objecto é a prestação de cuidados médicos e ainda o exercício de qualquer outro ramo que, por deliberação dos sócios, estes resolvam explorar.

Tercio

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de um milhão e quinhentos mil escudos e corresponde à soma de duas quotas de setecentos e cinquenta mil escudos cada, pertencentes uma a cada sócio.

Quarto

Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital desde que a respectiva deliberação obtenha a totalidade dos votos correspondentes ao capital da sociedade e os sócios poderão fazer os suprimentos que se mostrarem necessários ao desenvolvimento da sua actividade, nos termos e condições que forem estabelecidos em assembleia geral.

Quinto

A gerência, dispensada de caução, será exercida por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

Parágrafo primeiro

A sociedade fica obrigada com a assinatura dos dois gerentes, bastando a assinatura de uma delas para os actos de mero expediente.

Parágrafo segundo

Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em quem entenderem, por meio de procuração, mas sempre com a concordância dos outros gerentes.

Sexto

A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e para outros fins.

Sétimo

No caso de quotas a estrangeiros, os sócios fundadores têm preferência, pelo que lhes deve ser dado conhecimento por meio de carta registada com aviso de recepção com quinze dias de antecedência pelo menos.

Oitavo

No caso de morte de um dos sócios, os seus herdeiros deverão indicar à sociedade, dentro do prazo de trinta dias, a pessoa entre eles escolhida que os há-de representar em todos os direitos inerentes à respectiva quota, enquanto esta se mantiver indivisa.

Nono

As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exija outra forma, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS ANÚNCIO

Pelo 3.º Juízo do tribunal desta comarca e 2.ª Secção correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Joaquim de Jesus Rodrigues, residente na Rua Joaquim Martins, L. D. 2.º Esq. — Bairro J. Pimenta — Paço de Arcos, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Maria Helena Gonçalves, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Oeiras, 23 de Abril de 1982

O Juiz de Direito,
(José Nuno Almeida Valadas)
O Escrivão de Direito
(Joaquim Mateus Carreira)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

PROCESSO N.º 150/80
5.º JUÍZO — 2.ª SECÇÃO

FAZ-SE SABER, que pelo 5.º Juízo — 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Avenida Casal Ribeiro 48-2.º — Lisboa, correm seus termos uns autos de Execução de Sentença, registados sob o n.º 150/80, em que são exequente JOSÉ AFONSO SOUSA ALMEIDA, residente na Rua dos Mestres n.º 17-1.º — Lisboa, e executada a firma PAGOL — Sociedade de Apartamentos Turísticos Lda, com sede na Rua Almeida e Sousa n.º 60-1.º — Lisboa, fica esta última citada, para no prazo de dez dias, findos que sejam os vinte dias dos editos, e a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos do 964.º e seguintes do Código de Processo Civil.

LISBOA, 3 DE NOVEMBRO DE 1982.

O JUIZ DE DIREITO
ass: Álvaro de Azevedo Soares
A ESCRITURARIA
ass: Conceição Lucas



Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!



**É mais cómodo.
É mais económico.
É mais funcional.**

É o novo serviço TECAM para o transporte de furgões e camiões.

É verdade!

Este novo serviço TECAM, para o transporte de veículos comerciais médios e pesados, até 11 toneladas, funciona entre Lisboa/Sta. Apolónia e o Porto/Campanhã. E é muito simples! Basta entregar o veículo, com ou sem carga, até às 21 horas e ele poderá ser levantado no seu destino às 8 horas do dia seguinte.

Isto significa enormes vantagens para as empresas de transporte rodoviário de mercadorias. Em tempo ganho. Em economia de custos humanos e de material. Em funcionalidade.

Este é o novo serviço TECAM. As vantagens são suas!



Comboio, a opção inteligente.

Para informações mais completas, contactar:
Departamento Comercial (Serviço Comercial de Mercadorias)
Lisboa - St.ª Apolónia — Tel. 86 61 01
Serviço Comercial da Região Centro
Lisboa — Tel. 86 77 85
Serviço Comercial da Região Norte
Porto — Tel. 56 41 41
Serviço Comercial da Região Sul
Barreiro — Tel. 207 30 28

exclusivo

19 Novembro 1942

Contra-ofensiva histórica em Estalinegrado

A convite do adido militar da U.R.S.S. em Lisboa, coronel Leonid Karpan, foi oferecida na respectiva Embaixada uma recepção para comemorar o 40.º aniversário da Batalha de Estalinegrado, durante a qual foi exibido um filme em que avulta a cidade durante a batalha e a Volgogrado de hoje — uma cidade de hoje, cheia de flores e verdura, plena de juventude.

Há quarenta anos, na madrugada de 19 de Novembro de 1942, um barulho ensurdecedor de bombas de artilharia ressoou na zona compreendida entre os rios Don e Volga: depois de quatro meses de combates sangrentos, as tropas soviéticas passaram a ofensiva sobre os alemães.

A grande batalha de Estalinegrado entrava na sua fase decisiva. No decurso desta ofensiva, o exército fascista alemão, com 330 mil homens, foi cercado e depois derrotado. Operou-se então na evolução da guerra uma viragem radical em favor da União Soviética. Estalinegrado representa o ponto de partida para o desencadeamento de uma série de ofensivas das forças armadas soviéticas, que haveriam de conduzir à derrota total da Wehrmacht.

A contra-ofensiva de Estalinegrado foi pelos seus objectivos, escala e resultados, um dos mais importantes acontecimentos político-militares da Segunda Guerra Mundial.

Ambas as partes envolveram nela uma enorme quantidade de tropas e de material bélico. Em certas alturas, chegaram a participar simultaneamente nos combates mais de 2,1 milhões de efectivos, cerca de 26 mil bocas de fogo e morteiros, mais de 2,1 mil tanques e mais de 2,5 mil aviões.

Pelo exército soviético estavam presentes efectivos de quatro frentes (Estalinegrado, Don, Sudoeste e Voronej), bem como unidades de aviação, a Frota Militar do Volga e a aviação de Reserva do Comando Supremo. Ao todo, 15 exércitos de infantaria, um de blindados e quatro exércitos aéreos.

Os alemães utilizaram as tropas de dois grupos de exército — «B» e «Don»: o 6.º e o 4.º exércitos blindados da Alemanha, o 3.º e o 4.º exércitos da Roménia, o 8.º exército italiano, o grupo operativo «Hollidt» e a 4.ª frota aérea reforçada pelo 8.º corpo aéreo de reserva do comando geral. No total, combateram contra as tropas soviéticas cerca de 90 grandes unidades, isto é, 30 por cento de todas as frentes hitlerianas na frente soviético-alemã.

A derrota dos alemães no Volga foi tanto mais importante quanto, da sua acção, dependia a execução de todos os planos estratégicos do comando político-militar nazi em 1942. O êxito da contra-ofensiva criou as condições necessárias para a sua transformação numa ofensiva geral das forças armadas soviéticas, desde Leninegrado até ao mar Negro e possibilitou o restabelecimento das comunicações ferroviárias e fluviais mais importantes entre as regiões centrais do país, o Cáucaso e a região meridional do Volga.

Foi definitivamente liquidada a ameaça para o Volga, principal artéria fluvial do país, e para o Cáucaso, cujas riquezas petrolíferas tinham uma grande importância para satisfazer as necessidades da frente e da retaguarda na luta do povo soviético contra as forças unidas dos Estados do bloco fascista. Tudo isso contribuiu para o fortalecimento da economia soviética, acelerou a sua produção militar e

consolidou a situação interna e externa da URSS.

Os preparativos: o plano «Uran»

O delineamento e execução da contra-ofensiva, foi obra de um grande número de chefes militares e de estados-maiores, dirigidos superiormente pelos célebres Jukov e Vassilevski. A campanha de Verão das tropas alemãs tinha obrigado os soviéticos a recuar para além da cordilheira do Cáucaso e para trás da corrente baixa do rio Don. Os nazis tinham pressa em terminar a guerra no Oriente, objectivo que lhes tinha sido impedido pela derrota na batalha de Moscovo no Inverno anterior.

A ideia nasceu no decurso de uma reunião, realizada em 12 e 13 de Setembro de 1942 no Kremlin. Estaline, como presidente do Comité de Defesa de Estado, presidiu à reunião, na qual participaram também o vice-comandante-em-chefe Jukov e o chefe do estado-maior-general, A. Vassilevski.

A reunião teve um único objectivo: eliminar a grave e complicada situação criada nas cercanias de Estalinegrado e no Cáucaso Norte. Decidiu-se continuar a debilitar o inimigo através de operações defensivas, começando imediatamente a elaboração de um plano de contra-ofensiva, que inicialmente se planeava como uma operação estratégica de três frentes que possibilitasse cercar o grosso das forças inimigas que tinham atingido o Volga na região de Estalinegrado.

Desde essa altura até meados de Novembro de 1942, realizou-se um trabalho gigantesco. Foi analisado o estado das tropas das frentes e as suas possibilidades de passar da defensiva para a ofensiva. Avaliaram-se as forças do inimigo e fizeram-se os esboços preliminares das forças que deveriam ser dirigidas para a região de Estalinegrado. Determinou-se o conceito estratégico da contra-ofensiva e, antes de mais, foram escolhidas as zonas de ruptura das linhas inimigas e as direcções dos golpes principais. O plano da contra-ofensiva recebeu a denominação de «Uran».

Em meados de Novembro, o plano «Uran» estava pronto para ser aplicado. O plano definitivo da operação ofensiva conjunta das três frentes previa dois golpes poderosos contra os flancos do agrupamento inimigo, rompendo a defensiva do 3.º e 4.º exércitos romenos a Noroeste e a Sul de Estalinegrado e, desenhando a ofensiva em direcção a Kalatch, o cerco dos 6.º e 4.º exércitos blindados alemães.

A 18 de Novembro, o agrupamento ofensivo das tropas soviéticas na direcção de Estalinegrado tinha sido desdobrado em grandes forças. Encontravam-se ali concentrados mais de 1,1 milhões de pessoas, 15,5 mil bocas de fogo e morteiros, cerca de 1500 tanques e 1350 aviões de combate.

No dia seguinte, iniciaram a ofensiva. O adversário foi colhido de surpresa, pois não aguardava acções desta envergadura perto de Estalinegrado. De Serafimovitch a Kalatch, as tropas da frente Sudoeste, que desempenhavam um papel primordial na operação de cerco, avançaram. Do Sul, da região dos Lagos Sarpinski, as tropas da frente de Estalinegrado desdobraram-se.

A 23 de Novembro, quinto dia da operação, as frentes encontraram-se na região de Kalatch-Sovetski. Um enorme agrupamento da elite das tropas hitlerianas com mais de 300 mil soldados, ficou cercado. As tropas soviéticas continuaram a apertar o cerco afastando simultaneamente o agrupamento cercado da frente geral. Assim, a primeira e mais difícil etapa da

libertação do seu 6.º exército. Para tanto, criou, na direcção de Estalinegrado um novo grupo de exércitos «Don», que devia concentrar os seus grupos de choque nas regiões de Tormosino e de Kotelnikovo.

Em Dezembro, deram-se grandes batalhas nos arredores de Estalinegrado. As tropas da frente do Don e da frente de Estalinegrado tentaram liquidar o agrupamento cercado, mas não tiveram êxito. As tropas hitlerianas resistiram tenazmente. Eram necessárias forças adicionais para resolver o problema.

Só a partir do dia 12, as tropas da frente de Estalinegrado, reforçadas pelo 2.º exército «Guardeiski», depois de rechazar a ofensiva do grupo blindado «Gott», passaram à ofensiva, derrotando as divisões deste grupo, até que, no final do mês, o



contra-ofensiva tinha sido concretizada com êxito.

A segunda etapa: operação «Saturn»

O cerco do agrupamento estratégico inimigo (22 divisões) foi um golpe demolidor contra o exército alemão fascista. A iniciativa passou então para o comando soviético, que já estava a preparar a segunda etapa da contra-ofensiva. Iniciou-se a nova operação «Saturn» para derrotar as tropas italiano-alemãs no Don Médio, em simultâneo com a destruição das tropas do 6.º exército alemão, que se encontravam cercados.

A realização desta operação permitiu o desenvolvimento da contra-ofensiva em frente e profundidade, através da participação de todas as forças da frente Sudoeste e da ala esquerda da frente de Voronej, desfechando-se o golpe principal na região Verkh-Mamona em direcção a Millerovo, Kamensk e, mais longe, a Rostov.

Mas, ao mesmo tempo, o comando alemão fascista iniciou uma série de operações para equilibrar a situação na região de Estalinegrado, tendo em vista a

para salvar o 6.º exército. A frente externa do cerco no Ocidente foi afastada para 200 quilómetros. As tropas da Frente Sudoeste ocuparam posições favoráveis, que permitiam ao comando soviético desdobrar uma nova operação contra um grande agrupamento inimigo de Voronej, que estava na defensiva no Don Alto.

Durante esta segunda etapa da contra-ofensiva, aumentou consideravelmente o seu desenvolvimento em profundidade e foi desfechado mais um golpe contra o inimigo. Foram frustrados os planos do comando hitleriano de libertar o 6.º exército. Criaram-se condições favoráveis para a transformação da contra-ofensiva de Estalinegrado numa ofensiva estratégica geral do Exército Soviético no Sul e, antes de mais, para efectuar uma grande operação de cerco do grupo de exércitos «A» no Cáucaso Norte.

Em Janeiro de 1943, o Exército Soviético lançou uma ofensiva geral envolvendo todas as tropas da ala Sul — as Frentes de Briansk, Voronej, Sudoeste, Sul e Transcáucaso, bem como as tropas das Frentes de Leninegrado e de Volkhov, que começaram as operações de ruptura do bloqueio de Leninegrado.

A operação «Anel»

A operação na Frente do Don de liquidação das tropas cercadas do 6.º exército alemão fez também parte integrante da ofensiva geral. O plano desta operação, denominada «Anel», foi elaborado e posto em prática sob a direcção do general N. Voronov, representante do Estado-Maior General Supremo, e do general K. Rokossovski, comandante da Frente do Don. A 2 de Fevereiro ressoaram os últimos disparos da batalha nas margens do Volga.

Durante a operação «Anel», foram completamente aniquiladas 22 divisões inimigas. Foram capturados 91 mil soldados e oficiais inimigos, incluindo mais de 2.500 oficiais superiores e generais. As perdas inimigas atingiram mais de 800 mil pessoas, cerca de 2 mil tanques e canhões de assalto, mais de 10 mil bocas de fogo e morteiros e cerca de 3 mil aviões de combate e de transporte.

Durante os seis meses e meio da batalha de Estalinegrado, os exércitos do bloco fascista perderam 1,5 milhões de soldados e oficiais, um quarto de todas as forças que então se encontravam na frente soviético-alemã. A derrota perto de Estalinegrado — reconheceu posteriormente o general hitleriano Z. Westfahl — aterrorizou tanto o povo alemão como o seu exército. Jamais na história da Alemanha tinha havido tantas perdas.

Um marco na arte militar

A grandeza da batalha de Estalinegrado não é apenas determinada pelos seus resultados político-militares, mas também

pelo facto de assinalar uma etapa do desenvolvimento da arte militar soviética.

A arte militar soviética passou uma prova muito difícil e demonstrou com toda a clareza ser superior à do exército fascista alemão, o que foi reconhecido pelos próprios historiadores ocidentais. «A vitória da URSS é a todos os níveis a vitória do pensamento, sangue-frio e iniciativa dos generais soviéticos», escreveu no jornal «Figaro», a 28 de Agosto de 1972, o general F. Gambiase, presidente da comissão francesa da história militar e presidente da Comissão Internacional de História Comparativa.

A experiência das acções das tropas soviéticas na batalha do Volga foi amplamente empregada durante o período de guerra que se seguiu. Numa série de questões, as lições desta batalha não perderam ainda o seu valor para a arte militar moderna. É particularmente importante a experiência do período ofensivo da batalha, quando o Exército Soviético cercou um grande agrupamento estratégico inimigo.

É característico que essa operação, muito frequente na última guerra, se tenha efectuado em igualdade de forças durante um Inverno frio e com muita neve, o que exigiu das tropas ofensivas enormes esforços morais e físicos. A operação «Uran» tornou-se uma espécie de modelo para muitas das operações ofensivas posteriores das Forças Armadas soviéticas.

Pela primeira vez durante a Grande Guerra Pátria, conseguiram-se conjugar com êxito e totalmente todas as medidas de preparação operativa, estratégica, técnico-material e político-partidária da ofensiva. O segredo que rodeou a sua preparação possibilitou o carácter repentino dos golpes iniciais, a co-ordenação operativa estratégica das frentes foi bem organizada, a utilização de reservas estratégicas foi altamente eficaz.

As operações ofensivas na Batalha de Estalinegrado deram também lições valiosas sobre o emprego de grandes unidades de tropas blindadas e motorizadas, da organização e cooperação de ofensiva aérea e de artilharia, do bloqueio aéreo do agrupamento cercado, bem como numa série de outras questões.

Com a sua vitória de Estalinegrado, as Forças Armadas soviéticas deram um contributo decisivo para a viragem na Grande Guerra Pátria e em toda a Segunda Guerra Mundial.

«Depois da Batalha do Volga a guerra durou ainda mais de dois anos. Pela frente, ainda tínhamos muito a suportar e muito a realizar. Mas a marcha dos acontecimentos já estava determinada» — disse L.I. Brejnev no seu discurso de inauguração do monumento aos heróis da Batalha de Estalinegrado na colina Mamaev, em Volgogrado (ex-Estalinegrado). «As batalhas posteriores completaram a aniquilação das forças de choque do imperialismo. A vitória do povo soviético na Grande Guerra Pátria demonstrou a supremacia das forças do socialismo sobre as forças do imperialismo, abriu caminho para enormes transformações sociais e políticas que assinalaram a nossa época».

DESPORTO

ponta esquerda



Hernâni Gonçalves foi parceiro de Pedroto em memoráveis jornadas portistas

Meninas mais sozinhas

Preparador físico dos mais concertuados, com um nome respeitado e respeitável, Hernâni Gonçalves (momentaneamente afastado das grandes lides do futebol altamente profissionalizado) foi dar uma mãozinha às meninas que estão rotuladas de «selecção portuguesa» e envolvidas num campeonato europeu. Derrota em Itália (a segunda seguida, gualmente a zero, como aconteceu em França) amortece o ânimo até do mais forte. Hernâni Gonçalves (com o forte pretexto de tempo muito preenchido) sai da festa.

Boavista: bingo

Vai por esse país tora uma febre chamada bingo. Não admira que os clubes desportivos, normalmente a contas com tremendos problemas financeiros, procurem fazer desse jogo de fortuna ou azar a sua sobrevivência. O Boavista, por exemplo, prepara-se para empatar perto de 30 mil contos num negócio que, só a nível de instalações, poderá custar pelas 400 Donas Marias mensais.

Odivelas: casos e quotas

Assembleia geral do Odivelas com casos quentes: o processo de inquérito ao futebolista Diallo, a razão (certa) do despedimento de uma empregada que tratava do equipamento dos jogadores e, também, em torno do excessivo número de atletas que constituem o «plantel» do emblema. No final, tudo bem: e quotas aumentadas de 70 para 100 escudos mensais, com as senhoras e os reformados a quedarem-se pelos 60 escudinhos.

O anzol das palavras

António Chambel, presidente da Associação de Ciclismo do Sul, ao «Diário de Notícias»: «Evidentemente que aporo o controlo (antidoping), mas não como me constou que aconteceu na última «Volta», que parece não ter sido feito com verdade.

Amaral, um dos guarda-redes do FC Porto, em «Record»: «Não tem sido devidamente apreciado o meu valor, as minhas exibições (...) São sempre duras críticas. Não sei se haverá alguma coisa por detrás...

Boa de Jesus numa boa

João Boa de Jesus, antigo director do Instituto Nacional dos Desportos, foi ontem nomeado assessor do gabinete do secretário de Estado dos Desportos, Serra e Moura. Boa de Jesus foi substituído na direcção do IND por Duarte Leal, director técnico nacional de rãguebi e chefe do gabinete de Relações Internacionais da DGD

Xadrezista búlgara deserta

A Polícia helvética confirmou que a jogadora de xadrez búlgara de origem soviética, Tatiana Lematchko, tinha pedido asilo político à Suíça. Lematchko, que participava no torneio olímpico de xadrez de Lucerna, é uma «grande mestre» internacional.

Desconhece-se, por ora, se Lematchko vai pedir para residir na Suíça ou para se deslocar para outro país.

Basquetebol espanhol: problemas económicos

A equipa espanhola do Celta de Vigo desistiu da «Taça dos Clubes Campeões» de Basquetebol (senhoras), por razões económicas.

O Celta de Vigo qualificou-se para os 4.ºs de final da competição por ter eliminado as belgas de Koksye.

Navio português salva velejador francês

O francês Marc Linski, vítima de crise de apendicite, foi recuperado pelo navio «Jacinto Cândido» onde a equipa médica de bordo considerou «o seu estado grave mas não alarmante», indicavam, na direcção da corrida de vela «A Rota do Rum». «O francês foi recolhido ontem às 21.50 h tmG, pelo navio «Jacinto Cândido», que levava a bordo, para além de uma equipa médica, navegadores encarregados de conduzir o navio de Linski uma vez recuperado», explicaram os organizadores. «Os médicos diagnosticaram uma apendicite aguda e o estado do navegador foi considerado grave mas não alarmante», acrescentou a mesma fonte.

O «Jacinto Cândido», que tinha partido de Ponta Delgada às 15.30 h para prestar assistência ao infortunado concorrente da «Rota do Rum» é esperado agora em São Miguel.

Diego Maradona: uma batata quente nas mãos do «Barça»

Continua o folhetim que já ontem abordámos no nosso jornal: o «astro» argentino Diego Maradona, ao serviço do Barcelona (em Espanha) é o centro de polémica com o seu actual clube. O seu pouco tempo de permanência no Barcelona não impediu o muito que vem dando que falar.

Uma dura acusação publicada no jornal «El País» (contra os técnicos da equipa) a fúria com que abandonou o campo ao ser substituído num jogo com o Saragoça, as «perturbações intestinais» antes do jogo com o Bétis e as suas acusações à actuação dos árbitros, têm vindo a encher páginas da Imprensa desportiva espanhola.

Na direcção do Barcelona começou a ver-se com «maus olhos» o comportamento do jogador que vale milhões de dólares. Até agora a «má vontade» do Barcelona para com Maradona era classificada de «especulação», mas desde segunda-feira o que veio à superfície confirmou os rumores. O presidente do Barcelona (José Luis Nunez) em conferência de Imprensa dada na capital francesa após o triunfo da

equipa (por 4-1) sobre o Paris Saint Germain, disse que «Maradona deve ter cuidado com a sua imagem» e «estar disposto a compreender o comportamento que deve assumir na Europa para continuar na equipa do Barcelona».

«Se ele não compreender isso (acrescentou Nunez) de nada serve castigá-lo: o melhor é que abandone o clube».

Ontem, no regresso a Barcelona, o presidente do «Barça» procurou suavizar as declarações feitas em Paris e afirmou à agência EFE que apenas se limitou a dizer que se o jogador não se adaptava à disciplina do Barcelona teria que regressar à Argentina.

Entretanto, Maradona também regressou a Barcelona, após dois dias em Paris com autorização de Nunez e mostrou-se surpreendido com as afirmações do presidente do clube.

«Espero que na entrevista que temos marcada para quarta-feira (hoje) tudo se esclareça», disse o jogador argentino, acrescentando ser necessário analisar tudo o que se tem passado desde o seu ingresso no Barcelona. «Sou

como sou e nada mais me interessa, muito menos as invenções dos jornalistas franceses» — disse Maradona.

Entretanto o Barcelona não pode quebrar o contrato com o Argentino Juniores devido ao comportamento de Maradona — afirmou hoje o presidente do antigo clube do jovem futebolista. Domingo Tesone esclareceu que no contrato multimilionário assinado entre os dois clubes para a transferência do jogador não consta qualquer cláusula de «devolução».

«A única sanção prevista é para o caso de o Barcelona se atrasar no pagamento das prestações da transferência, o que implicaria o regresso do jogador ao seu clube argentino com todos os prejuízos para o clube espanhol», esclareceu o dirigente do Argentino Juniores.

Deste modo, Maradona só regressaria ao clube de Buenos Aires se o Barcelona deixasse de pagar as verbas envolvidas na sua transferência.

«O comportamento do jogador não pode ser alegado para motivo de dissolução do contrato».

Andebol Sporting comanda ao Sul

Paço de Arcos perdeu com o Sporting por 23-31, em jogo a contar para a zona Sul da divisão de honra de andebol. Com esta vitória, o Sporting passou a comandar (invicto), a classificação com mais um ponto do que o Almada e dois do que o Belenenses.

A classificação actual é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
1.º Sporting	4	4	—	—	126-83	12
2.º Almada	5	3	—	2	125-122	11
3.º Belenenses	4	3	—	1	118-100	10
4.º Encarnação	5	2	—	3	110-110	9
5.º Benfica	2	2	—	—	65-33	6
6.º P de Arcos	4	1	—	3	96-104	6
7.º V Setúbal	3	—	—	3	75-97	3
8.º Cascais	3	—	—	3	42-109	3

Natação: Taça Latina

Portugal vai inaugurar nos Olivais a sua primeira piscina coberta de 50 metros, para a Taça das Nações Latinas em natação. Na 6.ª feira (de manhã) a Federação reunir-se-á na piscina dos Olivais com os Órgãos de Informação para dar pormenores da 11.ª Taça das Cinco Nações Latinas em natação que entre 15 e 17 de Abril de 1983, vai decorrer na nova piscina daquele bairro de Lisboa.

Durante esse encontro com a Imprensa serão divulgadas as nações participantes e outros aspectos do torneio, tais como a cronometragem das provas.

Colectividades

VITÓRIA DE SETÚBAL

Fernando Vaz, treinador de futebol e jornalista (de «A Bola») é o palestrante oficial, na 6.ª feira, durante a sessão solene comemorativa do 72.º aniversário do Vitória de Setúbal.

Voleibol: sorteios europeus

O calendário da 2.ª volta da «Taça dos Campeões Europeus» de voleibol (oitavos de final: 4 e 5 de Dezembro) quartos de final (11 e 12 de Dezembro), no tocante a homens Poule «A»: Estrela Vermelha Praga (Che) - Santal Parme (Ita) e Mladost Zagreb (Jug) - Turku (Fin); Poule B: CSK Moscovo (URSS) - Starlift Voorburgo (Hol) e Tromsøz (Nor) - Panathinaikos (Gre); Poule C: AS Cannes (Fra) - Servette Genebra (Sui) e Odense (Din) - Csepel Budapeste (Hung); Poule D: Ibis Courtrai (Bel) - Son Amar (Esp) e Leixões (Portugal) - Giessen (RFA); Senhoras: Poule A: Leixões (Portugal) - Teodora Ravenne (Ita) e Ourallotchka Sverdlovsk (URSS) - Temse (Belg); Poule B: Slava Bratislava (Che) - Panathinaikos (Gre) e Traktor Schwerin (RDA) - Sollentuna (Sue); Poule C: Dokkum (Hol) - Helsingor (Din) e Lohhof (RFA) - Clamart (Fra); Poule D: Dinbamac Tirana (Alb) - Eczacıbası (Tur) e Vassas Budapeste (Hung) - Estrela (Jugo); «Taça das Taças» (homens): Poule A: Passau (RFA) - Robbe Di Kappa Turin (Ita) e Tyrolia (Aus) - Holte (Din); Poule B: Krukenburg (Bel) - Voivodina (Jug) e Espinho (Port) - Progonia (Suec); Poule C: Lausanne (Sui) - Esperos (Gre) e Gunney Sanay (Tur) - Kecsemet (Hung); Poule D: Automobil Leningrad (URSS) - Zaan 69 (Hol) Anisiers Sport (Fra) - Real Madrid (Esp).

«Taça das Taças» (senhoras): poule A: Hermes Ostende (Bel) - Postport Verein (Au) e Hapoel Bat Yam (Jsr) - Strarlift Voorburg (Hol); poule B: Atlético (Portugal) - Nykoppings (Sue) e Vassas Budapeste (Hung) - Munster (RFA); poule C: Puc (Fra) - Estrela Vermelha de Praga (Chec) e Filathiticos (Gre) - Pallavolo Lelsen (Ita); poule D: Medina Odesa (URSS) - Prentives Taria (Esp) e Dinamo Berlin (RDA) - Mladost Zagreb (Jug);.

«Taça das Taças» (homens): Poule A: Passau (RFA) - Robbe Di Kappa Turin (Ita) e Tyrolia (Aus) - Holte (Din); Poule B: Krukenburg (Bel) - Voivodina (Jug) e Espinho (Port) - Progonia (Suec); Poule C: Lausanne (Sui) - Esperos (Gre) e Gunney Sanay (Tur) - Kecsemet (Hung); Poule D: Automobil Leningrad (URSS) - Zaan 69 (Hol) Anisiers Sport (Fra) - Real Madrid (Esp).

«Taça das Taças» (senhoras): poule A: Hermes Ostende (Bel) - Postport Verein (Au) e Hapoel Bat Yam (Jsr) - Strarlift Voorburg (Hol); poule B: Atlético (Portugal) - Nykoppings (Sue) e Vassas Budapeste (Hung) - Munster (RFA); poule C: Puc (Fra) - Estrela Vermelha de Praga (Chec) e Filathiticos (Gre) - Pallavolo Lelsen (Ita); poule D: Medina Odesa (URSS) - Prentives Taria (Esp) e Dinamo Berlin (RDA) - Mladost Zagreb (Jug);.

Placard

Atletismo benfiquista

A Comissão de Atletismo do Benfica vai realizar, no dia 20, com início às 15 e 30 na pista do clube (na Luz) um torneio de capacitação destinado a jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 14 e 18 anos

Taça Confederal (homens): poule A: Volero Zurich (Sui) - Tacspoor (Tur) e Arago Sete (Fra) - Galina Shaan (Lic); poule B: Olympiakos (Gre) - Ubbinik Orion (Hol) e Edilcuoghi (Ita) - Hornann Genk (Bel); poule C: Hisar Bank (Tur) - Zonhoven (Bel) e As Grenoble (Fra) - CS Chenois (Suíça) - poule D: Panini Modene (Ita) - Hapoel Hapapil (Isr) e Paderborn (RFA) - Salesianos Atocha (Esp).

Taça Confederal (senhoras): poule A: Pallavolo Cecina (Ita) - Asu Lyon (Fra) e Profilo Istanbul (Tur) - Dilbeck Itebeck (Bel); poule B: Russesheine (RFA) - Hispano Francés (Esp); poule C: Ionikos (Gre) - Davoho (Bel) e Casg Paris (Fra) - qualificada directamente para a 3.ª volta; poule D: Modene VC (Ita) - Feuerbach (RFA) e SPG Lac Kauf Haus (Aust) - Delta Lloyd (Hol).

Boxe: desporto ou destruição

A morte clínica do pugilista sul-coreano Duk Koo Kim (de 23 anos) após o combate de sábado, em Las Vegas, com o norte-americano Ray Mancini, despoletou uma vez mais a controvérsia sobre a modalidade.

O facto de mais um atleta se encontrar praticamente morto depois de ter subido ao ringue implica, para muitos, a necessidade de se abolir um «desporto» cuja última essência será a máxima destruição do adversário.

Mancini, que defendia e manteve o título mundial de ligeiros, afirma-se combalido e orando pela vida do seu opositor, uma pessoa que praticamente matou por «imperativos desportivos».

Mas a morte clínica do pugilista sul-coreano, que permanece artificialmente ligado à vida num hospital de Las Vegas, é apenas uma das mais de 500 registadas este século, na sequência de combates de boxe.

Uma lista ainda maior de pugilistas arrasta-se na vida com graves lesões, no que a medicina chama de vítimas de encefalopatia traumática devida à repetição de golpes afectando o cérebro.

Depressivos ou eufóricos, esses antigos atletas são frequentes vítimas de megalomania que lhes torna impossível qualquer contacto normal com a realidade, condenando-os a uma autêntica morte moral.

A série de «acidentes» mortais que mancham o boxe profissional ressuscita ideias mais ou menos originais de «humanizar» uma modalidade que muitos classificam de essencialmente desumana.

Reduzir a dureza das luvas, proteger o rosto permitindo-lhes combater com barba (o que actualmente é proibido), limitar a duração dos combates, serão formas de condicionar o risco de vitórias por «KO», verdadeiro objectivo central dos combates e que muitas vezes se transforma numa vitória da morte.

Os dirigentes do negócio «desportivo» que é o boxe profissional sabem bem que quanto maior é o risco pessoal para os pugilistas maiores lucros se obtêm nas bilheteiras, vindos de um pú-

blico que não poucas vezes grita «mata, mata», no auge dos combates. Daí a oposição que os negociantes fazem a qualquer suavização das regras, temendo uma fuga da audiência.

Os médicos, porém, clamam a intensificação das medidas preventivas, ao mesmo tempo que divulgam os resultados das suas investigações sobre os efeitos da modalidade.

O certo, todavia é que só em casos de morte o mundo do boxe profissional parece mostrar intenção de humanizar este «desporto», o que pode sugerir apenas uma desculpa de ocasião para justificar a continuação de massacres.

Protecção

Em Paris, o mexicano José Sulaiman, presidente do Conselho Mundial do Boxe (CMB), afirmou que vai propor modificações às regras da modalidade para maior protecção dos pugilistas.

Sulaiman, em trânsito por Paris, depois de ter participado em Veneza (Itália) no Congresso do CMB, fez estas declarações na sequência da morte clínica do sul-coreano Duk Koo Kim. Sulaiman afirmou que o seu objectivo é a mudança de mentalidade dos adeptos do boxe, para que este regressasse ao tecnicismo da defesa pessoal, abandonando-se o actual sistema de combate que, sublinhou, «tende para a selvajaria».

Entre as medidas preconizadas pelo presidente do CMB figura a criação de um organismo clínico, para a investigação constante no mundo do boxe e a realização de exames neurológicos obrigatórios aos pugilistas. Outras modificações a propor serão a redução do número de «assaltos» dos combates profissionais (de 15 para 12) o aumento do período de descanso entre assaltos (90 segundos em vez dos actuais 60) e a criação de uma «contagem de protecção» de oito segundos em pé, para que o atleta possa ser socorrido sem se esperar que caia no ringue.

Título pugilístico

O holandês Rudy Koopmans conserva o título europeu dos meios pesados ao vencer (em Rotterdam) o seu compatriota Alex Blanchard, por decisão do árbitro.

DESPORTO

ponta esquerda

"Bom Dia, Portugal" vai amanhã ao Bessa

O desporto vai ter amanhã larga fatia no programa televisivo «Bom Dia, Portugal», que, ao comemorar um mês de existência, leva (logo às oito da manhã) uma câmara para o Estádio do Bessa (recinto do Boavista) em reportagem que será surpresa para o público. Ao mesmo tempo, três câmaras-TV tomam de assalto o Parque Mayer para (também a

partir das oito horas, darem teatro de revista, directamente do Maria Vitória

O helicóptero do costume, ilusionistas, outros exteriores em Lisboa e no Porto, para além da festinha de apresentação da bebé Telma (nascida precisamente há um mês) estarão também no cartaz do jovem programa de Raul Durão.

Contra a violência

Rodolfo Begonha, responsável pelo Departamento de Educação Física do Exército Português, apresentou uma comunicação sobre «Violência, Fair-Play e Poderes Públicos» em congresso sobre «Desporto mundial e combate à violência», em Monte Carlo. Rodolfo Begonha, integrado numa delegação constituída pelo director-geral dos Desportos (prof. Lopes Marques) e pelo presidente do Comité Olímpico Português (Lima Belo) foi o terceiro a intervir na sessão inaugural do congresso promovido pelo Comité Internacional e que foi aberto pelo presidente do COI, Juan Antonio Samaranch. Perante 45 delegações e federações internacionais e nacionais, Samaranch apontou como objectivo deste congresso de dois dias «alcançar um desporto sem violência». O presidente do COI pediu aos congressistas que transmitam ao organismo máximo do olimpismo as conclusões do debate, que serão apuradas hoje para que ele próprio as apresente ao congresso olímpico que decorrerá (em 1984) em Los Angeles.

Entre os intervenientes da primeira sessão do congresso estiveram o ex-internacional alemão-federal Franz Beckenbauer e o seleccionador francês Michel Hidalgo.

Contra a droga

Um comité de peritos de dez países do Conselho da Europa, presidido pelo príncipe Merode, presidente da Comissão Médica do Comité Olímpico Internacional (COI), pronunciou-se ontem em Estrasburgo, a favor da elaboração de uma convenção europeia sobre o «doping» no desporto. Esta convenção, que deve dar um quadro jurídico a todas as questões relativas ao «doping» e conduzir à harmonização das legislações na Europa, poderá ser aberta a países que não fazem parte dos vinte e um membros do Conselho da Europa.

Pironi: as melhoras

O piloto francês de fórmula um Didier Pironi espera poder voltar a andar dentro de cerca de duas semanas. Pironi, que sofreu um grave acidente no Circuito de Hockenheim (em 7 de Agosto) tem estado internado numa clínica de Paris onde foi submetido a numerosas intervenções cirúrgicas. O piloto da «Ferrari» deverá ainda ser alvo de outra operação para que lhe seja feito um enxerto de osso na perna direita.

Pironi declarou esperar abandonar a clínica brevemente a fim de continuar a reabilitação em casa.

Hinault: nada de misturas com ciclistas amadores

Discordando da participação de amadores na Volta à França, a União dos Ciclistas Profissionais protestou, em Paris, junto dos organizadores da prova, que se disputará de 1 a 24 de Julho, aberta, pela primeira vez na sua história, a equipas amadoras. O presidente da União, o famoso Bernard Hinault, quatro vezes vencedor do Tour, que conta também com o apoio esmagador dos ciclistas italianos, declarou a sua intenção de não participar se a organização não aceitar as exigências dos profissionais.

Goteborg em crise

O IFK Goteborg, vencedor este ano da Taça UEFA e do Campeonato da Suécia com dois treinadores diferentes, corre riscos de perder os futebolistas mais influentes, além de não ter técnico para a próxima época. O primeiro treinador foi Sven-Goran Eriksson que, após a vitória sobre o Hamburgo na final europeia, foi contratado pelo Benfica, deixando a equipa ao seu adjunto, Gun-der Bengtsson (36 anos) que, assegurada a conquista do quinto título nacional, decidiu assinar contrato pelo Vaalerengen (Noruega). Eriksson e Bengtsson nasceram ambos em Torsby e a presença do segundo na equipa técnica do IFK foi uma imposição do actual treinador do Benfica.

Bengtsson alegou estar cansado das viagens de automóvel entre Torsby e Estocolmo para assinar pelo clube de Oslo, cidade que dista apenas 200 quilómetros da localidade onde a esposa gere uma loja de artigos desportivos. A partida do técnico provocou uma crise no clube, pois três dos seus principais jogadores estudam já propostas de clubes profissionais da Europa Central, preparando-se para seguir o exemplo do «goleador» Torbjorn Nilsson que, logo após a final da Taça UEFA, se transferiu para o Kaiserslautern (RFA). O presidente do IFK reconheceu o problema comentando que com estas partidas será o fim do clube como líder do futebol sueco.

Belenenses protesta jogo em Sesimbra

A direcção do Belenenses, em reunião extraordinária, resolveu confirmar o protesto relativo ao jogo disputado no domingo, em Sesimbra, para o Nacional da 2.ª Divisão, alegando «comportamento anti-regulamentar da equipa de arbitragem, com influência no resultado do jogo». A direcção belenense «lamentava que se disputem ainda jogos de futebol em condições que permitam intervenções de elementos do público, que podem ser dirigidas a favorecer uma das equipas». O referido protesto deu entrada ontem na FPF.

Sintrense também protesta

O protesto apresentado pelo Sintrense relativamente ao jogo com o Vialonga, realizado em Sintra e que contava para o Nacional da 3.ª Divisão, vai ser apreciado no próximo sábado pelo Conselho Técnico da Federação. Recorde-se que o referido encontro foi interrompido a três minutos do final, quando o resultado era de 2-2, por invasão do terreno de jogo.

Zurique-Benfica na TV

O encontro de quarta-feira (dia 24), entre as equipas do Zurique e do Benfica, para os oitavos-de-final da Taça UEFA, será directamente transmitido da Suíça, pela Radiotelevisão Portuguesa, a partir das 19 horas.

Sporting-Benfica: reservas

A contar para o campeonato de reservas da Associação de Futebol de Lisboa, o Sporting defronta hoje, às 15 horas, em Alvalade, o Benfica. Para a mesma prova jogam, às 21 horas, Estoril-Torriense, no campo António Coimbra da Mota, e Belenenses-Odivelas, no estádio do Restelo. A partida entre o Atlético e o Sacavenense, que se disputará em Sacavém por acordo entre os clubes, efectua-se amanhã, às 21 horas.

Calendário muda

Os nacionais de futebol sofreram, como vem sendo habitual, algumas alterações nas jornadas marcadas para domingo, com a antecipação de jogos para o dia anterior:

Na 1.ª divisão: Rio Ave-Benfica, em Vila do Conde, às 15 horas, e Sporting-Boavista, no Estádio José Alvalade, às 16 horas.

Na II Divisão: Rio Maior-U. Leiria, às 15 horas, e U. Madeira-Sesimbra, às 16 horas.

Na III Divisão: Vilafranquense-Oliveirenses, Esperança de Lagos - Moitense (na Lagoa), ambos às 15 horas, e Almada - Seixal, às 15 e 30.

Em Juniores: Salgueiros - Vilanovense, às 15 e 30; Sanjoanense - Amarante, às 15; Vila Real - Leixões, às 15; Anadia-Gouveia, às 15 e 30; Nazarenos-Portalegrense, às 16; Belenenses - Cartaxo, às 15 e 30; Futebol Benfica - Estoril e Beja - Barreirense, ambos às 16; Cuba

TOTO BOLA jogue connosco

Rio Ave-Benfica	2
Porto-Guimarães	1
Sporting-Boavista	1
Marítimo-Varzim	1
Amora-Estoril	1
Alcobaca-Salgueiros	1
Portimonense-Setúbal	1
Braga-Espinho	1
Bragança-Leixões	2
B. C. Branco-Académico	x
Peniche-Beira Mar	x
Juventude-Atlético	1
Sacavenense-Farense	2

-Torralta e Estrela de Vendas Novas - GD Quimigal, ambos às 15.

Também o Varzim e o Rio Ave acordaram em recolocar na data inicialmente marcada (26 de Dezembro) o encontro entre ambos respeitante à 14.ª jornada e que, como os restantes encontros da mesma jornada, a Federação transferiu para 2 de Janeiro.

Beira Mar reforça-se

Arnaldo Silva, que na época finda chegou a alinhar no Belenenses, reforçou agora a equipa do Beira Mar, que disputa a Zona Centro da II Divisão. Também o brasileiro César, um ponta-de-lança de 19 anos, tem treinado no Estádio Mário Duarte, sob a orientação do técnico Vieira, não estando ainda assente a sua contratação pelo clube aveirense.

União da Madeira na «Taça»

O União da Madeira ganhou, na Nazaré, o encontro em atraso da segunda eliminatória da Taça de Portugal correspondente à repetição da partida que fora interrompida, no dia 7, devido ao mau tempo, quando o marcador se encontrava em branco.

Com uma vitória concludente (4-0), o clube madeirense ficou apurado para disputar com o Ginásio, em Alcobaça, o desafio dos 32 avos da competição.

NAZARENOS Lapa; Tozé,

Gato, Gomes e Juvenal (Airon, aos 63 m); Leal, Chico e Alبرتino; Clésio, Quintino (Bragança, aos 46 m) e Paulo Gaspar.

UNIAO DA MADEIRA: Marrafa; Paulo, Joni, Chico (Ivo, aos 79 m) e Norberto; Pedroso, Coutinho e Neto; Ladeira (Oliveira, aos 46 m), Cabumba e Brandão.

Marcadores: Brandão (aos 10 m), Oliveira (aos 58 e 78 m) e Pedroso (aos 72 m).

Árbitro: Pedro Quaresma, de Lisboa. Cartão amarelo a Joni (aos 55 m), Coutinho (aos 69 m) e Paulo Gaspar (aos 70 m).

Juvenis; selecção

Jogadores convocados para a Selecção Nacional de Juvenis, com vista ao treino a realizar hoje às 15 horas no Estádio Nacional:

Amora: Gaião; Boavista: José Loureiro; Académico: Mito; Montijo: Paulo Renato; Os Repeseses: Fernando; União de Coimbra: Peixoto; Oriental: Rui Humberto; F.C. Porto: Sérgio, Luís Miguel, José Almeida, Rui Ribeiro e António Carlos; Os Nazarenos: Mota; Quimigal: Luciano e Paulo Brito; Torralta: Seca; Benfica: Guedes, Juca, Mário Belo e Gilmar; Cartaxo: Montez; Salgueiros: Fernandes; Sporting de Braga: Carvalhal; Sporting: Germano, Fernando Mendes, Litos, Eugénio, Ferrinho, Augusto, João Baleiras e Barrinho; Vitória de Setúbal: Carlos Manuel, João Manuel e Pita.

RFA: nova selecção

O seleccionador alemão federal de futebol, Jupp Derwall, anunciou a lista dos 16 jogadores convocados para a partida com a Irlanda do Norte, para o campeonato europeu.

Para esse jogo, a contar para o grupo seis de apuramento, e que se realiza hoje em Belfast, Derwall incluiu duas novidades. O jogador Rudi Voeller do Bremen e Bernd Schuster, que alinha no Barcelona. Em dúvida está Karl Heinz Foerster, que se encontra lesionado e sobre o qual será tomado uma decisão na hora da partida. Os seleccionados foram os seguintes:

● Guarda-redes: Schumacher e Immel, um jovem que alinha no Borussia de Dortmund.
● Defesas: Briegel, Berns Foerster, Kaltz, Stielike e Strack.
● Médios: Engels, Mattaeus, Meier e Bernd Schuster.
● Avançados: Allofs, Littbarski, Milewski, Rummenigge e Voeller.

Shuster, que representa a equipa espanhola do Barcelona, foi bem acolhido pelos seus compatriotas neste regresso à selecção de futebol do seu país. O «capitão» da equipa alemã (Karl Heinz Rummenigge), afirmou que Shuster é um grande jogador, ao mesmo tempo que Littbarski lhe desejou muita sorte para o encontro com a Irlanda do Norte para que, disse, se caíam de vez todos os que o criticam.

Outra Espanha

A selecção espanhola de futebol empatou a dois golos com um misto dos Atlético de Madrid e Madrileno (segunda divisão), em jogo de preparação para o campeonato europeu. A Espanha defronta hoje, em Dublin, a selecção da República da Irlanda, em jogo do grupo sete da fase de qualificação. A selecção espanhola que alinha neste ensaio geral realizado no estádio «Vicente Calderon» era constituída por Arconada (Real Sociedad), Juan José (Real Madrid), Bonet (Real Madrid), Maceda (Gijón), Camacho (Real Madrid), Gordillo (Béti), Senor (Saragoça), Victor (Barcelona), Pedraza (Atlético de Madrid), Santillana (Real Madrid) e Marcos (Barcelona).

Campeonato de França

Resultados da 15.ª jornada do Campeonato de França: Lille-Paris SG, 1-0; Estrasburgo-Bastia, 2-1; Sochaux-Bordeus, 0-2; Auxerre-Mónaco, 1-0; Tours-Nantes, 0-4; Ruão-Nancy, 1-0; Saint Etienne-Lens, 0-1; Laval-Lyon, 1-1; Toulouse-Brest, 2-2 e Metz-Mulhouse, 3-0. Classificação geral: 1.º Nantes, 24 pontos; 2.º Bordéus, 20 pontos; 3.º Lens, 20 pontos; 4.º Brest, 18 pontos; 5.º Paris SG, 17 pontos.

colunáveis



Jogador de alta influência em toda a manobra benfiquista Shou teve azar na partida com o Vitória de Guimarães: tocado em choque com parceiro de outro emblema, lesionou-se seriamente na clavícula direita, tendo ainda (em consequência do embate) sofrido perda momentânea de conhecimento. Pois ele aí está de volta, já hoje fazendo exercícios de recuperação física no palco da Luz, cenário de algumas das grandes actuações do médio que parece usar pantufas.



Numa faceta desconhecida (como apresentador de uma fatia do espectáculo) o árbitro internacional António Garrido colabora, na noite de 6.ª feira próxima, no festival que a RDP promove, no Coliseu, a favor do Comité Português para a UNICEF. No palco, também como atracções, as equipas futebolísticas do Sporting e do Benfica em generosa colaboração com esta realização de Maria Leonor, António Fortuna e Nunes Forte, que promete constituir um belo «show» artístico.



Muita gente ligada ao desporto do pedal procura ainda encobrir a verdade, deitando poeira nos olhos de quem está dentro da razão: está bem profissionalizada a larga quota parte do ciclismo português, pois esmagadora maioria dos artistas que surgem na torrente de «Grandes prémios» ou na «Volta a Portugal» cobram (como figuras do pedal), belas maquiagens que fazem envergonhar o salário médio nacional. Que o digam quem sabe quanto vai cobrar, no FC Porto, o «amador» Fernando Fernandes...

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados
em BATAS PROFISSIONAIS
TINTURARIA GUANABARA
Dep. de Confecções

Av. João XXI 5-D - 1000 (metro Areeiro) - Rua Infantina 16, 55-C - 1300 LISBOA

Alack Sinner



Banda Desenhada
de Muñoz e Sempayo

102

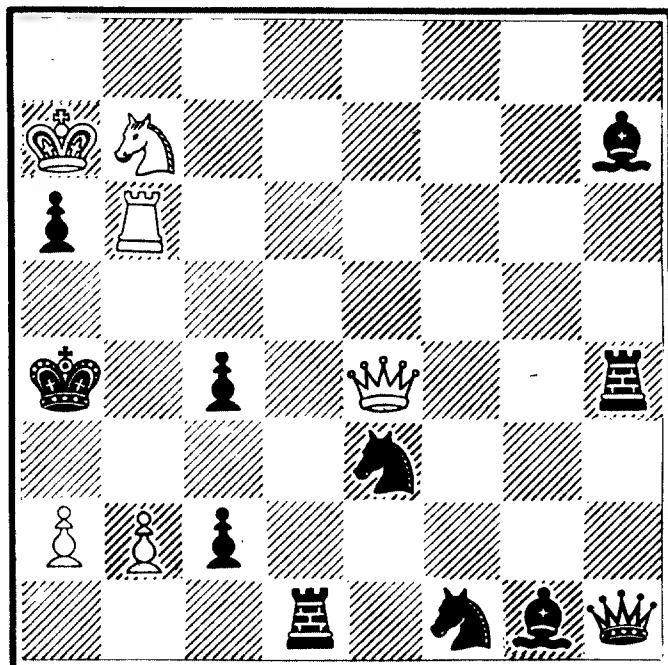


COPYRIGHT Muñoz e Sempayo/Gulpos/ADS

continua

Problemas de Xadrez

Biválvula é o efeito de abrir a linha de uma peça, fechando a linha de outra peça da mesma cor. O diagrama apresenta 4 destes efeitos.



C. Mansfield
«Concurso Olímpico-Muniquê» 1936
1.º Prémio
(2 lances)



SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, FABRICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL, GRÁFICA E IMPRENSA DO SUL E ILHAS



CCTV-Indústria Gráfica e Transformação do Papel

PLENÁRIOS CONVOCATÓRIA

O processo de revisão do CCTV das Indústrias Gráfica e de Transformação do Papel está numa fase preocupante e decisiva.

A situação impõe a necessidade de os trabalhadores analisarem rápida e consequentemente, para decidirem em conformidade com os seus interesses.

CONVOCAMOS TODOS OS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO CCTV A PARTICIPAREM EM FORÇA NOS PLENÁRIOS VERTICAIS A REALIZAR NOS LOCAIS, DIAS E HORAS ABAIXO INDICADOS:

Tomar; Delegação do Sindicato, em 17/11, às 19.30 horas

Santarém; União dos Sindicatos, em 17/11, às 19.30 horas

Setúbal
19.00 horas

Lisboa; Sede do Sindicato, em 18/11, às 19.00 horas

A DIRECÇÃO

GATO ALVISSARAS

Dá-se alvíssaras a quem entregar gato siamês que dá pelo nome «GAROTO». Fugiu no dia 16.
Telf. 83 86 55.



CUSCUS

E
OUTRAS ESPECIALIDADES
12 - 15 h. 20 - 23 h.
BAR RESTAURANTE

RUA PROF. GOMES TEIXEIRA, 11-C

TELEF. 600481



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5941, arquivo 9, para o estabelecimento na Freguesia de Silveira, concelho de Torres Vedras, de um troço de linha aérea a 10 KV da linha N.º 354/R-9 com 342 metros, entre os postes n.º 1 e n.º 4.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 3 de Novembro de 1982.

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente de invenção N.º 57 913, para «BROCA DO TIPO DE DRAGA».

Trata: CLARKE MODET & CO. LTD.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º
Esq. — 1000 LISBOA

Lembrado na Aula Magna

“Há sempre alguém...” Adriano!

Marcamos aqui encontro para falarmos com um amigo que ainda vive... disse Manuel da Fonseca, comovido e impressionado pelos milhares de jovens que se «amontoaram» ontem à noite no Auditório da Aula Magna, para lembrar Adriano.

«... lembrar da forma mais digna possível, alheia a todo o tipo de oportunismo e falsos sentimentos, aquele que foi uma das vozes mais marcantes e influentes da resistência de raiz e autêntica cultura popular» — como assinalou, de início um representante da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras, entidade responsável pela iniciativa.

E foi, na verdade, digno e exemplar o convívio que amigos de Adriano (de Coimbra, de Lisboa, do Alentejo, de outros pontos do País) levaram à cidade universitária.

Lopes de Almeida, presidente da Associação Académica de Coimbra, no tempo em que Adriano chegou à cidade, seu grande amigo pessoal e camarada de partido, falou desse tempo dos anos 60, «do cantor de Abril, antes de Abril» e acentuou que o exemplo do trovador resistente deve levar-nos, urgentemente, «a cuidar dos vivos».

Sérgio Niza, companheiro de muitos anos e de muitas canções declarou «foi o mais corajoso do seu tempo».

Manuel Alegre, presente na generalidade dos poemas cantados por Adriano, disse alguns dos mais significativos, acompanhado por Niza. Mas antes, lamentou: «muitas vezes em Portugal é preciso morrer para se ser lembrado, para se estar vivo». E recordou que Adriano, além do mais generoso e corajoso «foi o que mais se deu e menos recebeu...»

«Ter uma mãe»

Depois foi o grupo de Coimbra. O Silva Marta (nosso camarada de «A Capital»), intérprete de um dos momentos mais comovidos da noite quando cantou (ao lembrar a morte de Adriano, no regaço da mãe) o tema de Zeca Afonso **quem tem uma mãe tem tudo...**; o Machado Soares, juiz em Almada e uma das belas vozes de Coimbra; o António Bernardino, outro grande do fado coimbrão, acompanhado por Rui Pato (o que primeiro tocou com Adriano), Octávio Sérgio, Durval Moreiras, Paulo Vaz de Carvalho e António Portugal.

E vieram sucessivamente o Alfredo Vieira de Sousa, o Lis Cília (e o poema de Borges Coelho «Sem Berço Abando-



nado...») o Vitorino e o Bando da Planície, o Janita, o grupo «Opção Tem» (magnífico com os seus adufes e tambores), o Sérgio (cantou um belo poema de Eugénia Cunhal musicado por Adriano), o Zé Mário Branco (ao Adriano **que me ensinou a lutar a cantar...**) e o Carlos do Carmo, com um fado seu que lembra o meu companheiro profundo, do outro lado do mundo.

Antes foram lidas mensagens de Costa Gomes, Duran Clemente, Sérgio Godinho (ausente do País) e da Associação Portugal-Cuba de que Adriano era o Sócio n.º 1.

E a seguir a Manuel da Fonseca, o amigo maior de Adriano, seu companheiro de muitas jornadas e canções nas aldeias distantes, nas cooperativas e nas fábricas, veio outro amigo de Adriano: o Luís Pignatelli. Veio trazer notícias do amigo. Foi breve, mas bastante. Citou um poema de Drummond de Andrade, na morte de Mário de Andrade, outro poeta brasileiro: **Tinha uma doença no estômago/morreu do coração.**

Na assistência estiveram estudantes, deputados (Natália Correia, por exemplo), jornalistas e muitos mais cidadãos. Homens de Abril também, como Marques Júnior, Vasco Lourenço e Vasco Gonçalves. No final, quando os artistas, todos juntos, no palco cantaram, em coro com Adriano, a «trova Trova do Vento Que Passa» o auditório levantou-se, deu as mãos e cantou com força e esperança: «Mesmo na noite mais triste/em tempo de servidão/há sempre alguém que resiste/há sempre alguém que diz não...»

Foi a última canção ouvida a Adriano, dias antes da morte, de solidariedade com os trabalhadores da ANOP **onde há ainda alguém que resiste/alguém que diz não.**

“Entre linhas entre gente”

Desconcertante, sempre quebrando a rotina, Júlio César salta dos palcos e dos micros para a literatura, lançando «Entre Linhas, Entre Gente» de modo inusitado: os textos que constituíram belo motivo de interesse de Antena Um reunidos numa espécie de «romance de cordel» (e nunca o termo foi tão claro...) vão ficar depositados nas mãos dos convidados que se reúnem amanhã pelas 18 horas.

no «Gatsby» (Avenida António Augusto de Aguiar, 150-C). O convite é da Ália (Edições e Publicações, Lda) que aposta em Júlio César e na sua larga falange de admiradores. Um bloco que (certamente) vai crescer com «Chinelos de Quarto», o programa radiofónico que (também na Antena Um) terá Júlio César e Raul Solnado aos domingos, no espaço das nove ao meio-dia.

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“Veio do Outro Mundo” de John Carpenter

O filme de terror é um filão em alta no cinema americano. John Carpenter é um dos seus culpados. Muita curiosidade, por isso, para este **Veio do outro mundo**, o seu primeiro filme de grande orçamento após o razoável sucesso de **Nova Iorque 1997** no ano passado.

O grande orçamento teve para já uma consequência. Carpenter, talentoso cineasta de elipses, tem agora dinheiro para **mostrar**, ou melhor, é obrigado agora a **mostrar**. E, mau grado os excelentes efeitos especiais com que se figura a coisa horrenda (o título original do filme — **The thing** — é bem mais explícito na sua indefinição que o prosaico e redutor título português...), Carpenter não é brilhante nessa qualidade. Quer dizer, a repulência da Coisa é mero assunto técnico — bem resolvido — o cerne do verdadeiro medo está noutro lado. Num lado que este filme também tem, não como fulcro.

O interesse do argumento de **Veio do outro mundo** está no facto do ser ameaçador ter a propriedade de se transmutar no animal que desejar. Ele pode imitar um cão de modo a parecer um cão, uma pessoa de modo a parecer essa pessoa. O monstro pode ser o parceiro do lado sem que o saibamos (mas não pode ser eu mesmo sem que eu o saiba...), o Outro pode ser, apenas, ele, até que a revelação me devore e me reproduza; o reproduza — sob a minha forma.

O fulcro do filme seria assim a suspeita — tema tão hitchcockiano... — e não a presentificação. Fulcro que Carpenter não escolhe, até porque decide (e cumpre) ter um herói (Macheady/Kurt Russell), um ponto de apoio/identificação para o espectador. Um pauzinho de certeza na engrenagem da dúvida chega para gripar o mo-



A espera de algo horrível, do desconhecido, do outro

tor? Não chega, mas ele não funciona em pleno.

Aliás, **Veio do outro mundo** não deixa maturar o nosso conhecimento das pessoas envolvidas na trama. Arranca logo num clima de inquietação, o que provoca que — salvo o herói — aqueles personagens sejam assaz indefinidos, meros corpos para conviver ou temer. A intermutabilidade do medo está curto-circuitada. O que tememos é a repulência física da Coisa, raramente a sua latência.

Claro que John Carpenter continua a utilizar o **écran largo** com visível preciosismo; não é por aí que podem surgir reparos. O ponto fraco deste filme está no meio caminho entre o mostrar e o não mostrar, está no hibridismo.

Dois quase excelentes filmes não fazem um excelente filme. Mas fazem uma película que os apreciadores de terror não deixarão de saudar. Por mim gostaria que ela se jogasse mais na dúvida e menos nas sucessivas irrupções de efeitos especiais. Que mostrasse menos e inquietasse mais. Que a gente ficasse com medo depois e não só durante.

FICHA:

Título original: The thing.
Realização: John Carpenter (USA-1982)
Argumento: Bill Lancaster, segundo o livro «Who goes there?» de John W. Campbell Jr.
Fotografia: Dean Cundey
Efeitos especiais de maqui-

lhagem: Rob Bottin.

Efeitos especiais visuais: Albert Whitlock.

Supervisão de efeitos especiais: Roy Arbogast.

Cenários: John J. Lloyd (production designer), Henry Larrecq (art director).

Música: Ennio Morricone.

Montagem: Todd Ramsay.

Interpretação: Kurt Russell (Macheady), A. Wilford Brimley (Blair), T.K. Carter (Naals), David Clennon (Plamer), Keith David (Childs), Richard Dysart (dr. Copper), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.

Cinemas: Eden e Mundial.

Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.

Os Bonifrates vão apresentar quatro histórias de um tiro

Aproxima-se a estreia do próximo espectáculo dos Bonifrates. Trata-se de «Inferioritá, quatro histórias de um tiro» de Italo Svevo (1861/1928).

É a primeira peça dos Bonifrates destinada a adultos e a primeira montagem de um texto deste autor em Portugal. A encenação é de Luís Varela e a colaboração plástica de Carlos Madeira. A apresentação terá lugar em Coimbra, no Teatro Sousa Bastos.

«Variações em sol»

Durante os meses de Novembro e de Dezembro estão marcados uma série de espectáculos em colaboração com as



Fernando Romero, Gil Nave, Vítor Santos e António Mota durante um ensaio da peça «Inferioritá — 4 Histórias de um Tiro» de Italo Svevo

escolas primárias do concelho de Coimbra. Esta iniciativa tem o apoio da C.M. de Coimbra que assegura o transporte dos alunos para o Teatro Sousa Bastos.

Curso de formação de animadores

Decorreu entretanto nas instalações dos Bonifrates — Teatro Sousa Bastos — e com seminários e ateliers assegurados por M. Guerra, José Oliveira Barata, Mário Barradas, Luís Varela, Gil Nave e Maria Teresa Faria um curso de formação, aperfeiçoamento e reciclagem de animadores culturais profissionais ou em vias de profissionalização no domínio do Teatro.

Revista das revistas

Análise Social

A revista do Instituto de Ciências Sociais, hoje integrado na Universidade de Lisboa, no seu n.º 71 (vol. XVIII, da terceira série), além da habitual secção de «Bibliografia», com a descrição analítica dos sumários de um importante conjunto de Revistas, publica os seguintes artigos:

«Turismo e estratificação na Nazaré» de Eugene L. Mendonsa;
«A Revolução de 9 de Setembro de 1836: a lógica dos acontecimentos» por Fátima Bonifácio;
«Latifúndio e progresso técnico: a difusão da debulha mecânica no Alentejo, 1860-1930» por Jaime Reis;
«Taylor no Purgatório: o trabalho operário na metalomecânica pesada» por Fátima

Patriarca; «Emigrantes e camponeses: uma análise da literatura sociológica» por Patrícia Goldey.

Os artigos de Jaime Reis e de Fátima Patriarca abordam problemas importantes de economia e de sociologia, a problemática histórica é a perspectiva em que se coloca Fátima Bonifácio que, com dados de investigação sérios, revela a «lógica dos aconte-

cimentos» sobre as circunstâncias que estiveram na origem dos acontecimentos de 9 de Setembro de 1836. O trabalho de Fátima Bonifácio assenta em investigação pessoal, é uma contribuição valiosa para a compreensão do curso histórico desde a Convenção de Évora Monte (Maio de 1834) até aos acontecimentos (Revolução/golpe de Estado) de Setembro de 1836.

Teatro Bolshoi vem a Portugal

O corpo de ballet do Teatro Bolshoi de Moscovo deslocar-se-á a Portugal a fim de participar numa série de espectáculos, nomeadamente em Lisboa, no Saõ Carlos, dias 26, à tarde, e 27 e 28 à noite, e ainda na Madeira (Teatro Municipal do Funchal, últimos dias de Dezembro) e em Évora (Teatro Garcia de Resende, a 2 de Janeiro).

Nina Sorokina e V. Logunov, que integram o corpo de ballet, são figuras de prestígio mundial, que participam apenas nos principais espectáculos do Bolshoi, sendo Sorokina uma das três primeiras solistas daquele teatro moscovita.

Arkipova e Nikonov, que também actuarão em Portugal, constituem um par de grande popularidade na URSS e no estrangeiro, tendo sido premiados em vários concursos internacionais. Participam na maior parte das representações do Bolshoi.

Dois dos outros bailarinos que se deslocam a Portugal, numa iniciativa da Associação Portugal-URSS, são Maria Nudiga e Alexei Smirnov, novos valores do ballet, que ganharam o concurso para jovens solistas do Teatro Bolshoi.

Bolshoi 200 anos de actividade

As origens do Teatro Bolshoi remontam ao ano de 1776 quando o príncipe Urussov criou o primeiro elenco permanente do «Teatro Russo de Moscovo». Os espectáculos eram então realizados no Palácio do Conde Vorontsov.

O repertório integrava as primeiras óperas dos compositores russos — Pashkevitch e Fómine — e obras dos grandes compositores da época como Mozart, Pergolezzi, Chimarozzi e Grotti. Em 1780 a companhia transferiu-se para um edifício novo na Rua Petrovka, sendo esta a data oficial da fundação do Teatro Bolshoi.

Em 1805 as instalações da Rua Petrovka foram destruídas por um violento incêndio e até 1825 a companhia do Teatro Russo, que a partir de 1806 passou a ser estatal, representou nos palcos de diversos teatros. No local do prédio sinistrado foi construído o edifício do «Bolshoi Petrovski», uma das mais belas obras arquitectónicas russas do estilo «Império».

O novo teatro foi inaugurado a



18 de Janeiro de 1825.

As obras dos compositores russos passaram, a partir desta época, a ocupar um lugar cada vez mais importante no repertório do Bolshoi. «O Filósofo Aldeão» de Albién, «A Festa da Colheita», de Davidov, «Divertimentos do Califa», «Saudades da Pátria» e «Váline» de Verslovski, constituíram grandes êxitos dos anos trinta e quarenta quando se destacavam na ópera as cantoras Ivanova e Lopukhina.

A criação do primeiro corpo de ballet do Teatro Russo data de 1812. Dirigia-o o coreógrafo Glukovski. No entanto, a primeira grande encenação do Teatro Bolshoi realizou-se em 1843 com «Giselle» de Adam, protagonizada por Snarovskaya e Bogdanov.

Glinka e Tchaikovski

Uma etapa histórica no desenvolvimento da música russa e na vida do Bolshoi é marcada pela representação das obras do compositor russo Glinka: «Ivan Susanine» (1842) e «Ruslan e Ludmila» (1846). Neste período foi também encenada a «Sereia» de Dargomyjski.

Em 1853 o edifício do Bolshoi

foi novamente vítima de um incêndio. Reconstruído em 1856, aumentou a sua capacidade para dois mil lugares, não sofrendo modificações até hoje.

Nas décadas de sessenta e setenta o departamento estatal de teatros da Rússia cedeu o teatro a uma companhia de ópera italiana que alternava os seus espectáculos com os do elenco do teatro. Trabalharam como coreógrafos, entre 1864 e 1869, Jean Perrois e Petipas.

Neste período destacaram-se as representações de «Judite» (1865) e «Rogneda» de Serov, da primeira ópera de Tchaikovski «Voievoda» (1869) e «Demónio» de Rubinstein (1879).

Nos fins dos anos setenta inicia-se uma nova etapa na história da música e do Bolshoi com as obras de Tchaikovski: «Lago dos Cisnes» (1877), «Eugénio Onéguin» (1881), «Mazepa» (1884), «Sapatinhos» (1887), «A Dama de Copas» (1891), «Iolanda» (1893), «A Bela Adormecida» (1899). Na mesma altura subiram ao palco pela primeira vez as óperas de Mussorgski «Boris Godunov» (1888) e «Sne-gurotchka» (1893) e «Noite de Consoada» (1898), de Rimski Korsakov.

Simultaneamente com as obras dos compositores russos o

Bolshoi incluiu no seu repertório peças dos grandes compositores europeus contemporâneos como «Rigoletto», «Aida», «Traviata» de Verdi; «Fausto» e «Romeu e Julieta», de Gunot; «Carmen», de Bizet; «Lohengrim», de Wagner.

Nesta época destacam-se no ballet os nomes de Helena Gultzer, Fiodorova, Tikmirev e o coreógrafo Gorski.

No início do século XIX a escola vocal russa recebe a consagração mundial com a revelação das vozes de grandes cantores como Chaliapine, Sobinov e Nejdanova. Entre os seus grandes êxitos contam-se «A Rapariga de Pskov» (1901), «Mozart e Salieri» (1901), «O Senhor Governador» (1905) e «Sedek» (1906), de Rimski-Korsakov; «Um Cavaleiro Avarento» (1906), de Rakhmaninov e «Khovanchina» (1912) de Mussorgski e «Raymonda» (1900), de Glazunov.

O Bolshoi partido em dois durante a guerra

Depois da Revolução de 1917 e apesar das difíceis condições económicas dos primeiros anos da Rússia soviética, o Bolshoi não deixou de funcionar. A proposta de fechar temporariamente o teatro foi rejeitada por Lenine. Em 1919 é-lhe conferido o estatuto de «Teatro Académico Bolshoi».

Nesse ano são estreitados no Bolshoi os ballets «Quebra-Nozes», de Tchaikovski e realizadas novas encenações de «O Lago dos Cisnes», «A Bela Adormecida», «Raymonda», «Giselle» e «Dom Quixote» do mesmo autor.

Em 1921 é dançada «Petruska» de Stravinski. Durante os anos vinte leva à cena as óperas «Dezembristas», de Zolotariov, «Stepan Razin», de Triadin e «Amor para Três Laranjas», de Prokofiev.

Entre as reposições de obras russas destacam-se «Boris Godunov» de Mussorgski, «A Noiva do Czar» de Rimski-Korsakov, «Eugénio Onéguin» e «Mazepa» de Tchaikovski, assim como das obras de Wagner «Lohengrim» e «Ouro do Reno».

Nos anos trinta estreiam-se as óperas «Don Tranquilo», de Dzerjinski e «Couraçado Potemkin», de Tchiskó e os ballets «A Chama de Paris» e «Chafarizes de Bakhtisserai», de Assafiev. Neste período surgem, com grande destaque, as vozes de Petrov, Lemichev, Obukhova, Stepanova e Makssakova. Na dança são primeiras figuras Geltzer e Tikhomirov e o coreógrafo Zakharov.

Durante a Segunda Guerra Mundial uma parte do elenco do Bolshoi instala-se em Kuibyshev, no Volga, enquanto os restantes ficam a actuar em Moscovo. Nos anos quarenta «Cinderela» (1945) e «Romeu e Julieta» (1946), de Prokofiev e «Malandolina» (1949), de Vassilienko são as encenações mais importantes da Companhia de Ballet do Bolshoi.

Dos anos cinquenta a princípios da década de setenta destacam-se as óperas «Nikita Verchenine» (1955), de Kabalievski, «A Mãe» (1957), de Khrennikov, «O Amansar da Fera» de Shebaline (1957), «Guerra e Paz» (1959) de Prokofiev, «Não só o Amor» (1961), de Chedrin, «Outubro» (1964), de Muradeli, «Uma Tragédia Optimista» (1967) de Kholminov, «Simião Koteró» (1970), de Prokofiev.

Entre as peças baléticas levadas à cena no mesmo período tiveram especial impacto «Gayané» (1957), de Khatchaturian, «Uma Flor de Pedra» (1959), de Prokofiev, «Lenda do Amor» (1965) de Melikov e «Spartak» (1968), de Khatchaturian.

Nas décadas de quarenta e

cinquenta revelam-se na ópera as vozes de Ivanov, Lissitzian e Chunskaia e no ballet Ulanova, Lepichinskaya e o coreógrafo Lavroski.

Os anos sessenta são marcados pelo aparecimento de uma pleiade de bailarinos de que fazem parte Plissetskaya, Pavlova, Struchkova, Maximova, Bessmertnova, Vassiliev, Liepa e Fadeietchev cujas criações lhes deram prestígio mundial.

Na ópera ganharam vulto os nomes de Arkhipova, Vichnevskaya, Milachkina, Obraztsova, Levko, e Ognitsev, Eisen, Atlatov, Mazurov e Nesterenko.

A partir de 1961 o elenco do Teatro Bolshoi passou a exhibir-se também no Palácio dos Congressos, do Kremlin, equipado com 16 plataformas e com uma capacidade para mais de seis mil pessoas.

Novas gerações de bailarinos

Nos anos setenta o Bolshoi desenvolve uma acentuada actividade na adaptação coreográfica de obras clássicas da literatura.

Constituíram êxitos notáveis as adaptações realizadas por Grigorovitch, coreógrafo principal do Bolshoi e por Vassiliev das obras de Shakespeare «Macbeth» e «Hamlet» com música, respectivamente, de Kirill Moltchanov e Chostakovitch assim como das obras de Tchekov, «A Gaivota» e «A Ordem de Ana» com música, respectivamente, de Rodion Chichedrin e Gavrilov. «O Idiota» de Dostoiévski e ainda «Ícaro» e «Ivan o Terrível». É de salientar a subida à cena pela primeira vez no Bolshoi de «Idade de Ouro», de Chostakovitch.

Neste período foram criadas novas versões de obras consagradas do ballet que receberam os aplausos da crítica mundial. Entre os maiores êxitos destacam-se «Quebra-Nozes», «Romeu e Julieta» (apresentada na Ópera de Paris em 1978), «Dom Quixote», «Carmen», «O Lago dos Cisnes» e «Giselle». Pela interpretação de Albert, em «Giselle», foi atribuído a Lavroski o prémio Wlaslaw Nijinski, da Academia de Paris.

Uma outra actividade desenvolvida pela Companhia de Ballet do Teatro Bolshoi durante o mesmo período foi a adaptação de obras baléticas para o cinema. Merecem particular destaque «Mtsyri», baseado num poema de Lermontov, distinguido com o primeiro prémio do V Festival Internacional do Filme de Arte de Nova Iorque e «Prometheu», ambas assinadas por Lavrovski.

Da nova geração de bailarinos despojam os nomes de Vladimir Derevianko, Bassintchenko, Vetrov, Taranda e Irek Mukhammedov. Grande Prémio do Concurso Internacional de Ballet de Moscovo de 1981. Entre os nomes femininos do ballet destacam-se Alla Khanachvili e Irina Piatkina.

os melhores
**ESPECTÁCULOS
DE NATAL**

uma
organização

Cantarabril

- Palhaços
- Ilusionistas
- Ventriloquos
- Animadores
- Cantores
- Aparelhagens de som e luz

CONTACTE-NOS A TEMPO
telefone ou escreva
Av. EUA, 51-C ☎ 80 42 42
1700 Lisboa ☎ 80 02 46

ATENÇÃO

JA A VENDA
O DUPLO ALBUM DE

LUÍSA BASTO

«25 CANÇÕES»
Pedidos a MÚSICO

ALMADA — R. D. Dinis, 16/A
T. 2294668 — C. Piedade

PORTO — R. Formosa, 49-3.º S/4
T. 319596

COIMBRA — Liv. Almedina
R. Ferreira Borges, 121
T. 23211

**ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR**

Encontro Nacional de Fotografia Antiga

O secretário de Estado da Cultura, dr. Gomes de Pinho, inaugurou esta manhã, nas instalações do Arquivo Nacional de Fotografia, (Sala dos Serenins, Palácio da Ajuda, Calçada do Mirante, 11, Lisboa) o «Encontro Nacional de Fotografia Antiga».

São objectivos deste «encontro» promovido de 17 a 19 de Novembro pelo Instituto Português do Património Cultural, proceder a uma análise global das várias acções em curso neste domínio no nosso país, reunindo os responsáveis pelos principais fundos de fotografia antiga com interesse histórico-documental, numa perspectiva de sensibilização para a necessidade da sua preservação e adequado tratamento físico e documental. O encontro será completado por um estágio prático dirigido pelo especialista francês Sylvain Morand, no qual participarão várias entidades convidadas.

O Arquivo Nacional de Fotografia iniciou as suas actividades em 1976 com um levantamento dos arquivos de antigos fotógra-

fos portugueses em risco de destruição ou dispersão, tendo conseguido reunir, até à presente data, 40 arquivos, estando em vias de aquisição os arquivos da Fotografia Alvão do Porto e das fotografias Vasques e Sobral, entre outros.

Para além destes trabalhos, prestou apoio técnico à Câmara Municipal da Golegã, na montagem da Galeria Relvas e à Câmara Municipal de Faro na montagem da exposição que ilustrou o trabalho do fotógrafo algarvio Samorinha.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

“... Ou com pézinhos de lã”

Através de um satélite, que leva e traz recados disse a televisão que «Portugal fica mais próximo». Não sei se. Nunca ninguém entende claramente o que certas pessoas querem dizer ao certo quando falam de Portugal.

O Continente, os Açores e a Madeira tiveram a meia-hora cada para festejar o acontecimento. Em termos de qualidade e de trabalho televisual, os Açores ganharam a taça, se a houvesse: melhor apresentadora, melhores e mais sugestivas paisagens a enquadrar os artistas, melhor discurso. Realmente, ao intragável pastelão do Balsemão (rima e tem razão) à intervenção conflituosa de Jardim, respondeu Mota Amaral com uma pequena peça harmoniosa e simples, no cenário verde e luminoso, fora dos estúdios e sem sebesta.

As paisagens, as povoações, a nobreza da arquitectura, em quantos de nós terão despertado o desejo, o sonho de conhecer a portuguesa terra dos Açores. Os açorianos ausentes terão sofrido dogado de saudades. «Se a Guiomar está a ver isto, com certeza que já tem uma lagrimazita ao canto dos olhos» — dizem-me aqui ao lado.

Não importa a Guiomar. Importa o bom trabalho, o seu reflexo. Parabéns, Açores.

Quanto ao satélite, bem. Vai encaminhar muito, muito lixo para os Açores e para a Madeira. Mas, como dizia o outro, «esperemos em Deus» que boas notícias também dará um dia.

Lição preciosa

«Tocando contra o tempo» trouxe-nos um notável documento sobre um inferno chamado nazi.

Com um pormenor a realçar: até agora, as vítimas nazis eram exclusivamente os judeus. Com esta produção, que vimos nós? Vimos que o nazismo destruiu judeus, semijudeus, católicos, comunistas. Destruíram tudo onde houvesse um sinal de cultura, de inteligência, de amor a uma pátria, a um ideal.

Esta verificação é preciosa. Responsabiliza-nos a todos, imana-nos na tarefa comum de impedir o seu regresso. Nisto devemos jogar toda a nossa atenção, pois como canta Sérgio Godinho «o fascismo é uma minhoca/que se infiltra na maçã/ou vem com botas cardadas/ou com pezinhos de lã».

Dificilmente vão os telespectadores esquecer a cena final da série: quando eram encaminhados para um barracão onde seriam exterminados, os prisioneiros são interceptados e salvos pelo exército soviético. No rosto do jovem soldado, nos seus olhos longos, espelha-se todo o espanto, toda a mágoa, toda a incredulidade.

Soldado simples de uma Pátria que, para salvar a Humanidade, sacrificou 20 milhões dos seus filhos. Nunca, ao longo da História, um povo deu tanto aos outros povos. Eles estão na raiz da nossa liberdade.

«Grande malandragem»

Por isso mais dói que, por conta de interesses mesquinhos,

«Grande Reportagem» tenha descido tanto na desinformação e na calúnia, pela voz (mal empregada voz...) de Joaquim Furtado e pelo texto de uma Andringa historicamente anti-soviética, numa linha, enfim, coerente, com as origens de simpatia activa por um grupelho neonazi.

Com pretexto na morte do Brejnev, valeu tudo. Sem imaginação, e talvez sem vocação para grandes esforços, as imagens recolhidas foram aquelas que sempre serviram para aquele fim, mesmo com Brejnev vivo... Nem faltou a batota: o discurso de Brejnev, apontado como o último, não passava da sua intervenção aquando — da visita de Carter, há anos...

Indecente aquela invencionice da «partilha»: a URSS desinteressar-se-ia de Portugal, a troca das mãos livres em África!!! Onde raio é que esta Diana caçará suas viboras?

A verdade é bem outra, como expôs o dr. Mário Neves, primeiro embaixador em Moscovo: Brejnev reiterou-lhe total abertura para ajudar o nosso país em tudo quanto estivesse ao seu alcance e pelo modo que o nosso país julgasse mais conveniente. Atitude que flagrantemente contrasta, com a doutros países nossos «amigos».

A passividade face às Malvinas, é outro jogo maligno. A própria imprensa portuguesa acentuou a disponibilidade da União Soviética para auxiliar a Argentina. E se mais não fez, foi exactamente porque o governo argentino não quis.

O mesmo sucedeu no Líbano. Só que a União Soviética não pode ajudar, à força, a velhinha

que atravessa a rua.

Outra infâmia: a do imaginário desastre de viação num túnel em Cabul, apresentado como um «revez» para a URSS. Primeiro, tal facto foi desmentido e a BBC noticiou com a maior reserva, enquanto a RTP até inventou que havia testemunhas!!!

Mas suponhamos que houvesse o acidente. E depois? Se um correspondente estrangeiro agisse do mesmo modo, face a um descamiamento em Portugal, alguém acharia correcta uma notícia deste género despachada para fora do país: «o acidente na linha Lisboa-Porto representa grave revés para o Governo Balsemão».

Também a certa altura, a URSS é apresentada como «grande potência económica e militar». Finalmente reconhecem isso! Aqui há anos, ninguém acreditava. Dizia-se que era impossível. Doze milhões de mortes durante as invasões dos 14 países para abafar o socialismo, 20 milhões na segunda guerra, o país devastado, terra queimada, «um século não vai chegar — dizia-se — para pôr tudo como estava». E afinal?

Afinal, apesar dos colossais esforços para a defesa da Paz, a URSS em pouco tempo converte-se pelo trabalho, sacrifício, organização social de tipo novo, numa «superpotência».

Assim é que «eles» se apanharam. Tanto falam, que lhes foga, sem querer a língua para a verdade.

Termino manifestando a minha estranheza pelos cortes que retalharam a «Grande Reportagem», fora do texto da Andringa. Ali anda coisa. Ali anda, anda...

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO

2.ª Publicação

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados na execução para reclamação e pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias que começará a contar da data da publicação do 2.º anúncio.

Execução Sumária n.º 1899 — 3.ª Secção
Exequente — CERTIFIED — PRODUTOS DE MANUTENÇÃO INDUSTRIAL, LDA, c/ sede na Av. Camões, 19 — 18.º Esq., em Lisboa.

Executado — ANTONIO JOSÉ DOS SANTOS, comerciante, com domicílio em Memória, Albergaria dos Reis — Pombal

Lisboa, 4 de Novembro de 1982

O JUIZ DE DIREITO,

a) Carlos da Silva Caldas

O ESCRIVÃO ADJUNTO,

a) Jorge M'Alves



Use sempre
o cinto
de segurança

Adaptado e vivaz.

POUPE
COMBUSTÍVEL
Partilhe o seu automóvel
com outras pessoas
que façam habitualmente
o mesmo percurso.



Federação dos Sindicatos
do Sector da Pesca

GREVE NACIONAL DE PESCADORES

22 DE NOVEMBRO DE 1982

PRÉ-AVISO

Ao Ministério do Trabalho

À Secretaria de Estado das Pescas

À Secretaria de Estado da Segurança Social

A todas as Associações Patronais e Armadores do Sector da Pesca

Nos termos do Art.º 59.º da Constituição da República Portuguesa e da Lei 65/77, de 26 de Agosto, torna-se público, para o âmbito estatutário da FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DO SECTOR DA PESCA e dos Sindicatos filiados e signatários, que os pescadores efectuarão uma paralisação, durante 24 horas, no dia 22-11-82, a partir da hora a que, cada arte, em cada porto, deveria sair para o mar após o descanso semanal, com o fim de exigir a revogação da Portaria 796/82, de 21 de Agosto, que integra a Caixa de Previdência e Abono de Família dos Profissionais da Pesca nos Centros Regionais de Segurança Social, liquidando-a.

- Pela manutenção das regalias sociais dos pescadores!
- Pela melhoria da Previdência!
- Pela melhoria das condições de vida!

Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca
Sindicato dos Pescadores de Vila Praia de Ancora
Sindicato dos Pescadores de Viana do Castelo
Sindicato dos Pescadores de Póvoa de Varzim
Sindicato dos Pescadores de Vila do Conde
Sindicato dos Pescadores de Matosinhos
Sindicato dos Pescadores do Porto (Afurada)
Sindicato dos Pescadores de Aveiro
Sindicato dos Pescadores do Distrito de Coimbra (Buarcos)
Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Distrito de Leiria (Peniche)
Sindicato Livre dos Pescadores (Lisboa)
Sindicato dos Pescadores do Distrito de Setúbal
Sindicato dos Pescadores do Distrito de Faro

O SECRETARIADO
Frederico F. Pereira

TV
MARCELO

Repara hoje em sua casa até as 24 horas todas as marcas com garantia. Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu. Serviço permanente do sábado a domingo. Tel. 21111111 - 21111111

Hoje



Romy Schneider, numa cena do filme «Uma história simples» que se exhibe esta noite na RTP-1

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.20 Tempo dos mais novos

18.55 Nunca é tarde

19.20 Património

19.55 O Tempo

20.00 Teletexto — As notícias do País e do estrangeiro

20.35 Noite de Cinema — «Uma história Simples». Intérpretes:

Romy Schneider, Bruno Cremer e Claude Brasseur.

Realização: Claude Sautet

22.45 Último jornal



No programa «Hoje Convidamos», na RTP-2, actua José Cheta (na foto)

17.50 Tripoli. Intéretes:

Howard da Silva,

Philip Reed e Mau-

reen O'Hara. Real-

ização: Will Price

19.30 Pais, Pais

19.55 Desenhos Animados

20.20 Enquadramento

20.45 Hoje convidamos.

Com José Cheta. Par-

ticiparão ainda Cris-

tina Kopks, Cândida

Branca Flor e Pedro

Couto Soares.

22.00 Telenovela — «Cabo-

cla»

22.30 Jornal da noite.

Amanhã



08.00: Bom Dia Portugal; 09.30: Desenhos animados; 10.00: Cozinha o láz; 10.30: Vale a pena ver de novo; 11.30: Erros judiciais; 12.00: «Baila corrigio»; 13.00: Jornal da tarde; Das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV; 18.30: Tempo dos mais novos; 18.55: Respublica; 19.20: Autovisão; 19.55: O Tempo; 20.00: Teletexto; 20.30: Concurso «Toma lá dá cá»; 21.30: 1.ª Página; 22.45: Últimas notícias.

09.30: Teletexto; 18.00: Pimenta francesa; 19.30: Pais, Pais; 19.55: Desenhos animados; 20.30: Ópera «A Criação»; 22.20: 1.ª Cabocla; 22.50: Jornal da noite.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si.



«Uma História Simples»
(20.35)



José Cheta
(20.45)

...e sugere para hoje...



«CABOCCLA»

Belinha confessa à mãe que se encontrou com Neco. Zuca não fica muito entusiasmada ao ver o vestido de noiva que a mãe lhe está a fazer e diz-lhe que não sabe se gosta de Tobias para casar com ela. Tobias diz a Zuca que acha Zuca muito estranha, pois ela nunca mais falou sobre o casamento. Pressionada pelos pais, Zuca diz a Tobias que só se casará quando ele ganhar a questão das terras, pois não quer viver na miséria. Justino pede desculpas a Neco por lhe ter falado e conta-lhe que o capitão Macário pediu a mão de Belinha para o filho, mas que o vigário disse que ela iria ser freira.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

O FITEI prossegue no Porto, e a exemplo do ano transacto inclui na sua programação deste ano dois espectáculos de ballet pelo Grupo Experimental de Dança Jazz, hoje e amanhã, às 21.45, no Carlos Alberto. Outros espectáculos: a Cooperativa Cena, do Porto, apresenta hoje e amanhã, às 21.45, na sala dos Modestos, «Leônio e Lena», de Buchner, numa encenação de Stephan Stroux que constitui uma tentativa de releitura daquele texto, «à luz da nossa realidade histórica individual e colectiva».

A Companhia de Teatro Profissional de Santarém, dirigida pelo encenador José Gil, antestreia hoje, às 21.30, no Museu Distrital scalabiano, a peça «A Morte de Abjer-o Garanhão», a partir de um texto de Prosper Merimée, numa encenação de Fernando Mora Ramos, com coreografia de José Carlos Faria e interpretação de, entre outros, Ana Consolado, Alberto Serra, Gomes Vidal, João Paulo, José Lobato, José Pedro, etc..

A Associação de Estudantes do Departamento de Artes Plásticas e Design da ESBAL promove duas sessões de teatro, hoje e no dia

23, às 18 horas, sala de alunos da escola, com o último espectáculo do grupo «Máscara» intitulado «Animais de Estimação».

«A última moeda», agora em versão II, volta a Lisboa e reinstala-se no Roller-Bar a partir de hoje. De quarta a sábado, às 22 horas, não vão faltar, na R. Ricardo Espírito Santo, 6-A, confusões, complicações, polícia, rusgas, pastéis de bacalhau, ceguiños e guitarradas... Com textos e coordenação de Fernando Gomes, actuam no espectáculo Maruga, António, Cardoso, Cândida Vieira e Fernando Gomes.

Cinema

No Auditório da Cooperativa Árvore a Associação Portugal-Checoslováquia vai realizar nos próximos dias 19 e 20 do corrente mês, uma pequena mostra do moderno cinema checo. Serão projectadas as seguintes longas metragens: «Diagnóstico: Morte», «Rascunho para um Conto» e «Signum Laudis». A entrada é gratuita.

Música

José Mário Branco, acompanhado por Armindo Neves, David Gausden e Rui Car-



Pintura de Gil Teixeira Lopes, em exposição na Galeria do Diário de Notícias

doso, vai dar três recitais, numa iniciativa do grupo Intervir, em Coimbra, no Teatro Sousa Bastos, hoje e amanhã, às 21.30, e na Figueira da Foz, no Teatro Caras Direitas (Buarcos), no dia 19, também às 21.30.

Conferências

Vem esta semana a Portugal, a convite do Instituto Alemão de Lisboa, o escritor Horst Bienek, para fazer conferências em Lisboa, Coimbra e Porto. Amanhã, pelas 11 horas, falará em Lisboa, na Faculdade de Letras, sobre Elias Canetti e o problema da literatura de exílio.

Exposições

Desenho e Pintura de Gil Teixeira Lopes na Galeria Diário de Notícias. A Galeria «Diário de Notícias», na sequência do seu programa de actividades para o ano em curso, apresenta a partir de hoje, às 18 horas, uma exposição de Desenho/Pintura, de Gil Teixeira Lopes. Personalidade das mais representativas da arte portuguesa do nosso tempo, Gil Teixeira Lopes que, desde 1960 é professor da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, tem realizado tanto no País, como

no estrangeiro, numerosas exposições individuais e participado, igualmente, em inúmeros salões colectivos de significativa projecção nacional e internacional. Quer pela sua obra, quer pela intervenção desenvolvida nos domínios artístico, cultural e pedagógico recebeu, entretanto, os prémios de maior prestígio.

Além de já possuir as principais distinções atribuídas em Portugal a um artista plástico, Gil Teixeira Lopes foi, também, galardoado nas bienais de Veneza, de S. Paulo, do México, da Noruega e na Intergrafik de Berlim. Por outro lado Gil Teixeira Lopes está representado nos museus e colecções portuguesas, bem como na Galeria Degli Uffizi de Florença, na Biblioteca do Congresso de Washington e no Gabinete de Estampe de Liège. E, também, nos Museus de Arte Moderna de Wrocław, de Seul e de Fredrikstad, bem como no Palácio do Ministério da Cultura de Bruxelas. A exposição de Gil Teixeira Lopes, a inaugurar agora na Galeria «Diário de Notícias», é constituída por uma notável série de trabalhos recentes que reafirmam, para além da perfeição técnica de um mestre, um expressivo sentido de criatividade.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5839-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de um troço da linha aérea a 10 KV N.º 1623 com 283 metros, entre o poste n.º 18 e n.º 20, passando pelo posto de sectionamento N.º 5839 anexo ao posto de transformação n.º 2848-C, de Isidoro Carvalho Simão, sito em Cruz da Moça-Montelavar.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 3 de Novembro de 1982.

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



COTAÇÕES DAS NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	68\$70	74\$70	
ALEMANHA FED. (marco)	35\$30	36\$40	
ÁUSTRIA (xelim)	4\$95	5\$15	
BÉLGICA (franco)	18\$55	18\$55	
BRASIL (cruzeiro)	\$131	\$381	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	74\$05	78\$05	
(notas de 5 a 1000)	74\$55	78\$55	
DINAMARCA (coroa)	10\$10	10\$50	
ESPAÑA (peseta)	\$692	\$822	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	90\$85	92\$85	
(notas de 5 a 1000)	91\$35	93\$35	
FINLÂNDIA (marka)	16\$35	16\$95	
FRANÇA (franco)	12\$45	13\$15	
HOLANDA (florim)	32\$05	33\$45	
INGLATERRA (libra)	148\$00	152\$00	
IRLÂNDIA (libra)	126\$05	124\$55	
ÍTÁLIA (lira)	\$056	\$066	
JAPÃO (iene)	\$312	\$347	
NORUEGA (coroa)	12\$05	12\$85	
SUÉCIA (coroa)	12\$00	12\$60	
SUIÇA (franco)	41\$25	42\$35	
VENEZUELA (bolivar)	18\$75	19\$75	

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

ANTENA UM

17.00: Informativo de Trânsito, «Duplo J»;
18.50: Catequese Semanal, do Papa João Paulo II (a palavra do Papa em língua portuguesa); 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim: «Os Miseráveis», de Victor Hugo; 20.15: «O Espaço é Meu»; 21.00: «Toda a Gente é Pessoa»; 21.30: «Viva a Noite»; Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

PROGRAMA 2

16.00: O Cravista George Malcom interpreta Bach; 16.30: Sonata n.º 2 em lá maior op. 100 para violino e piano de Brahms; 16.50: Sinfonia n.º 9, em ré menor op. 125 «Corale» de Beethoven; 18.05: Música portuguesa: Pequena suite para piano de António Frago, Quarteto para cordas de Filipe Pires, 4 Bostons para orquestra de arcos de Lopes Graça; 19.00: O Canto e os Seus intérpretes; 20.10: A Voz de Roma, a palavra do Papa em língua portuguesa; 20.20: O organista André Marchal interpreta Cesar Franck; 21.00: Música de Câmara. Quarteto n.º 5 em mi bemol maior de Dittersdorf Quinteto em lá maior de Bruckner; 22.00: Música coral sinfónica. Requiem de Berlioz; 23.30: Intercâmbio musical. Temporada de Concertos de 1981/82 da Rádio da Baviera em gravações cedidas por aquela emissora alemã. «Idílio de Siegfried» de Wagner. Sinfonia n.º 7 de Bruckner. Noticiário de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL ONDA MÉDIA (263,290 e 397 m)

17.00: Sortido fino; 20.00: Conta Corrente; 20.30: Quando o Telefone Toca (3.ª edição); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Hora Luterana; 22.30: Tempo de Desporto; 23.00: 24.ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-ESTÉREO (97,4 MHz)

15.00: O Vapor; 16.00: Som Da Frente; 18.00: Circuito em FM; 19.00: Em Órbita; 20.00: Musicando; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café Concerto. Noticiários de hora a hora.

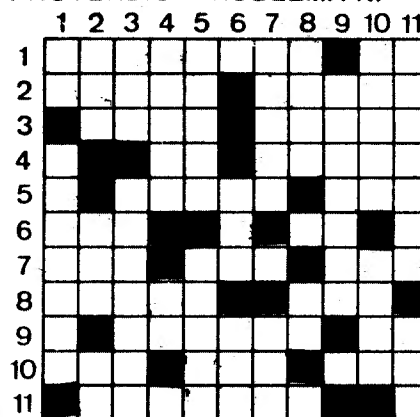
Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 580

HORIZONTAIS:

- 1 Cautelas. Ruim.
- 2 Nome pelo qual os alquimistas designavam o chumbo. Derribar.
- 3 Cubro de iodo. Arruine.
- 4 Sufixo que designa estado. Surripiam (pop).
- 5 Guarnecido de asas. Ama-seca.
- 6 Tens. Estrôncio (s.q).
- 7 Aqui está. Sede de concelho ou julgado (ant). Duna na Suécia.
- 8 Furiosa. Pedras de moinhos.
- 9 Molestais. Nosso Senhor.
- 10 Medida argelina usada na venda dos cereais e que vale 48 litros. Coração. Serra do estado do Ceará.
- 11 Série de arcos (pl).



VERTICAIS:

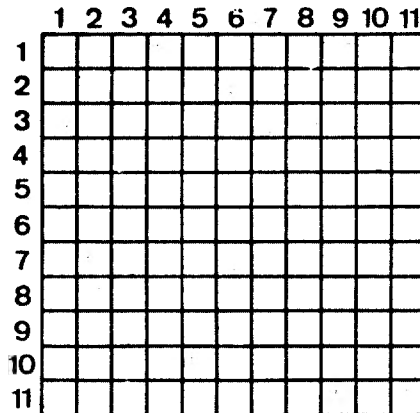
- 1 Aqui. Estranhos.
- 2 Intenção de a ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Maciço montanhoso do Saara meridional. Autores.
- 3 Concelho do distrito de Cabo Delgado. Arrasar.
- 4 Informações (fig). Catedral.
- 5 Freguesia do concelho do Seixal. Taberna.
- 6 O mesmo que diabo na linguagem caipira. Faz doação.
- 7 Oráculo. Cólera.
- 8 Régulo. Manuscrito.
- 9 Crustáceo comestível.
- 10 Assassinam. Burro.
- 11 Guarnecido de arames. O mesmo que bonzo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9440

HORIZONTAIS:

- 1 Pândega. Sadias.
- 2 Ave perneta. Adejaia.
- 3 Freguesia do concelho de Penafiel. Prefixo que designa afastamento. Cume.
- 4 Deram a cor do ouro a.
- 5 Nota musical. Imensidade. Onda.
- 6 Uma das ilhas Jónia. Aparência.
- 7 Esquina. Agarara.
- 8 Causa amuo a. Artigo definido. Armaria.
- 9 Destemidos.
- 10 Rio da Checoslováquia. Prendo. Porco.
- 11 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Guarnecesses de asas.



VERTICAIS:

- 1 Fúnebre. Solta com a voz sons musicais.
- 2 Estima. Prendem. Autores.
- 3 Cabo da costa de Portugal. Casadoiro.
- 4 Arremedara.
- 5 Pompa.
- 6 Formara as abas a. Ovários dos peixes.
- 7 Nota musical. Casobre.
- 8 Cingias. Solitários.
- 9 Lago da Finlândia. Tempo do verbo ir.
- 10 Prefixo de negação. Suplício de estrangulação usado em Espanha.
- 11 Separaram de. Artigo definido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9439

HORIZONTAIS:

- 1 O. DINHEIRO.
- 2 Fô. Iodam.
- 3 Cam. Ma.
- 4 Ellis. Amenais.
- 5 Ganas. Ema.
- 6 Aras. Braga.
- 7 Ir. Dom. Air.
- 8 Cairm. Los. Sa.
- 9 Amarrotam.
- 10 Co. Urtara.
- 11 Assuma. Arco.

VERTICAIS:

- 1 CEGA. Caça.
- 2 Falárimos.
- 3 Dominaria.
- 4 Sás. Mr.
- 5 Nio. Rum.
- 6 Hó. A. Bolota.
- 7 ED. Marmota.
- 8 late. Sara.
- 9 Rm. Nega. Mar.
- 10 Mamais.
- 11 Casa. RAZÃO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 579

HORIZONTAIS:

- 1 Trafalgar.
- 2 Airão. Upa.
- 3 Sa. Mas. Apio.
- 4 Cró. Erin.
- 5 Acre. Mãos.
- 6 Od. Anda. Ce.
- 7 Cs. Ama. Miar.
- 8 Arati. Ase.
- 9 Sapa. AR.
- 10 Trairias. Ma.
- 11 Aa. Sassaras.

VERTICAIS:

- 1 Tasca. Casta.
- 2 Arcos. Ara.
- 3 Aa. Oro. Apá.
- 4 Fim. Atais.
- 5 Arão. Ama. Rá.
- 6 Lás. Anatais.
- 7 Go. Irás.
- 8 Armam. Sa.
- 9 Rupa. las.
- 10 Pinocas. Ma.
- 11 Dão. Serenas.

Provérbio: O8 dinheiro cega a razão

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
007 CONTRA GOLDFINGER
c/ Sean Connery

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
DR. JEKYLL GOSTA DELAS QUENTES
Não acon. men. 13 anos

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 21.30 e 23.30 - Int. men. 18 a.
MONTENEGRO
Um filme de Dusan Makanejen
3.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CJAMANGO, O VINGADOR
1.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A GUERRA DO FOGO
15.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

às 14.00 - 16.30 - 19.00 - 21.30
O MEU TIO
Para todos

CASTIL 530194

Rua Castilho

N. a. m. 13 anos

Às 15.30, 18.30 e 21.30
O CASAL TRAPALHÃO

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.00 - 16.30, 19.00 e 21.30
- Int. men. 13 a.
AVENTURA E AVENTURA
Às 24
AS NOTAS DIABÓLICAS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
A FILHA DE ELISABETH
Às 24
A RAPARIGA E O DETECTIVE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NUNCA DIGAS ADEUS
2.ª Semana
Às 24
MORTE NO MILO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
ROCK É ROCK MESMO

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
PERIGO NA SOMBRA
3.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
VEJO DO OUTRO MUNDO

ESTÚDIO 555134

Alm. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A ODISEIA DO SUBMARINO 96

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O REGRESSO À BEM-AMADA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
FINE FOX
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
OS HOMENS QUE EU AMEI
4.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1/6/82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
STAR TREK II

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
N. a. m. 13 anos
O HOMEM DAS LENTES MORTAIS

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FACE DO PODER

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A FACE DA VINGANÇA
2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ILHA AZUL
5.ª Semana



A saudade de Veronica Voss de Fassbinder, em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- Int. men. 13 a.
YOL

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- Int. men. 13 a.
A FÚRIA DE VENCER

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
A SAUDADE DE VERONICA VOSS

SALA 4
Às 14, 16.30, 19, 21.15
- N. ac. men. 18 a.
NOTES ESCALDANTES

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O DIA DO PERDÃO
c/ Roger Hanin, Cid Goldsmith
e J. L. Trintignant

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Não acon. men. 18 anos
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
GENTE SÉRIA É OUTRA COISA!

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
3.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- Para Todos
LOUCAMENTE APAIXONADO
5.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14.00, 16.15, 19.00 e 21.15
- Int. m. 13 anos
CÍRCULO DE MENTIRA

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A VIDA CONTINUA

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 88
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
Um filme de Steven Spielberg

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
10.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
NOTES ESCALDANTES
4.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
PINK FLOYD - THE WALL
3.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
2.ª Ano

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FÚRIA DE VENCER

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Monte Negro», às 21.30 (18 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «Pink Floyd - The Wall», às 21.30 (18 anos)

CAPITÓLIO - «Jogatana Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

CITY CINE - «A Odisseia do Submarino 96», às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - «Firefox», às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA - «A Nini Preparou Tudo», sessões permanentes (18 anos)

MUNDIAL - «Veio do Outro Mundo», às 21.30 (18 anos)

RESTELO - «Um Fantasma na Minha Cama», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «As Aventuras em Marmalecha», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Sexo à Venda», às 21.30 (13 anos)

2000 - «Os Tigres do Mar», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGES - Stadium - «DE Quem é a Vida Afinal?», às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - Chaplin, «Sansão», às 21.15 (13 anos)

OBRAS - Odeon-cine, «A Pantera Negra», às 21.15 (18 anos)

PAREDE - Royal-cine, «Hardcore», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL - Casino, «Os Gansos Selvagens», às 17 e 21.15 (18 anos)

ESTORIL - Palácio - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - Odeon - «Violentos Profissionais», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DA CAPARICA - Sécine - «Amorça Inesperada», às 21.45 (18 anos)

ALMADA - Cine-Almada - «Um Casamento Muito Especial», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Incrível - «Adolescência Turbulenta», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «Chamavam-lhe Bulldozer», às 21.15 (13 anos)

TRAFARIA: Pavilhão Jardim, «Quero de Alguém», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA: D. João V, «Miguel de Fátima», às 21.30 (13 anos)

AMADORA: Cine Plaza, «A Lical, o Diabo e a Água Santa», às 21.30 (13 anos)

AMADORA: Lido, «Delícias no Lido», às 21.30 (13 anos)

AMADORA: Cinelândia, «Desobediência», às 21.30 (13 anos)

CASCIS: Cinelândia Flores, «Tudo Boa Gente», às 21.30 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO - «Pânico em Nova Iorque», às 21.30 (13 anos)

RAIONE - «O Navio Fantasma», às 21.30 (18 anos)

CHAPLIN - «O Homem da Montanha», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «Os Comandos de sua Majestade», às 21.30 (18 anos)

TERÇO - «O Pequeno Barba-Negra», às 21.30 (13 anos)

ÁGUA - «A Fúria do Dragão», às 21.30 (18 anos)

S. JOÃO - «As Confissões de Wanda Naoch», às 21.30 (18 anos)

COUSEU - «Os 5 Magníficos», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - «Luta pela Liberdade», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «A Lical Seduz o Professor», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «Cães de Pálha», às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - «Cocaina Cow-boys», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «The Wall», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE - «O Casal Trapalhão», às 21.30 (13 anos)

REVOLI - «A Rainha Africana», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - «Montenegro», às 21.45 (18 anos)

BEBÉ - «Três Imãos», às 21.45 (13 anos)

LUMIERE-A - «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)

LUMIERE-L - «Viva James Bond», às 21.45 (13 anos)

PEDRO CEM - «A Homenagem», às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ANEXO-APEAREIRO - Cidade - Rua Agostinho Lourenço, 6 B (T. 890331)

CAMPO DOURADO - Castelo Fossado - Rua 4 de Infanteria, 28 A (T. 68657)

CAMPO PEQUENO - AV. ROMA - Galileo - Av. Oscar Monteiro Torres, 38 A (T. 774920)

CANDE - Leal de Matos - Rua Neves Costa, 33-35 (T. 780181)

JANELAS VERDES - Nazaré Pêlo - Linhas Torres 262 B (T. 790332)

JANELAS VERDES - Nazaré Pêlo - Rua Presidente Américo, 39 (T. 667460)

SAPADORES - Brancalhão - Rua dos Sapadores, 87-89 (T. 842725)

SÃO SEBASTIÃO - Sé de Beira - Rua Mar, Sé de Beira, 36-42 (T. 554672)

SÉ - Santa Luzia - Rua da Saudade, 2 B (T. 869831)

TIVOLI-RESTAURADORES - Galéncia - Rua das Pretas, 12-14 (T. 322588)

ALGÉS - Dias & Sarilho - Rua Major Afonso Paes, 19 (T. 2114487)

ODIVELAS - Castelo Taveiras - Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes, 29 A

Lisboa

VILLARIET - «Em Carne Cor-de-Rosa Encarnada», às 22.00 (18 anos)

MONUMENTAL - «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)

TEATRO ABERTO - «Opcam Como Eu Respiro», às 21.30 (18 anos)

MARIA VITÓRIA - «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

D. MARIA II - «Pedro o Cru», às 21.30 (13 anos)

ABC - «É Sempre a Aventura», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

ROLLER-BAR - Café Teatro - «A Última Moeda», às 22.00 (12 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA - «As Taradas», às 21.30 (13 anos)

(T. 915446); PONTINHA - Lúcio Ribeiro - Rua A do Falcão, 3 A (T. 993912)

REFORÇO

ALTO DO PINA - Essel - Rua Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912)

ALVALADE - Roma - Av. de Roma, 85 B (T. 772466)

BARRIO ALTO - Labor - Rua Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428)

BENEFICÊNCIA-SETE ROSAS - Laranjeiras - Rua Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035)

BENFICA-CENTRO - Lisboa - Rua Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393)

CALVÁRIO-ALCANTARA - Lupi Nogueira - Rua José Dias Coelho, 4 (T. 631635)

CAMPOLIDE - Imperial - Rua General Taborda, 28-30 (T. 680931)

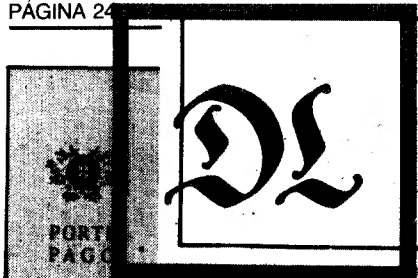
CHELAS - Barba - Est. Chelas, 173-175 (T. 2518518)

ESTEFÂNIA - Universal - Rua Actor Taborda, 5-7 (T. 44158)

MARQUÊS DE POMBA - Ribeiro & Castro - Rua Brancamp, 52 C (T. 43409)

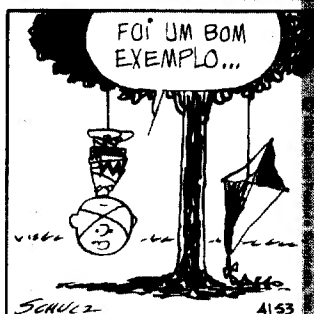
MARTIN MONIZ - Taveres - Rua da Palma, 194 (T. 863350)

OLIVAS - Higiene - Rua Cid. Vila Cabral, Lt. 43



PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.P.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade:
 RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 320743
 Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1 - 1000 LISBOA
 Telefones: 694831/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telefónico: DIBOA
 Telex 12383 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



O TEMPO
 MARES DE HOJE
 PREIA-MAR BAIXA-MAR
 3.50 4.1 m 9.22 1.1 m
 16.09 3.9 m 21.34 1.2 m
 Dia 18
 4.25 4.0 m 9.56 1.2 m
 16.44 3.8 m 22.07 1.3 m
 TEMPERATURA DO AR
 AS 9 HORAS

Viana do Castelo	10°
Bragança	2°
Vila Real	7°
Porto	9°
P. Douradas	8°
Coimbra	8°
C. Carvoeiro	13°
Portalegre	11°
Lisboa	13°
Évora	8°
Beja	8°
Sagres	13°
Faro	13°
P. Delgada	15°
Funchal	18°

últimas

A NACIONALIZAÇÃO DA SONEFE (Empresa de Electricidade) pelo Estado angolano, é o objectivo principal da visita do secretário português da Cooperação, Luís Fontoura, sabe-se de fonte oficial.

Luís Fontoura que chegou terça-feira a Luanda, espera resolver os detalhes finais do contencioso da nacionalização da Sonefe, sociedade de capitais portugueses, procurando ultrapassar "algumas fricções", que por vezes ameaçam a "estabilidade" da cooperação entre os dois países.

O MUNICÍPIO DE VILA REAL aprecia hoje o processo de adjudicação da conduta de abastecimento de água à cidade, obra avaliada em cerca de 80 milhões de escudos, revelou o presidente da edilidade.

A conduta, com uma extensão de 12 quilómetros, ligará a barragem da serra das Muas, concluída em Julho, a Vila Real.

A respectiva estação de tratamento deverá ser construída no próximo ano, depois de obtidos os resultados das análises da água, especialmente proveniente das chuvas, de forma a ver qual o tipo de correcção a introduzir.

O SECRETÁRIO-GERAL do Partido Comunista Português declarou ontem em Moscovo, que Leonid Brejnev ficará na história como um destacado dirigente marxista-leninista, tendo exercido uma notável influência sobre a marcha dos acontecimentos internacionais.

Referindo-se às relações entre o PCP e o PCUS, o secretário-geral do Partido Comunista português salientou que as relações entre os dois partidos se processam na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, caracterizando-se por uma coincidência de pontos de vista no respeitante às mais importantes questões.

Acrescentou que entre o PCP e o PUS existe uma amizade fraterna, cooperação e respeito mútuo, sinceridade, cordialidade e espírito de camaradagem.

Álvaro Cunhal deslocou-se a Moscovo para assistir ao funeral de Brejnev.

COM A BOCA NA BOTIJA é o que se poderia dizer de Benavindo Francisco Polónio Santos, apanhado no interior da arrecadação dos Armazéns da Betesga à Praça da Figueira em Lisboa, onde penetrou por uma janela do terceiro andar. O indivíduo com 40 anos, estava hospedado numa pensão da Rua dos Douroadores e pelos telhados conseguiu atingir a janela em questão. Preparava-se para levar as peças de vestuário de mais agrado no valor de 500 contos quando foi agarrado por um empregado. Diz-se cineasta e haver regressado recentemente da Suíça. A Polícia apreendeu no seu quarto cerca de 30 contos e apresenta-o esta tarde ao juiz de Instrução Criminal.

Força Aérea ter-lhes-ia recusado auxílio

Noite de pânico para tripulantes do pesqueiro "Estrela de Sesimbra"

Após uma noite de angústia os 22 tripulantes do pesqueiro "Estrela de Sesimbra", à deriva ao largo do Cabo de S. Vicente, com a casa das máquinas alagada, acabaram por detectar o rombo, saindo assim da posição de risco em que estiveram durante cerca de doze horas. Pelo que apuramos esta manhã, junto do Estado-Maior da Armada, no local já se encontra a corveta

"Augusto de Castilho", pelo que a situação se poderá considerar praticamente resolvida. No entanto, segundo afirmou ao "DL" o comandante Correia Jacinto, porta-voz daquele departamento, o facto do barco não possuir jangadas a bordo, para além de outras possíveis infracções, poderá ser motivo para um inquérito.

Enquanto isto, os pescadores

de Sesimbra acusam a Força Aérea de não ter enviado um helicóptero ou um avião em socorro do navio em perigo, sob o pretexto de que "já era quase noite", apesar da sua intervenção ter sido solicitada pela própria Armada e dos primeiros contactos nesse sentido se terem iniciado entre as 15 e as 16 horas, directamente para a Base Aérea do Montijo.

Quando fotografavam pontes destruídas por sul-africanos

Dois marinheiros portugueses detidos em Angola

Dois oficiais do cargueiro português "Alcoutim", os engenheiros maquinistas Carlos Claro Dias, de 23 anos, e Jaime Roque Barão, de 27, foram presos no Sul de Angola sob a acusação de terem tirado fotografias nas cercanias do porto de Namibe, onde dias antes um comando sul-africano tinha dinamitado duas pontes.

Os dois oficiais, de acordo com o Sindicato dos Oficiais e Engenheiros Maquinistas da

Marinha Mercante que veicula a informação, pertenciam à tripulação do navio, propriedade da Companhia Nacional de Navegação, que se encontrava naquele porto em operações de carga e descarga.

A mesma fonte refere que o comandante do "Alcoutim", acompanhado pelo engenheiro maquinista chefe, tentou em vão dissuadir os captores, pertencentes à Polícia de Fronteiras de Angola, não conseguindo tam-

bém ser recebido pelo secretário provincial do Namibe. Depois de ter estado imobilizado 12 horas no porto de Namibe, o "Alcoutim" foi obrigado a seguir viagem, rumo ao Maputo, sem os seus dois tripulantes a bordo, facto que viola, segundo o Sindicato, "as normas de segurança das embarcações e da salvaguarda da vida humana no mar".

Até ao fim desta manhã não eram ainda conhecidas quaisquer reacções sobre o incidente.

Mortos na estrada diminuem mas acidentes aumentam

O número de acidentes de viação continua a aumentar em Portugal mas, em compensação, morre-se menos. A GNR, ao divulgar estes dados, não deixa de manifestar certa surpresa já que o decréscimo de vítimas ocorre a despeito do aumento do parque automóvel e, sobretudo, da sua deterioração.

Segundo um informador da Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana uma das causas para este abaixamento de mortalidade residirá numa maior sensibilidade do automobilista para questões de segurança, designadamente o cumprimento do código da estrada, a utilização de cintos de segurança nos automóveis e capacetes entre condutores e passageiros de motorizadas.

Estas estatísticas são tanto mais surpreendentes quanto à diminuição da taxa de mortalidade na estrada não corresponde um abaixamento da sinistralidade automóvel. Bem pelo contrário, o número de acidentes na estrada aumentou nos dez primeiros meses deste ano em comparação com igual período do ano passado.

Vinte e quatro mil cento e vinte e dois é o número total de acidentes de viação registados de Janeiro a Outubro deste ano em comparação com os 23.574 acidentes nos dez primeiros meses de 1981. Apesar deste "superavit" de 548 acidentes, houve um "défice" de 205 mortos e 519 feridos - em 1981 o número total de mortos na estrada foi de 1574 e o de feridos de 22.977 contra 1369 e 22.478 durante 1982.

Entretanto a GNR continua a assinalar a falta de efectivos para atender aos períodos mais críticos em matéria de trânsito ao mesmo tempo que junta a sua voz à de outros críticos no que se refere ao mau estado das estradas portuguesas com o que isso representa em termos de sinistralidade.

CTT são os responsáveis

120 milhões para ligar o Nordeste ao resto do País

Um investimento na ordem dos 120 milhões de escudos aproximará o Nordeste Transmontano do resto do País e do Mundo já a partir de sábado. Não se trata ainda da rede viária que vem sendo reclamada para aquela região. Para já, prevalecerá a máxima: "não vá, telefone".

Com efeito, esta quebra no isolamento a que se encontra votada aquela região deve-se aos CTT, que dentro de três dias inauguram em Bragança duas novas estações telefónicas.

Uma beneficiará a rede local; a outra assegurará a ligação à rede interurbana. E, através desta última, os nordestinos poderão entrar em contacto com o estrangeiro.

Claro que o contacto automático com o estrangeiro não será para já. Há que dar tempo ao tempo. Por enquanto, os nordestinos verão reforçada a capacidade de ligação às redes de Vila Real e do Porto, sendo através destas que, por agora, poderão falar para fora do País.

Porém - dizem os técnicos dos

CTT - os melhoramentos introduzidos permitirão, a breve prazo, que o grupo de redes de Bragança tenha acesso automático a 17 países da Europa.

Enquanto tal não acontece, as redes de Bragança, ampliadas em 400 linhas, fornecerão aos seus utentes pequenas melhorias, como sejam o acesso ao "14", para assistência a assinantes de telefone e telex, ao "15", com informação da hora legal e ao "19", para serviço de despertar.

Em paralelo com estas melhorias, os CTT anunciam que ainda durante o mês em curso, ficarão automatizadas as redes de Vale de Salgueiro (Mirandela), Cardanha e Castelo Branco (Moncorvo) e Gostei (Bragança).

Cunhal homenageia Brejnev

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, declarou à imprensa soviética, em Moscovo, aonde se deslocou para participar nos funerais de Leonid Brejnev, que o falecido "líder" soviético ficará na história como um destacado dirigente marxista-leninista, que à frente do PCUS e do Estado soviético exerceu uma notável influência sobre a marcha dos acontecimentos internacionais.

Referindo-se às relações

entre o seu Partido e o PCUS, Álvaro Cunhal, sublinhou que elas se processam na base do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, caracterizando-se por uma coincidência de pontos de vista no respeitante às mais importantes questões. Cunhal - citado pela agência Novosti - acrescentou que entre os dois partidos existe uma amizade fraterna, cooperação e respeito mútuo, sinceridade, cordialidade e espírito de camaradagem.